

O MISTÉRIO DO COMBOIO AZUL
Agatha Christie

Era quase meia-noite quando atravessou a Praça da Concórdia um homem que, apesar do elegante casaco de peles que lhe cobria o corpo magro, tinha um não sei quê de vulnerável e sórdido.

Era um homenzinho de cara de rato, um indivíduo que, dir-se-ia, jamais poderia desempenhar papel importante ou tornar-se proeminente em qualquer esfera.

Contudo, quem chegasse a essa conclusão precipitada laboraria em erro, pois este homem de aspecto insignificante e desprezível desempenhava papel importante no destino do mundo: num império governado por ratos, era o rei da rataria.

Naquele momento, por exemplo, aguardavam o seu regresso numa Embaixada, mas primeiro tinha assuntos a tratar - assuntos de que a Embaixada não era, oficialmente, conhecedora. O seu rosto brilhava, branco e astuto, ao luar, que lhe sublinhava a levíssima curva do nariz. Seu pai fora judeu polaco e oficial de alfaiate, mas por certo teria gostado de um negócio como o que, naquela noite, ocupava o filho.

O homenzinho atravessou o Sena e entrou num dos bairros menos respeitáveis de Paris, parou diante de uma casa alta, em ruínas, e subiu ao quarto andar.

Mal tivera tempo de bater, uma mulher que evidentemente o esperava abriu a porta e, sem o cumprimentar, ajudou-o a despir o sobretudo e conduziu-o a uma sala mobilada com espalhafato e falta de gosto. Velavam as lâmpadas eléctricas quebra-luzes encarnados e sujos que, embora suavizassem, não disfarçavam a crueza do rosto muito pintado da rapariga nem, tão-pouco, as suas feições mongólicas. Não restavam dúvidas quanto à profissão e à nacionalidade de Olga Demiroff.

- Corre tudo bem, pequenina?

- Tudo, Boris Ivanovitch.

O homem acenou com a cabeça e murmurou:

- Não creio que me tenham seguido... - No entanto, o tom da sua voz denunciava ansiedade.

Aproximou-se da janela, afastou um pouco a cortina e espreitou, cuidadosamente.

- Estão dois homens no passeio, ali defronte! - exclamou, recuando cheio de pressa. - Parece-me... - calou-se e começou a roer as unhas, hábito que tinha quando estava preocupado.

A rapariga russa abanou a cabeça, num movimento lento e tranquilizador, e afirmou:

- Já aí estavam antes de chegares.

- Mesmo assim, parece que estão a vigiar esta casa...

- Possivelmente - admitiu, com indiferença.

- Mas então...

- Que tem isso? Mesmo que saibam, não será a ti que seguirão, quando saíres.

- Não - concordou, com um sorrizinho cruel -, lá isso é verdade. - Reflectiu, por momentos, e depois comentou: - O maldito americano deve saber defender-se.

- Creio que sim.

- Tipos duros - murmurou o homem, com uma pequena gargalhada, acercando-se de novo da janela.

- Conhecidos da Polícia, suponho... Enfim, desejo boa caçada aos amigos bandidos.

- Se o americano é o tipo de homem que dizem, serão precisos mais do que dois reles celerados para lhe levarem a melhor - observou a rapariga. - Pergunto a mim mesma...

- O quê?

- Nada. Esta noite passou duas vezes por aqui um homem... um homem de cabelo branco...

- Que tem isso?

- Ao passar por aqueles dois, deixou cair uma luva, um deles apanhou-a e devolveu-lha.

Estratagemas evidentiíssimas.

- Queres dizer que o tal indivíduo de cabelo branco é o patrão deles?

- Mais ou menos...

O russo pareceu alarmado e inquieto.

- Tens a certeza de que o pacote está seguro? Não lhe mexeram? Tem havido muita conversa... demasiada conversa... - calou-se e recomeçou a roer as unhas.

- Vê com os teus olhos.

A rapariga ajoelhou-se defronte da lareira e afastou desembaraçadamente os carvões. Do meio dos jornais amarrotados que se encontravam sob eles retirou um embrulhinho rectangular, envolto em jornal sujo, e estendeu-o ao homem.

- Engenhoso - aprovou aquele, com um aceno de cabeça.

- O apartamento foi revistado duas vezes e o colchão da minha cama rasgado.

- Tem havido muita conversa - repetiu o homem.

- Foi um erro regatear o preço como regatearam.

Nervosamente, retirou o jornal, o papel castanho que se encontrava a seguir e verificou o conteúdo do embrulhinho. Embrulhou tudo de novo, apressadamente, e mal acabara a campanha tocou.

- O americano é pontual - observou Olga, olhando para o relógio.

Saiu da sala e voltou um minuto depois com um homem corpulento e de ombros largos, cuja origem transatlântica era evidente. O olhar vivo do desconhecido passou de um para o outro dos russos.

- Monsieur Krassnine? - perguntou, delicadamente.

- Sou eu - respondeu Boris. - Peço-lhe desculpa da... da impropriedade deste local de encontro, mas impunha-se o máximo segredo. Não posso arriscar-me a que o meu nome seja por qualquer forma relacionado com este assunto.

- Sim? - murmurou o americano, no mesmo tom delicado.

- Dá-me a sua palavra, não é verdade, de que os pormenores desta transacção não serão tornados públicos? Foi uma das condições de... venda.

- Isso já estava combinado - redarguiu o outro, indiferente. - Agora talvez queira fazer o favor de mostrar-me a mercadoria.

- Trouxe o dinheiro, em notas?

- Trouxe.

No entanto, não esboçou a mais pequena intenção de o mostrar. Após um momento de hesitação, Krassnine apontou o embrulhinho que se encontrava em cima da mesa.

O americano desembulhou-o e levou o conteúdo para junto de uma pequena lâmpada eléctrica, onde o submeteu a minucioso exame. Tranquilizado, tirou então a carteira volumosa, da qual extraiu um maço de notas. Estendeu-as ao russo, que as contou cuidadosamente.

- Está bem?

- Muito obrigado, monsieur. Está certo.

O americano meteu descuidadamente o embrulho na algibeira e inclinou a cabeça a Olga:

- Boas noites, mademoiselle. Boas noites, Monsieur Krassnine. - Saiu e fechou a porta.

Os outros dois entreolharam-se e o homem passou a língua pelos lábios ressequidos.

- Conseguirá chegar ao hotel? - murmurou.

Voltaram-se ambos para a janela, instintivamente, a tempo de verem o americano chegar à rua. Virou à esquerda e afastou-se com passo firme, sem olhar para trás uma única vez. Duas sombras surgiram de um portal, seguiram-no silenciosamente e perseguido e perseguidores perderam-se na noite.

- Chegará ao hotel sem novidade - afirmou Olga Demiroff. - Não tens motivos para receios... ou esperanças.

- Porque dizes que chegará são e salvo? - perguntou Krassnine, curioso.

- Um homem que reuniu uma fortuna tão grande como a dele não é com certeza idiota - afirmou Olga.

- Por falar em dinheiro... - interrompeu-se e olhou, significativamente, para Krassnine.

- Que queres?

- A minha parte, Boris Ivanovitch.

Com certa relutância, Krassnine estendeu-lhe duas notas. A rapariga acenou com a cabeça, num agradecimento absolutamente desprovido de emoção, e guardou-as na meia.

- Sabe bem - comentou, satisfeita.

- Não tens pena, Olga Vassilovna? - perguntou-lhe o homem, curioso.

- Pena de quê?

- Do que esteve em teu poder e já não está. Muitas mulheres perderiam a cabeça por tais coisas.

- Tens razão, muitas mulheres sofrem dessa loucura - murmurou, pensativa. - Mas eu não...

Pergunto a mim mesma... -

Calou-se e deixou a frase em suspenso.

- Perguntas a ti mesma o quê?

- O americano chegará com elas, sem perigo, tenho a certeza disso. Mas depois?

- Em que estás a pensar, hem?

- Vai dá-las a uma mulher, sem dúvida - murmurou Olga, pensativa. - Que acontecerá então?

Encolheu os ombros, impaciente, e aproximou-se da janela. De súbito, soltou uma exclamação abafada e chamou o companheiro.

- Olha, o homem a que me referi vai agora a descer a rua.

De facto, um vulto esguio e elegante passava naquele momento defronte da janela, em baixo, com um andar despreocupado. Usava chapéu alto e capa e, ao passar por um candeeiro, a luz iluminou-lhe uma madeixa de bastos cabelos brancos.

II

O SENHOR MARQUÊS

O homem de cabelo branco continuou o seu caminho, sem pressa e aparentemente indiferente ao que o rodeava. Cortou para uma transversal à direita, depois para outra à esquerda, e de vez em quando assobiava baixinho.

De súbito estacou, de ouvido atento. Ouvira um certo som que podia ter sido provocado por uma câmara-de-ar que rebentasse ou por... um tiro. Os lábios entreabriram-se-lhe num sorriso e reatou o passeio despreocupado.

Ao contornar uma esquina deparou-se-lhe uma cena de relativa actividade a hora tão tardia. Um agente da autoridade garatujava num livrinho de apontamentos, rodeado por dois ou três transeuntes. Foi a um destes que o homem de cabelo branco perguntou, delicadamente:

- Aconteceu alguma coisa?

- Mais oui, Monsieur. Dois bandidos atacaram um cavalheiro americano idoso.

- Causaram-lhe algum dano?

- Oh, não! - exclamou o homem a rir. - O americano trazia um revólver na algibeira e disparou tão à tangente que os celerados tiveram medo e fugiram.

A Polícia, como de costume, chegou demasiado tarde.

- Ah! - limitou-se a murmurar o homem de cabelo branco, sem manifestar a mínima emoção.

Plácida e despreocupadamente, reatou o passeio nocturno, atravessou o Sena e chegou aos bairros mais ricos da cidade. Cerca de vinte minutos depois parou a uma porta, numa rua tranquila, mas aristocrática.

A loja, pois que de loja se tratava, tinha aspecto simples e desprezioso. M. Papopolous, negociante de antiguidades, era tão famoso que não precisava de anúncios, tanto mais que a maioria dos seus negócios não era feita ao balcão. M. Papopolous tinha um belo apartamento sobranceiro aos Campos Elíseos e seria de crer que lá se encontrasse, e não no seu estabelecimento, àquela hora

tardia, mas o homem de cabelo branco parecia confiante ao premir o botão da campainha pouco em evidência, depois de olhar rapidamente para ambos os lados da rua deserta.

A sua confiança justificou-se, pois a porta abriu-se e no limiar surgiu um homem com argolas de ouro nas orelhas e tom de pele muito moreno.

- Boas noites - disse o desconhecido. - O seu patrão está?
- O patrão está, mas não costuma receber visitantes ocasionais a esta hora.
- Estou convencido de que me receberá a mim.

Diga-lhe que o seu amigo, o senhor marquês, deseja vê-lo.

O homem abriu um pouco mais a porta e deixou o visitante entrar. Este ocultara parcialmente o rosto com a mão, enquanto falava, e quando o criado voltou com a informação de que M. Papopolous teria prazer em recebê-lo, verificou que uma pequena máscara de cetim preto lhe ocultava as feições. O criado devia ser muito pouco observador ou estar muito bem treinado, pois não traiu a mínima surpresa perante a insólita aparência do desconhecido. Conduziu-o a uma porta ao fundo do vestíbulo, abriu-a e anunciou, num murmúrio respeitoso.

- O senhor marquês.

O homem que se levantou para receber o estranho visitante tinha uma figura imponente, um não sei quê venerável e patriarcal, o carácter com a testa alta e abaulada, com a bonita barba branca e com as suas maneiras benignas e clericais.

- Meu caro amigo - saudou M. Papopolous, em francês, em voz rica e untuosa.
- Peço desculpa de vir tão tarde...
- Por quem é, meu caro! É, até, uma hora muito interessante. Teve, suponho, uma noite também interessante?

- Pessoalmente, não.
- Pessoalmente, não - repetiu M. Papopolous.

- Claro, claro que não... Mas traz-me notícias, hem? - e lançou-lhe um olhar de soslaio, que nada tinha de clerical nem de benigno.

- Não, não trago. A tentativa falhou como, aliás, eu já esperava.
- Evidentemente - murmurou o grego. - Uma tentativa rude...

Fez um gesto com a mão, exprimindo o seu intenso desagrado por todas as formas de rudeza. De facto, nada havia de rude em M. Papopolous nem nas mercadorias que vendia. Era muito conhecido na maior parte das cortes europeias e os reis tratavam-no amigavelmente por Demetrius. Tinha reputação de ser discretíssimo, virtude que, aliada ao seu aspecto nobre, lhe permitira sair incólume de várias transacções duvidosas.

- O ataque directo às vezes resulta, mas raramente - sentenciou, abanando a cabeça.
- Poupa tempo - redarguiu o outro, com um encolher de ombros - e o insucesso não custa nada... ou quase nada. O outro plano não falhará.

M. Papopolous olhou-o atentamente e o outro acenou com a cabeça, devagar.

- Tenho grande confiança na sua... enfim, na sua reputação - declarou o negociante de antiguidades.

- Creio poder afirmar que a sua confiança não será traída - murmurou o senhor marquês, com um sorriso suave.

- Tem oportunidades únicas - lembrou o grego, com um tom de inveja na voz.

- Arranjo-as. - Levantou-se, pegou na capa que atirara descuidadamente para as costas de uma cadeira e avisou: - Mantê-lo-ei informado, Monsieur Papopolous, através das vias habituais, mas não deve haver complicações nos seus planos.

- Nunca há complicações nos meus planos! -olveu M. Papopolous, indignado.

O outro sorriu e, sem uma palavra de despedida, saiu da sala e fechou a porta.

M. Papopolous ficou pensativo, a afagar a venerável barba branca, e depois dirigiu-se a uma segunda porta, que abria para dentro. Ao girar o puxador, uma rapariga que, tudo o indicava,

estivera com o ouvido colado à fechadura entrou de cambalhada no aposento. M. Papopolous não denunciou surpresa nem preocupação; devia estar habituado.

- Então, Zia?

- Não o ouvi partir...

Era uma mulher nova e perfeita, de linhas junescas, senhora de coruscantes olhos negros e tão grande ar de semelhança geral com M. Papopolous que era fácil ver serem pai e filha.

- Irrita - continuou, aborrecida - não ser possível ver e ouvir ao mesmo tempo, através de um buraco de fechadura.

- Já me aconteceu muitas vezes pensar o mesmo - redarguiu M. Papopolous, com grande simplicidade.

- Era aquele, então, o senhor marquês! - murmurou Zia, devagar. - Usa sempre máscara, pai?

- Sempre.

Pausa.

- Trata-se dos rubis, suponho? - inquiriu Zia.

O pai acenou afirmativamente e perguntou-lhe, com um brilho de ironia nos olhos pretos:

- Qual é a tua opinião, minha pequena?

- Do senhor marquês?

- Sim.

- Acho que é muito raro encontrar-se um inglês educado que fale tão bem francês - replicou, devagar.

- É essa, então, a tua opinião! - M. Papopolous não se comprometeu, como de costume, mas olhou a filha com ar de benigna aprovação.

- Pareceu-me, também, que a sua cabeça tinha uma forma esquisita - prosseguiu Zia.

- Maciça - concordou o pai -, um bocadinho maciça. Mas, claro, uma cabeleira postiça produz sempre esse efeito.

Entreolharam-se e sorriram.

III

CORAÇÃO DE FOGO

Rufus Van Aldin transpôs as portas giratórias do Savoy e encaminhou-se para a recepção, onde foi recebido com um sorriso e um cumprimento respeitoso pelo empregado.

- Muito prazer em vê-lo por cá de novo, Mister Van Aldin.

O milionário americano correspondeu com um aceno casual e inquiriu:

- Tudo bem?

- Sim, senhor. O major Knighton encontra-se já na suite.

- Algum correio? - perguntou o americano, com novo aceno de cabeça.

- Já mandaram tudo para cima, Mister Van Aldin... Ah, um momento! - Meteu a mão num cacifo e retirou uma carta: - Chegou mesmo agora.

Rufus Van Aldin aceitou a carta, mas ao ver a caligrafia - feminina e harmoniosa - o rosto transformou-se-lhe. Os contornos ásperos adoçaram-se, a expressão firme da boca suavizou-se, pareceu um homem diferente. Dirigiu-se para o elevador com a carta na mão e um sorriso nos lábios.

Na sala de estar da sua suite um jovem escolhia correspondência, sentado à secretária, com a rapidez e a segurança de quem tem longa prática. Levantou-se quando Van Aldin entrou.

- Viva, Knighton!

- Prazer em tê-lo de volta, senhor. Divertiu-se?

- Assim-assim - respondeu-lhe o milionário, sem entusiasmo. - Hoje em dia, Paris é uma cidade

insignificante. No entanto, obtive o que fui buscar - e sorriu para consigo, frouxamente.

- Como sempre, creio - comentou o secretário risonho.

- Exactamente. - Falava em tom casual, como quem se limita a apontar um facto evidente. - Alguma coisa urgente? - perguntou, despindo o grosso sobretudo e aproximando-se da secretária.

- Não creio, senhor. O normal, mais ou menos, embora ainda não tenha acabado a classificação.

Van Aldin esboçou um breve aceno de cabeça. Era um homem que raramente exprimia censuras ou elogios, que usava um método simples para com aqueles que empregava: proporcionava-lhes um período razoável de experiência e despedia sem hesitar os ineficientes. Não obedecia, também, a nenhum sistema especial para contratar os seus empregados. Knighton, por exemplo, conhecera-o dois meses antes, numa estância de repouso da Suíça. Simpatizara com ele, investigara as suas referências e encontrara explicação para o facto de o indivíduo coxear um pouco. Knighton não ocultara que procurava emprego e perguntara até ao milionário, timidamente, se não tinha conhecimento de nenhum lugar vago. Van Aldin lembrou-se, com um breve sorriso, do ar de completo espanto do rapaz quando lhe oferecera o lugar de seu secretário pessoal.

- Mas.. mas não tenho experiência nenhuma de negócios! - gaguejara.

- Isso não tem importância - afirmou o milionário. - Para tratar de negócios tenho já três secretários. Provavelmente passarei os próximos seis meses em Inglaterra e preciso de um inglês que... enfim, que saiba manejar os cordelinhos e encarregar-se, em meu nome, do capítulo social.

Até agora, Van Aldin não tinha motivos para se arrepende da sua decisão; Knighton mostrava-se activo, inteligente e cheio de recursos, além de possuir uma agradável distinção de maneiras.

O secretário apontou três cartas e sugeriu:

- Talvez fosse melhor dar uma vista de olhos por essas cartas, senhor. A primeira refere-se ao acordo Colton...

Mas Van Aldin levantou a mão, num protesto:

- Esta noite não tratarei de nada; podem esperar até amanhã de manhã. Esta é que não... - Indicou a carta que trouxera da recepção e a estranha transformação voltou a verificar-se.

Richard Knighton sorriu, compreensivo, e murmurou:

- É de Mistress Kettering? Telefonou ontem e hoje; parece ter muita urgência em vê-lo.

- Sim?

O sorriso apagou-se do rosto do milionário, que rasgou o sobrescrito e retirou a carta. A expressão endureceu-se-lhe, à medida que lia, e a boca readquiriu a severidade e a firmeza que a Wall Street tão bem conhecia.

Richard voltou-se, sensato, e recomeçou a abrir e a classificar a correspondência.

- Não tolerarei uma coisa destas! - explodiu o milionário, dando um murro na mesa e soltando uma praga. - Pobre rapariga. Felizmente pode contar com o velho pai!

Começou a andar de um lado para o outro, de sobranceiras franzidas numa carranca de irritação.

Knighton continuava às voltas com o correio, com um ar muito compenetrado. De súbito, Van Aldin interrompeu o passeio e pegou no sobretudo que atirara para as costas de uma cadeira.

- Vai sair outra vez, senhor?

- Vou ver a minha filha.

- Se os Coltons telefonarem...

- Diga-lhes que vão para o diabo!

- Muito bem - redarguiu Knighton, sem se perturbar.

Van Aldin vestiu o sobretudo, pôs o chapéu na cabeça e, já com a mão na maçaneta da porta, voltou-se e disse:

- Você é bom tipo, Knighton; não me faça quando estou irritado.

Knighton esboçou um leve sorriso, mas não respondeu.

- Ruth é a minha única filha e ninguém neste mundo avalia o que ela significa para mim! - Sorriu enternecido, meteu a mão na algibeira e perguntou:

- Quer ver uma coisa, Knighton?

Voltou para junto do secretário e tirou da algibeira um embrulho tosco, de papel castanho. Retirou o papel e revelou uma caixa grande, de veludo encarnado, no centro da qual se viam umas iniciais entrelaçadas, sob uma coroa. Abriu-a e o secretário susteve bruscamente a respiração: sobre o branco levemente sujo do interior as pedras brilhavam como sangue.

- Meu Deus! - exclamou Knighton, incrédulo.

- São... são verdadeiras?

Van Aldin soltou uma pequena gargalhada e comentou:

- Não me surpreende a sua pergunta. Entre estes rubis encontram-se os três maiores do mundo. Catarina da Rússia usou-os, Knighton! Esse do meio é conhecido por "Coração de Fogo". É perfeito, não tem uma falha!

- Mas devem valer uma fortuna! - gaguejou o secretário.

- Quatrocentos ou quinhentos mil dólares - elucidou o milionário, despreocupadamente -, não contando com o valor histórico.

- E o senhor anda com eles assim, na algibeira?

- Então? - ripostou, com um sorriso divertido.

- São uma prendazinha para a Ruthie...

O secretário sorriu, discreto, e murmurou:

- Agora compreendo a ansiedade de Mistress Kettering, quando telefonou!

Mas Van Aldin abanou a cabeça e as feições vincaram-se-lhe novamente.

- Engana-se. Ela não sabe; trata-se de uma surpresa. - Fechou o estojo e começou a embrulhá-lo.

- É duro verificar o pouco que podemos fazer por aqueles que amamos, Knighton - murmurou. - Podia comprar um bom naco da Terra para a minha Ruth, se lhe fosse de alguma utilidade; mas não é. Poderei pendurar-lhe estas pedras ao pescoço e proporcionar-lhe um momento ou dois de prazer, mas... Abanou a cabeça e acrescentou: - Quando uma mulher não é feliz no seu lar...

Não concluiu a frase e o secretário acenou, discretamente.

Por de mais conhecia a reputação do Honorável Derek Kettering!

Van Aldin suspirou, meteu o embrulho na algibeira e saiu da sala.

IV

NA CURZON STREET

A Honorável Mrs. Derek Kettering morava na Curzon Street. O mordomo que abriu a porta reconheceu Rufus Van Aldin, permitiu-se um discreto sorriso de boas-vindas e conduziu-o ao primeiro andar, à grande sala dupla.

Sentada junto da janela encontrava-se uma mulher, que estremeceu e soltou uma exclamação de contentamento.

- Oh, paizinho, que surpresa agradável! Passei o dia a telefonar ao major Knighton, para ver se o encontrava, mas ele não sabia ao certo quando regressava.

Ruth Kettering tinha vinte e oito anos e, sem ser bela, nem tão-pouco bonita, no verdadeiro sentido da palavra, impressionava pela cor dos cabelos. Em novo, Van Aldin tivera a alcunha de Cenoura e Ruivo, e o cabelo da filha era quase ruivo puro. Tinha olhos escuros e pestanas muito pretas - cujo efeito o artifício da pintura ainda acentuava mais... - era alta e esguia e sabia andar. À primeira vista, o seu rosto parecia o de uma madona de Rafael, mas uma observação mais atenta revelava uma linha de queixo idêntica à de Van Aldin, denunciadora da mesma inflexibilidade e determinação - virtudes que ficavam bem num homem, mas se coadunavam pouco com uma mulher. Desde criança que Ruth Van Aldin se habituara a satisfazer a sua vontade, e quem quer que tenha tentado opor-se-lhe depressa compreendeu que a filha de Rufus Van Aldin nunca cedia.

- Knighton disse-me que telefonaras, mas só regresssei de Paris há meia hora. Que história vem a ser essa acerca do Derek?

- É inacreditável, ultrapassa todos os limites! exclamou Ruth Kettering, corando de irritação. – Não dá ouvidos a nada do que lhe digo.

- Dará ao que eu lhe disser! - afirmou o milionário, em tom ameaçador.

- Há um mês que quase não o vejo - prosseguiu

Ruth. - Anda por toda a parte com aquela mulher...

- Com qual mulher?

- Mirelle, a que dança no Parthenon.

Van Aldin acenou, silencioso.

- A semana passada estive em Leconbury e falei com Lorde Leconbury. Foi muito amável, compreendeu-me perfeitamente e prometeu que falaria também com Derek.

- Ah! - exclamou Van Aldin.

- Que quer dizer com esse clah!!!, paizinho?

- Que hei-de querer dizer, Ruthie? O pobre Leconbury está velho, querida. Claro que te compreendeu e tentou tranquilizar-te; é natural que, tendo casado o filho com a filha de um dos homens mais ricos dos Estados Unidos, não queira estragar tudo. Mas toda a gente sabe que está com os pés para a cova e o que porventura disser ao filho não surtirá efeito.

- E o pai, pode fazer alguma coisa? – perguntou Ruth, ansiosa, passados momentos.

- Talvez... - Franziu a testa, num esforço de reflexão, e prosseguiu: - Podia fazer várias coisas, mas só uma dará resultado. Terás coragem, Ruthie? - A rapariga fitou-o, calada, e Van Aldin continuou:

- Quero dizer, serás capaz de admitir perante todos que cometeste um erro? E que só há uma maneira de sair desta complicação, Ruthie: liquidar o assunto e começar de novo?

- Quer dizer...

- Divórcio.

- Divórcio!

- Dizes essa palavra como se nunca a tivesses ouvido, Ruth - comentou Van Aldin, com um sorriso triste. - No entanto, as tuas amigas divorciam-se como quem bebe um copo de água!

- Bem sei, mas...

Calou-se, mordeu os lábios e o pai meneou a cabeça, compreensivo.

- Compreendo, Ruth; és como eu, não suportas a ideia de dar o braço a torcer. Mas eu aprendi, e tu terás de aprender também, que às vezes é essa a única solução. Encontraria, possivelmente, maneira de obrigar Derek a voltar para ti, mas o resultado acabaria por ser o mesmo. Ele não presta, Ruth; é podre, ruim até à medula. Não devia ter consentido que casasses com ele, mas tu estavas decidida e ele parecia sincero no desejo de começar vida nova... Além disso... enfim, já te contrariara uma vez, querida...

Não a olhou ao dizer as últimas palavras, mas se olhasse tê-la-ia visto corar intensamente.

- É verdade - murmurou Ruth, em voz dura.

- Fui demasiado piegas e não tive coragem de me opor segunda vez, mas não podes imaginar quanto me arrependo. Tens levado uma triste vida nos últimos anos, Ruth.

- Não tem sido muito... agradável - concordou

Mrs. Kettering.

- É por isso que temos de pôr cobro a esta situação! - exclamou, dando um murro na mesa. - É possível que ainda tenhas um fraco pelo indivíduo, mas vence-o e encara a realidade: Derek Kettering casou contigo por dinheiro, mais nada. Livra-te dele, Ruth.

Ruth olhou para o chão, por momentos, e depois perguntou, sem levantar a cabeça?

- E se ele não consentir?

Van Aldin fitou-a, surpreendido:

- Mas ele não tem que consentir nem que deixar de consentir!
- Não... claro que não. - Corou, mordeu os lábios e gaguejou: - Só queria dizer...
- Só querias dizer o quê? - perguntou Van Aldin, ao ver que a filha se calava.
- Queria dizer... - fez nova pausa e escolheu cuidadosamente as palavras. - Enfim, talvez ele não se resigne...

- O quê, receias que conteste o divórcio? - inquiriu o milionário, erguendo provocantemente o queixo. - Pois que conteste! Mas enganas-te, filha, não contestará. Qualquer advogado que consultar lhe dirá que não tem base nenhuma...

- Não acha... - hesitou, indecisa. - Enfim, não acha que, por simples despeito contra mim, tente... tente complicar as coisas?

Van Aldin olhou-a, com certa surpresa.

- Receias que conteste o divórcio? - repetiu. -- É pouco provável. Compreendes, precisaria de ter qualquer coisa em que se basear.

Mrs. Kettering não fez comentários e Van Aldin olhou-a, de súbito, vivamente.

- Desabafa, Ruth! Há qualquer coisa que te perturba. Que é?

- Nada, não há nada... - afirmou, embora a sua voz não convencesse.

- Receias a publicidade? É isso? Deixa o caso comigo.

Tratarei de tudo de tal maneira que ninguém dará por nada.

- Está bem, paizinho. Se pensa, de facto, que é a melhor solução...

- Ainda tens um fraco por ele, Ruth? É isso?

- Não.

A negativa foi pronunciada sem a mínima hesitação e Van Aldin pareceu satisfeito. Bateu no ombro da filha e murmurou:

- Correrá tudo bem, pequena, não te preocupes.

Mas esqueçamos esse desagradável assunto, pois trouxe-te um presente de Paris.

- Um presente? Uma coisa muito bonita?

- Espero que seja essa a tua opinião - replicou

Van Aldin, a sorrir.

Tirou o embrulho da algibeira e estendeu-lho.

Ruth desembulhou-o, abriu a caixa e soltou um longo "Oh!". Ruth Kettering amava as jóias, sempre as amara.

- Oh, paizinho, que maravilhoso!

- Têm classe, não têm? - perguntou o milionário, satisfeito.

- Gostas?

- Se gosto? São únicas, pai! Como consegui adquirir-las?

- Isso é o meu segredo! - retorquiu o milionário, a sorrir. - Tiveram de ser compradas particularmente, claro, pois são muito conhecidas. Vês essa pedra grande, do meio? Talvez tenhas ouvido falar dela; é o histórico "Coração de Fogo".

- "Coração de Fogo!" - repetiu Mrs. Kettering.

Tirara as gemas da caixa e apertava-as contra o peito, sob o olhar atento do pai. Van Aldin pensava na série de mulheres que tinham usado aquelas jóias, nas inquietações, nos desesperos, nas invejas. "Coração de Fogo", como todas as pedras famosas, deixara atrás de si um rasto de tragédia e violência, mas preso na mão firme de Ruth Kettering parecia perder o poder diabólico. A atitude fria e equânime daquela mulher do mundo ocidental dir-se-ia uma negação da tragédia e da dor. Ruth guardou as jóias na caixa e abraçou o pai.

- Obrigada, obrigada, obrigada! São maravilhosas! Está sempre a oferecer-me prendas extraordinárias.

- És tudo quanto eu tenho, Ruth - murmurou o milionário, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

- Fica para jantar, não fica, paizinho?

- Não me parece... Ias sair...

- Posso esquivar-me sem dificuldade; não era nada especial.

- Não, filha, respeita o compromisso. Esta noite tenho muito que fazer, como deves calcular, e ver-nos-emos amanhã. Telefonar-te-ei e talvez nos encontremos nos Galbraiths.

Messrs. Galbraith, Galbraith, Cuthbertson & Galbraith eram os advogados de Van Aldin em Londres.

- Está bem, fica combinado. - Ruth hesitou e inquiriu, em voz mal segura: - Suponho que... isto não me impedirá de partir para a Riviera?

- Quando partes?

- No dia catorze.

- Oh, poderás ir à vontade! Estas coisas levam muito tempo a amadurecer. A propósito, Ruth, no teu lugar, não levaria essas pedras para o estrangeiro. Deixa-as no banco.

Mrs. Kettering acenou, afirmativamente.

- Não quero que te assaltem e assassinem por causa do “Coração de Fogo”! - brincou o milionário.

- Mas o pai trouxe-as na algibeira, despreocupadamente - comentou Ruth, sorrindo.

- Sim...

Qualquer coisa no tom da sua voz, uma hesitação talvez, atraiu a atenção de Mrs. Kettering, que perguntou:

- Que aconteceu, pai?

- Nada... Estava a pensar numa aventura minha, em Paris.

- Numa aventura?

- Sim, na noite em que comprei as jóias.

- Conte-me!

- Não há nada a contar, Ruth. Uns acelerados armaram-se em valentões, mas eu disparei e fugiram.

- Com o meu pai não se brinca! – exclamou Ruth, com orgulho.

- Nem mais, Ruth!

Beijou-a afectuosamente e deixou-a. Ao chegar ao Savoy, deu uma ordem breve a Knighton:

- Procure um indivíduo chamado Goby; encontrará o seu endereço na minha agenda particular.

Quero-o aqui amanhã, às nove e meia da manhã.

- Sim, senhor.

- Quero igualmente falar com Mister Kettering.

Veja se o encontra, por favor. Experimente no clube e em todos os lugares possíveis. Preciso dele aqui amanhã de manhã. Claro que terá de ser para o fim da manhã, aí por volta do meio-dia, pois ele não é dos que se levantam cedo.

O secretário acatou as ordens com um leve aceno de cabeça e Van Aldin entregou-se aos cuidados do seu criado. Tinha o banho preparado e, enquanto se deliciava com a carícia da água quente, recordou a conversa que tivera com a filha. De um modo geral, estava satisfeito; o seu cérebro vivo havia muito aceiteira a ideia de que o divórcio era a única solução possível. Ruth concordara com a proposta mais prontamente do que esperara, mas deixara-o, apesar disso, com uma vaga sensação de inquietude. Houvera na atitude da filha qualquer coisa... Um não sei quê que não lhe parecera natural.

“Deve ser imaginação minha...”, pensou, franzindo a testa.

“Contudo, apostava que há qualquer coisa que não me disse.”

V

UM CAVALHEIRO ÚTIL

Rufus Van Aldin terminava o frugal pequeno-almoço de café e tosta quando Knighton entrou no

aposento.

- Mister Goby espera-o lá em baixo, senhor -- anunciou o secretário.

O milionário olhou para o relógio: eram exactamente nove e meia.

- Diga-lhe que suba - respondeu secamente.

Passados um ou dois minutos, Mr. Goby entrou no quarto. Era um homem baixo e idoso, modestamente vestido, cujos olhos percorriam cuidadosamente o aposento, sem nunca se fixarem na pessoa com quem falava.

- Bons dias, Goby - cumprimentou o milionário. - Sente-se.

- Obrigado, Mister Van Aldin.

Mr. Goby sentou-se, apoiou as mãos nos joelhos e olhou atentamente para o irradiador.

- Tenho um trabalho para si.

- Sim, Mister Van Aldin?

- Minha filha é casada com o Honorável Derek

Kettering, como talvez saiba...

Mr. Goby transferiu o olhar do irradiador para a gaveta do lado esquerdo da escrivaninha e consentiu que um sorriso depreciativo lhe passasse pelo rosto.

Mr. Goby sabia muitas coisas, mas detestava sempre admiti-lo.

- A conselho meu, minha filha está prestes a apresentar um pedido de divórcio. Trata-se, evidentemente, de assunto para ser resolvido por advogados, mas, por razões particulares, desejo informações completas e pormenorizadas.

Mr. Goby olhou para a cornija e perguntou:

- Acerca de Mister Kettering?

- Acerca de Mister Kettering.

- Muito bem, senhor. - Mr. Goby levantou-se.

- Quando calcula tê-las?

- Tem pressa, senhor?

- Tenho sempre pressa - afirmou o milionário.

Mr. Goby sorriu, compreensivo, de olhos postos na grade da lareira.

- As duas da tarde está bem? - inquiriu.

- Excelente. Bons dias, Goby.

- Bons dias, Mister Van Aldin.

- É um homem muito útil - disse o milionário, quando Goby saiu e o secretário entrou. - No seu ramo, é um verdadeiro especialista.

- Qual é o seu ramo?

- Informação. Em vinte e quatro horas era capaz de apurar todos os pormenores da vida privada do arcebispo, de Cantuária!

- Útil, de facto - concordou Knighton, a sorrir.

- Já me prestou serviços uma ou duas vezes...

Agora, Knighton, vamos ao trabalho.

Ao meio-dia e meia hora, depois de resolvida uma quantidade surpreendente de assuntos, o telefone tocou e informaram Mr. Van Aldin de que chegara

Mr. Kettering. Knighton olhou para Van Aldin e interpretou correctamente o aceno de cabeça deste.

- Diga a Mister Kettering que faça o favor de subir.

O secretário recolheu os papéis, saiu e cruzou-se à porta com o visitante, que se afastou para lhe dar passagem.

Derek Kettering entrou e fechou a porta.

- Bons dias - cumprimentou. - Constou-me que estava ansioso por me ver.

A voz indolente, de inflexão levemente irónica, despertou adormecidas recordações no americano. Era uma voz que tinha encanto, que sempre tivera. Derek Kettering contava trinta e quatro anos, era

magro e tinha um rosto moreno e seco, que mesmo agora parecia possuir algo de indescritivelmente infantil.

- Entre e sente-se - disse-lhe Van Aldin, secamente.

Kettering instalou-se numa cadeira de braços e olhou o sogro com uma espécie de ironia tolerante.

- Há muito tempo que não o via - observou, em tom agradável. - Há cerca de dois anos, talvez... Já viu a Ruth?

- Visitei-a a noite passada.

- Tem muito bom aspecto, não acha? - inquiriu Derek, despreocupado.

- Não me parece que você tenha tido muitas oportunidades de avaliar esse pormenor - redarguiu o americano, secamente.

Derek arqueou as sobrancelhas e ripostou, leviano:

- Oh, às vezes encontramos-nos no mesmo clube nocturno!

- Como não sou homem para rodeios, digo-lhe desde já que aconselhei Ruth a pedir o divórcio.

- Que drástico! - exclamou Derek, imperturbável. - Importa-se que fume?

Acendeu um cigarro, expeliu uma baforada de fumo e perguntou, indiferente:

- E que disse ela?

- Está disposta a seguir o meu conselho.

- Deveras?

- É tudo quanto tem a dizer? - inquiriu o milionário, em tom acerado.

- Sabe, suponho, que será um grande erro que ela comete? - perguntou Derek, com ar desinteressado, sacudindo a cinza para a lareira.

- Do seu ponto de vista, com certeza.

- Oh, não sejamos tão pessoais! Sinceramente não era em mim que pensava neste momento, mas em Ruth. Como sabe, o meu pobre velhote não pode durar muito mais tempo; é essa a opinião de todos os médicos. Ruth procederá com acerto se esperasse mais uns dois anos, pois então eu serei Lorde Leconbury e ela poderá ser a castelã de Leconbury. No fim de contas, foi para isso que casou comigo.

- Não lhe tolero impudências! - advertiu-o, irritado, Van Aldin.

- Concordo, a ideia é obsoleta - observou Derek Kettering, sorridente e imperturbável. - Hoje em dia, um título não vale nada. No entanto, Leconbury é uma bela e velha mansão e nós uma das famílias mais antigas de Inglaterra. Será muito desagradável para Ruth se nos divorciarmos e, daqui a pouco tempo, eu voltar a casar e outra mulher se tornar senhora de Leconbury, em vez dela...

- Não estou a brincar, rapaz!

- Eu tão-pouco. Financeiramente, estou muito em baixo e ficarei numa situação desastrosa se Ruth se divorciar. Bem vistas as coisas, se ela suportou dez anos, porque não suporta um pouco mais? Dou-lhe a minha palavra de honra de que o velhote não dura mais de dezoito meses. Seria uma pena se Ruth não conseguisse aquilo que a levou a casar comigo.

- Insinua que a minha filha casou consigo pelo seu título e pela sua posição social?

Derek Kettering soltou uma gargalhada em que não predominava a alegria e perguntou:

- Não pensa que foi um casamento de amor, pois não?

- O que penso é que falou de maneira muito diferente em Paris, há dez anos - redarguiu Van Aldin, muito devagar.

- Falei? Talvez. Ruth era então muito bela, como sabe; parecia um anjo, uma santa, qualquer coisa descida de um nicho de igreja... E eu tinha boas ideias de virar uma página da minha vida, de assentar e viver segundo as melhores tradições da vida doméstica inglesa, com uma mulher bonita que me tinha amor... - Riu-se novamente, com menos alegria ainda, e indagou: - Mas o senhor não acredita, pois não?

- Não tenho dúvidas de que casou com Ruth pelo seu dinheiro - respondeu Van Aldin, friamente.

- E de que ela casou comigo por amor? - inquiriu o outro, com ironia.

- Certamente.

Derek Kettering fitou-o, em silêncio, e depois abanou a cabeça, pensativo.

- Vejo que acredita nisso... como eu acreditei, então.

Garanto-lhe, meu caro sogro, que depressa me desiludi.

- Não sei aonde quer chegar, nem me interessa.

Tratou Ruth muitíssimo mal...

- Oh, sem dúvida! - concordou, estouvado.

- Mas ela é rija, sabe? É sua filha... Debaixo de toda aquela suavidade branca e rosada é dura como granito.

O senhor foi sempre considerado um homem duro, segundo me têm dito, mas Ruth é ainda mais dura.

O senhor ama, pelo menos, uma pessoa mais que a si mesmo; Ruth nunca amou nem amará.

- Basta! - declarou Van Aldin. - Chamei-o para lhe dizer claramente o que tenciono fazer. Minha filha tem direito a certa felicidade e, lembre-se, conta com a minha protecção.

Derek Kettering levantou-se, parou junto da consola da chaminé e deitou fora o cigarro. Quando falou, fê-lo em tom absolutamente calmo:

- Que quer dizer, ao certo?

- Quero dizer que acho melhor não contestar o divórcio!

- Ah! É uma ameaça?

- Considere-o o que quiser.

Kettering chegou uma cadeira para junto da mesa e sentou-se defronte do milionário.

- Mas suponhamos, suponhamos apenas, hem?, que decido contestar o divórcio?

- Não tem a mínima base, jovem estouvado - declarou o americano, com um encolher de ombros.

- Consulte os seus advogados e verá que lhe dirão o mesmo. A sua conduta é notória, todos a comentam em Londres.

- Suponho que a Ruth tem levantado grande alarido por causa de Mirelle, o que é idiota da sua parte.

Não interfiro com os seus amigos.

- Que pretende insinuar? - perguntou Van Aldin, vivamente.

- Vejo que não sabe tudo - replicou Kettering, a rir. - E, naturalmente, está influenciado... - Pegou no chapéu e na bengala, dirigiu-se para a porta e acrescentou um remoque final: - Dar conselhos não é a minha especialidade, mas neste caso aconselharia veementemente completa franqueza entre pai e filha.

Saiu e fechou a porta, muito depressa, ao mesmo tempo que o milionário se levantava, de supetão.

- Que diabo queria dizer? - murmurou o americano, deixando-se cair de novo na cadeira.

A vaga intranquilidade que sentira antes voltou a apoderar-se dele, agora violentamente. Havia qualquer coisa em toda aquela história que ainda não deslindara...

Pegou no telefone e pediu o número da filha:

- Mayfair 81907?... Mistress Kettering está?... Saiu?... Ah, sim, para almoçar! A que horas voltará?... Não sabe?... Muito bem... Não, não quero deixar nenhum recado.

Repôs o auscultador no descanso, furioso.

Às duas horas andava de um lado para o outro, cheio de ansiedade, à espera de Goby. Este chegou às duas horas e dez minutos.

- Então? - perguntou-lhe o milionário, impaciente.

Mas Mr. Goby não era homem para pressas. Sentou-se à mesa, tirou da algibeira um enebado livrinho de apontamentos e começou a lê-lo, em tom monótono. Van Aldin escutava-o atentamente, com satisfação crescente. Quando acabou, Goby pregou os olhos no cesto dos papéis.

- Hum, parece suficiente e claro... - murmurou o americano. - O caso será julgado num abrir e fechar de olhos. Suponho que essa informação acerca do hotel é irrefutável?

- Absolutamente, Mister Van Aldin - afirmou Mr. Goby, agora com os olhos postos numa poltrona dourada.

- E, financeiramente, está muito atrapalhado...

Tenta contrair um empréstimo, não foi o que disse? Já levantou, a bem dizer, tudo quanto podia esperar do pai... Uma vez divulgado o divórcio, não lhe emprestarão nem mais um centavo e, além disso, os credores hão-de insistir pelo pagamento das suas dívidas. Apanhámo-lo, Goby, apanhámo-lo num beco sem saída!

Deu um murro na mesa e no seu rosto brilhou um sorriso triunfante.

- A informação parece satisfatória – murmurou Mr. Goby, em voz fininha.

- Agora tenho de ir à Curzon Street... Estou-lhe muito agradecido, Goby; você percebe da poda!

- Obrigado, Mister Van Aldin - agradeceu o homenzinho, com um pálido sorriso de desvanecimento.

- Esforço-me por cumprir o melhor possível.

Van Aldin não se dirigiu logo para a Curzon Street; foi primeiro à City, onde teve duas entrevistas que aumentaram a sua satisfação. Daí seguiu no metropolitano para a Down Street e, já na Curzon Street, viu sair do número 160 um indivíduo que se cruzou com ele, um pouco adiante. Por momentos o milionário imaginou que fosse o próprio Derek Kettering, pois havia certa semelhança na altura e no arcaboço, mas mais de perto verificou tratar-se de um desconhecido. No entanto... não, não devia ser um desconhecido, pois o seu rosto parecia despertar-lhe vagas recordações - e recordações associadas com qualquer coisa desagradável. Em vão tentou lembrar-se, mas a memória fugia-lhe. Seguiu o seu caminho, a abanar irritadamente a cabeça. Detestava sentir-se intrigado.

Ruth Kettering esperava-o. Correu para ele, beijou-o e perguntou-lhe:

- Então, paizinho, como correm as coisas?

- Muito bem, mas preciso de fazer-te umas perguntas...

Instantaneamente, sentiu-a modificar-se; uma expressão astuta e atenta substituiu a impulsividade com que o recebera.

- De que se trata? - inquiriu, sentando-se numa poltrona.

- Esta manhã falei com o teu marido.

- Falou com Derek?

- Falei. Disse uma série de coisas, a maior parte das quais de uma grande impudência, mas, ao sair, acrescentou algo que não compreendi: aconselhou-me a que houvesse absoluta franqueza entre pai e filha.

Que quereria significar, Ruth?

- Não sei, pai... - murmurou Mrs. Kettering, mexendo-se, inquieta, na cadeira. - Como queria que soubesse?

- Sabes com certeza, filha - afirmou Van Aldin. - Disse ainda qualquer coisa acerca de ter os seus amigos e de não interferir com os teus. De que se trata?

- Não sei - repetiu Ruth Kettering.

Van Aldin sentou-se, com a boca cerrada numa linha severa.

- Escuta, Ruth, não quero tratar deste assunto com os olhos fechados; fiquei com a impressão de que o teu marido pretende complicar as coisas. Claro que não poderá fazê-lo, pois disponho dos meios necessários para o calar, mas tenho de saber se é preciso empregar tais meios.

Que quereria ele dizer ao aludir aos teus amigos?

- Tenho muitos amigos! - afirmou Mrs. Kettering, com um encolher de ombros. - Palavra que não sei a que se referia.

- Sabes! - desmentiu Van Aldin, como se discutisse com um concorrente. - Serei mais explícito, se assim o desejas: quem é o homem?

- Que homem?

- O homem. Era aí que Derek queria chegar, a um homem especial que é teu amigo. Não te atormentes, querida; sei que não pode haver nada de mal, mas temos de encarar as coisas de todos os pontos de vista, sobretudo do ponto de vista do tribunal. Não ignoras que é possível torcer o

significado dessas coisas, segundo as conveniências. Quero saber quem é o homem e até onde vai a tua amizade com ele.

Ruth não respondeu. Torcia as mãos, cheia de nervosismo, e o pai compadeceu-se:

- Então, pequena? - murmurou, em tom mais terno. - Não tenhas medo do velhote. Nem mesmo em Paris fui muito... Meu Deus! - Calou-se, fulminado. - Era ele! - murmurou baixinho. - Bem me pareceu que conhecia a sua cara!

- De que está a falar, pai? Não compreendo.

O milionário aproximou-se dela e segurou-lhe com força num pulso.

- Dize-me, Ruth, voltaste a ver esse indivíduo?

- Que indivíduo?

- Aquele acerca do qual discutimos, há anos. Sabes muito bem a quem me refiro.

- Refere-se... refere-se ao conde de la Roche?

- Conde de la Roche! - repetiu Van Aldin, desdenhoso. -

Disse-te, na altura, que o homem não passava de um vigarista. Deixaras-te arrastar por ele, mas consegui arrancar-te das suas garras.

- Pois consegui. Conseguiu... e eu casei com Derek Kettering.

- Quiseste casar com ele! - lembrou-lhe o pai, vivamente.

Ruth limitou-se a encolher os ombros.

- E agora... voltaste a vê-lo, depois de tudo quanto te disse - murmurou Van Aldin, muito devagar.

- Ele esteve cá hoje... encontrei-o na rua e, por momentos, não consegui identificá-lo...

- Quero dizer-lhe uma coisa pai: está enganado acerca do Armand... isto é, acerca do conde de la Roche - afirmou Ruth, parcialmente recuperada a compostura. - Sei que teve vários incidentes desagradáveis na sua juventude, pois ele contou-me; mas... bem, sempre gostou de mim. Ficou com o coração despedaçado quando nos separou em Paris, e agora...

Interrompeu-a um rugido de indignação do pai.

- Deixaste-te então ludibriar por palavras dessas?

Tu, uma filha minha! Meu Deus! - Levantou as mãos, num gesto de desesperada impotência, e exclamou: - Parece impossível que as mulheres possam ser tão grandes idiotas!

VI

MIRELLE

Derek Kettering saiu do quarto de Van Aldin tão precipitadamente que chocou com uma senhora que passava no corredor. Pediu-lhe desculpa e ela sorriu-lhe, tranquilizadora, e afastou-se, deixando-lhe a agradável impressão de uma personalidade repousante e de uns belos olhos cinzentos.

Apesar do seu ar indiferente, a entrevista que tivera com o sogro perturbara-o mais do que demonstrava.

Almoçou sozinho e, de testa franzida, dirigiu-se ao sumptuoso apartamento de Mirelle, onde uma criadinha francesa o recebeu, toda sorrisos.

- Entre, Monsieur. Madame repousa - informou, conduzindo-o à sala comprida, de decoração oriental, que tão bem conhecia.

Mirelle estava reclinada no divã, apoiada num incrível número de almofadas, todas de vários tons ambarinos, para se harmonizarem com o amarelo ocre da sua pele. A bailarina era uma mulher bem constituída e embora o seu rosto, debaixo da pintura amarelada, fosse um pouco magro, tinha um encanto muito especial. Os seus lábios cor de laranja sorriram, tentadores, a Derek Kettering, que se deixou cair numa cadeira.

- Que estiveste a fazer? Só agora te levantaste, não?

A boca cor de laranja entreabriu-se num longo sorriso.

- Não - respondeu a bailarina. - Estive a trabalhar. -

Estendeu a mão pálida e esguia para o piano, sobre o qual se encontravam espalhadas numerosas músicas. - Ambrose esteve cá e tocou a nova ópera.

Kettering acenou com a cabeça, sem prestar grande atenção.

Não estava nada interessado em Claud Ambrose nem na adaptação de Peer Gynt, de Ibsen.

Mirelle nutria o mesmo desinteresse e considerava-a apenas uma oportunidade única para a sua apresentação como Anitra.

- É uma dança maravilhosa - murmurou -, na qual porei toda a paixão do deserto. Dançarei coberta de pedras preciosas e... A propósito, mon ami, vi ontem uma pérola negra na Bond Street...

- calou-se e envolveu-o no seu olhar tentador.

- Minha cara, é inútil falares-me de pérolas negras. Pela parte que me toca, acabou-se a papa doce.

Mirelle endireitou-se, de olhos muito abertos, e perguntou:

- Que dizes, Dereek? Que aconteceu?

- O meu estimado sogro está a preparar-se para levantar arraiais.

- O quê?

- Por outras palavras, quer que Ruth se divorcie.

- Que estupidez! - exclamou Mirelle. - Porque há-de ela querer divorciar-se?

- Principalmente por tua causa, chérie! - replicou Derek, a sorrir.

- Isso é idiota! - comentou a bailarina, com um encolher de ombros.

- Muito idiota - concordou Kettering.

- Que tencionas fazer a esse respeito?

- Que posso eu fazer, minha cara? De um lado, o homem do poder ilimitado; do outro, o homem das dívidas ilimitadas. Não restam dúvidas quanto ao vencedor.

- Esses americanos são extraordinários! Sim, porque a tua mulher nem gosta de ti!

- Que havemos de fazer, hem?

Mirelle olhou-o, interrogadora, e Derek aproximou-se e pegou-lhe nas mãos.

- Não me abandonarás?

- Que queres dizer? Depois...

- Sim, depois... quando os credores se lançarem a mim como lobos a um redil. Quero-te muito, Mirelle...

Abandonar-me-ás?

- Sabes que te adoro, Dereek - respondeu, soltando as mãos.

- Será, então, assim, hem? - perguntou-lhe Derek, compreendendo a evasiva. - Os ratos abandonarão o navio a afundar-se.

- Oh, Dereek!

- Fora com a verdade! - ordenou, violento. - Correrás comigo, não correrás?

- Sou tua amiga, mon ami - afirmou, com novo encolher de ombros. - Acredita que sou. És encantador, un beau garçon, mas ce n'est pas pratique.

- És o luxo de um homem rico, não é isso?

- Se preferes assim... - Recostou-se na almofada, com a cabeça inclinada para trás. - No entanto, repito que sou tua amiga.

Derek aproximou-se da janela e ficou a olhar para a rua, de costas para Mirelle. Esta soergueu-se num cotovelo e perguntou-lhe, fitando-o com curiosidade:

- Em que pensas, mon ami?

Derek olhou-a por cima do ombro, com um sorriso estranho, que a inquietou vagamente.

- Se queres que te diga a verdade, pensava numa mulher.

- Numa mulher?! - perguntou, como se não conseguisse compreender. Queres dizer que estás a pensar noutra mulher?

- Oh, não tens motivos para te preocupares! Trata-se apenas de um retrato imaginário... “Retrato de uma senhora de olhos cinzentos”...

- Quando a conheceste? - perguntou a bailarina, vivamente. ..

Derek Kettering soltou uma gargalhada cheia de ironia, antes de responder:

- Choquei com ela no corredor do Savoy Hotel!

- Bem, e que te disse?

- Se a memória não me engana, eu disse-lhe: “Queira desculpar”, e ela respondeu-me: “Não tem importância”, ou coisa parecida.

- E depois? - teimou a bailarina.

- E depois... nada! - respondeu-lhe Derek, com um encolher de ombros.

- Não compreendo uma palavra do que estás a dizer!

- “Retrato de uma senhora de olhos cinzentos”... - murmurou Kettering, pensativo. - Ainda bem que o mais certo é não voltar a vê-la.

- Porquê?

- Podia trazer-me azar. Há mulheres que dão azar...

Mirelle levantou-se do divã, juntou-se-lhe e passou-lhe, pelo pescoço um dos braços compridos.

- Es tolo, Dereek, muito tolo... - murmurou. - És beau garçon e eu adoro-te, mas não fui feita para ser pobre... não, decididamente não fui feita para ser pobre. Mas é tudo muito simples, querido; deves fazer as pazes com a tua mulher.

- Receio que tal estratégia não seja aconselhável, nem viável - redarguiu Derek, secamente.

- Que queres dizer? Não compreendo.

- Van Aldin, minha querida, não é homem que se iluda com manejos desse género. É daqueles que se mantêm fiéis às decisões que tomam.

- Ouvi falar a seu respeito. É muito rico, não é?

Quase o homem mais rico da América! Há poucos dias, comprou em Paris o rubi mais maravilhoso do mundo, o célebre “Coração de Fogo”.

Kettering não respondeu e a bailarina continuou, como se falasse consigo própria:

- É uma pedra maravilhosa, uma pedra que devia pertencer a uma mulher como eu. Amo as jóias, Dereek, dizem-me qualquer coisa. Ah, usar um rubi como o “Coração de Fogo”! - Soltou um suspirozinho e voltou a mostrar-se prática: - Tu não compreendes estas coisas, Dereek; és apenas um homem. Suponho que Van Aldin oferecerá os rubis a tua mulher. É a sua única filha?

- É.

- Então, quando ele morrer, ela herdará todo o seu dinheiro, será uma mulher rica.

- Já o é - afirmou Kettering, secamente. - Van Aldin deu-lhe um dote de dois milhões, quando nos casámos.

- Dois milhões! Mas isso é imenso! E se ela morresse de repente? Herdá-los-ias tu...

- No pé em que as coisas estão actualmente, herdaria - respondeu, devagar. - Que eu saiba, não fez testamento.

- Mon Dieu! Que solução, se ela morresse!

Houve um momento de silêncio e depois Derek Kettering desatou a rir à gargalhada.

- Gosto das tuas ideias simples e práticas, Mirelle, mas receio que os teus desejos não se cumram.

Minha mulher vende saúde!

- Eh bien, há acidentes!

Derek olhou-a vivamente, mas não replicou.

- No entanto, tens razão, meu amigo; não devemos contar com possibilidades. Mas cuidado, meu pequeno Dereek, não convém que se fale mais em divórcio. Tua mulher deve desistir da ideia.

- E se não desistir?

- Creio que desistirá, meu amigo - respondeu, semicerrando os olhos. - É daquelas pessoas que não gostam de publicidade e eu sei de uma ou duas histórias que não lhe agradaria que os amigos lessem nos jornais.

- Que queres dizer? - perguntou-lhe Derek, vivamente.

- Parbleu! - exclamou a bailarina a rir, com a cabeça inclinada para trás. - Refiro-me ao cavalheiro que a si mesmo se chama conde de la Roche. Sei tudo a seu respeito; lembra-te que sou parisiense. Foi amante dela antes de vocês casarem, não foi?

- Isso é uma refinada mentira - retrucou Derek, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a. - E lembra-te de que, no fim de contas, estás a falar de minha mulher!

- Ah, vocês, ingleses, são extraordinários! - exclamou Mirelle, mais comedida. - No entanto, talvez tenhas razão... As americanas são tão frias! Mas permites, por certo, que diga que ela estava apaixonada por ele antes de casar contigo e de o pai se meter no assunto e mandar o conde à sua vida? A pobre mademoiselle verteu tantas lágrimas! Mas obedeceu. Contudo, deves saber tão bem como eu que a história é, agora, muito diferente. Tua mulher vê-o quase todos os dias e no dia catorze vai para Paris, a fim de se encontrar com o senhor de la Roche.

- Como sabes tudo isso?

- Eu? Tenho em Paris, meu querido Dereek, amigos que conhecem intimamente o conde. Está tudo combinado. Ela diz que vai para a Riviera, mas na realidade o conde junta-se-lhe em Paris e... Quem sabe?

Acredita, querido, está tudo combinado.

Derek Kettering permaneceu calado e imóvel.

- Como vês - prosseguiu a bailarina -, se fores esperto, tê-la-ás na mão. Podes causar-lhe muitos embaraços. .

- Oh, cala-te, pelo amor de Deus! - gritou Kettering. - Cala essa boca maldita!

Mirelle recostou-se outra vez no divã, com uma gargalhada, e Kettering pegou no chapéu e na bengala, saiu do apartamento e bateu com a porta.

Mas a bailarina continuou recostada no divã, a rir docemente, satisfeita com o seu trabalho.

VII

CARTAS

Mrs. Samuel Harfield apresenta os seus cumprimentos a Miss Katherine Grey e deseja salientar que, nas circunstâncias, Miss Grey talvez não esteja ao corrente...

Até aqui a prosa saíra fluente a Mrs. Harfield, mas deteve-a uma dificuldade insuperável para muita gente: exprimir-se fluentemente na terceira pessoa. Após um minuto ou dois de hesitação, Mrs. Harfield rasgou a folha e recomeçou:

Querida Miss Grey: embora apreciando devidamente a maneira competente como desempenhou os seus deveres para com minha prima Emma (cujo recente falecimento foi um duro golpe para todos nós), não posso deixar de sentir. . .

De novo Mrs. Harfield teve de parar e mais uma vez a carta foi remetida ao cesto dos papéis. Só à quarta tentativa conseguiu redigir uma carta que a satisfizesse.

Fechou-a, selou-a e endereçou-a a Miss Katherine Grey, Little Crampton, St. Mary Mead, Kent.

Katherine Grey recebeu-a na manhã seguinte, à hora do pequeno-almoço, juntamente com um comprido sobrescrito azul, que parecia mais importante. Katherine abriu primeiro a carta de Mrs. Harfield, que dizia o seguinte:

Querida Miss Grey: Meu marido e eu desejamos exprimir-lhe os nossos agradecimentos pelos serviços que prestou à minha pobre prima Emma. A sua morte foi um grande choque para nós,

embora soubéssemos, evidentemente, que as suas faculdades mentais enfraqueciam havia algum tempo. Tive conhecimento de que as suas disposições testamentárias foram muito peculiares e que nenhum tribunal as ratificará, e creio que, com o seu habitual bom-senso, já deve ter compreendido este facto. Meu marido diz que é sempre muito melhor resolver particularmente assuntos desta natureza. Com o maior prazer daremos a seu respeito as melhores referências, para um lugar semelhante, e esperamos que aceite uma pequena lembrança.

Creia-me, Miss Grey, cordialmente,
Mary Anne Harfield.

Katherine Grey leu a carta de ponta a ponta, sorriu e releu-a. Largou-a por fim, com uma expressão definitivamente irónica. Abriu então a segunda carta e, após breve leitura, ficou a olhar a direito na sua frente, muito séria. Seria impossível a quem quer que fosse adivinhar as emoções que se ocultavam atrás daquele rosto sereno e pensativo.

Katherine Grey tinha trinta e três anos. Filha de boas famílias, desde muito nova fora obrigada a trabalhar para viver, em virtude de o pai ter perdido todos os seus bens. Contava apenas vinte e três anos quando se empregara como dama de companhia da velha Mrs. Harfield.

Todos sabiam que a idosa senhora era difícil e que as damas de companhia não aqueciam o lugar na sua casa. Geralmente chegavam cheias de esperança e partiam desfeitas em lágrimas. Mas desde que Katherine Grey entrara em Little Crampton, dez anos antes, a paz reinara em absoluto. Ninguém sabe como estas coisas acontecem, pois, como diz o povo, os encantadores de serpentes nascem, não se fazem. Katherine Grey nascera com a faculdade de saber lidar com velhotas, cães e crianças, e fazia-o sem sinal aparente de esforço.

Aos vinte e três anos fora uma rapariga calma, de belos olhos; aos trinta e três era uma mulher calma, com os mesmos belos olhos cinzentos firmemente fixos no mundo com uma espécie de serenidade feliz que nada conseguia turbar. Além disso nascera com um saudável sentido de humor, que ainda conservava.

Continuava sentada à mesa, de olhos fixos no vácuo, quando tocaram a campainha e, ao mesmo tempo, bateram energicamente com a aldrava. Pouco depois a criadita abria a porta e anunciava ofegante:

- O doutor Harrison.

O robusto médico de meia-idade entrou pela sala dentro com a mesma energia e vivacidade com que sacudira a aldrava.

- Bons dias, Miss Grey.

- Bons dias, doutor Harrison.

- Passei por cá cedo para saber se teve notícias de uma dessas primas Harfield, uma venenosa Mistress Samuel.

Sem uma palavra, Katherine pegou na carta de Mrs. Harfield e estendeu-lha. Divertida, viu o doutor lê-la, franzindo as sobrancelhas hirsutas e soltando de vez em quando exclamações e grunhidos de violenta desaprovação.

- Monstruoso! - explodiu por fim, atirando a missiva para cima da mesa. - Mas não se preocupe, minha querida; não sabem o que dizem. As faculdades mentais de Mistress Harfield eram tão boas como as suas ou as minhas, e ninguém dirá o contrário. Sabem muito bem que não têm base nenhuma e todas essas ameaças veladas de levarem o assunto a tribunal não passam de conversa fiada. Tentam apenas atemorizá-la, para tirarem partido disso. Não se deixe convencer e, sobretudo, nada de ideias piegas! Não pense que é seu dever entregar-lhes o dinheiro nem se ponha com tolos escrúpulos de consciência.

- Confesso que nunca me ocorreu ter escrúpulos – afirmou Katherine. - Todas estas pessoas que me têm escrito são parentes distantes do marido de Mistress Harfield e, em vida, nunca quiseram saber dela para nada.

- É uma mulher sensata, minha querida. Sei muito bem a dura vida que levou nos últimos dez anos e que, só por isso, tem todo o direito a gozar as economias da pobre senhora, sejam elas quais forem.

- Sejam elas quais forem... - repetiu Katherine, pensativa. - Não faz ideia do montante, doutor?

- Bem... talvez o suficiente para um rendimento de umas quinhentas libras por ano.

- Era o que eu pensava... Mas leia isto.

Estendeu-lhe a carta que retirara do sobrescrito azul, o médico leu-a e soltou uma exclamação de profundo espanto.

- Impossível! - afirmou. - Impossível!

- Era uma das primeiras accionistas da Monaulds, o que, há quarenta anos lhe deve ter proporcionado um rendimento de oito a dez mil libras anuais. Tenho a certeza, porém, de que nunca gastou mais de quatrocentas por ano; era sempre extremamente parcimoniosa e eu pensava que tinha de ser assim por necessidade.

- E durante todo esse tempo o rendimento foi-se acumulando, com juros compostos! Minha querida, vai ser uma mulher muito rica.

- É verdade - murmurou Katherine, meneando a cabeça; falava em tom desprendido e impessoal, como se observasse a situação do exterior.

- Felicito-a sinceramente - disse o doutor, preparando-se para partir. - E não se preocupe com essa mulher nem com a sua odiosa carta - acrescentou, apontando a missiva de Mrs. Samuel Harfield.

- Não é uma carta odiosa - discordou Katherine. - Dadas as circunstâncias, suponho que a atitude desta senhora é muito natural.

- Às vezes causa-me gravíssimas suspeitas, sabe?

- Porquê?

- Por causa das coisas que acha muito naturais!

Katherine riu-se e o médico saiu e foi dar a grande notícia à mulher.

- Imagina a velha Mistress Harfield com todo esse dinheiro! - exclamou aquela, muito excitada. - Ainda bem que o deixou a Katherine Grey; a pequena é uma santa!

- Sempre imaginei os santos como pessoas difíceis - comentou o doutor, com uma careta. - Katherine Grey é demasiado humana para ser santa.

- É uma santa com sentido de humor - observou a mulher, com ironia. - E embora talvez nunca tenhas reparado, é também muito atraente.

- Katherine Grey? - perguntou o doutor, sinceramente surpreendido. - Lá que tem uns olhos bonitos, reparei...

- Oh, os homens são cegos como morcegos! Katherine tem em si todos os requisitos da beleza, faltam-lhe apenas roupas!

- Roupas! Que mal têm as suas roupas? Parece-me sempre muito arranjada.

Mrs. Harrison soltou um suspiro de irritação e o doutor levantou-se, a fim de iniciar as suas visitas matinais.

- Devias visitá-la, Polly - sugeri.

- Visitarei, sim - concordou prontamente a esposa. Eram cerca de três horas quando Miss Grey a recebeu.

- Estou tão contente, minha querida! - afirmou a esposa do médico, ao apertar-lhe a mão. - E toda a gente da aldeia ficará também, tenho a certeza!

- Agradeço-lhe a visita - disse Katherine. - Esperava que viesse, pois queria perguntar-lhe pelo Johnnie.

- Ai, o Johnnie! . . .

Johnnie era o filho mais novo de Mrs. Harrison, a qual se lançou numa longa história em que os adenóides e as amígdalas do pequeno adquiriam proporções descomunais. Katherine escutava-a com um ar compreensivo, pois os hábitos costumam a morrer. Escutar fora a sua especialidade,

durante dez anos! “Minha querida, alguma vez lhe falei no baile da Marinha, em Portsmouth, quando Lorde Charles admirou o meu vestido?” Ternamente, generosamente, Katherine respondia: “Creio que sim, Mrs. Harfield, mas esqueci-me. Importa-se de me contar outra vez?” E a velhota contava de novo a história já muito ouvida, sempre com numerosas correcções, paragens e pormenores novos. Metade do pensamento de Katherine escutava-a e, maquinalmente, fazia os comentários adequados, quando a pobre senhora parava.

Agora, com a mesma curiosa sensação de dualidade a que estava habituada, escutava Mrs. Harrison.

- Oh, mas tenho estado só a falar de mim! - exclamou a esposa do médico, passada meia hora. - Afinal vim cá para falar de si e dos seus planos.

- Creio que ainda não tenho nenhuns.

- Minha querida, mas não tenciona ficar aqui, pois não?

Katherine sorriu do tom horrorizado da pergunta.

- Não. Tenciono viajar, pois como sabe pouco conheço do mundo.

- Deve ter sido uma vida terrível, aqui presa durante tantos anos.

- Olhe que desfrutei de bastante liberdade. - Mrs. Harrison soltou uma exclamação abafada e Katherine corou um pouco. - Talvez lhe pareça idiota por falar assim, pois no sentido físico a liberdade não foi, de facto, muita...

- Também me parece! - concordou Mrs. Harrison, lembrando-se de que Katherine raramente tivera um dia de folga.

- Mas, de certo modo, o facto de estarmos fisicamente presos oferece-nos grande liberdade mental e espiritual. Podemos pensar... Tive sempre uma agradável sensação de liberdade mental.

- Não compreendo, minha querida – redarguiu a esposa do médico, abanando a cabeça.

- Compreenderia, se tivesse estado no meu lugar.

Mas, apesar de tudo, apetece-me variar. Quero... bem, quero que aconteçam coisas. Não me interprete mal, não é a mim que quero que aconteçam. Bastar-me-á encontrar-me no meio de acontecimentos impressionantes, ainda que seja apenas como espectadora. Em St. Mary Mead nunca acontece nada.

- Pois não, minha amiga.

- Primeiro irei a Londres, pois tenho de visitar os advogados; depois partirei para o estrangeiro.

- Muito interessante.

- Mas, claro, antes de mais nada...

- Antes de mais nada o quê?

- Preciso de comprar alguns vestidos.

- Foi exactamente o que disse ao meu marido, esta manhã! - exclamou a esposa do médico. - Não sei se sabe, Katherine, mas podia parecer muito bela se tentasse!

Miss Grey riu-se, sem vaidade, e replicou:

- Não creio que possa transformar-me numa beleza, mas terei prazer em possuir algumas roupas que sejam verdadeiramente boas. Desculpe, estou a falar de mais em mim...

- O que deve ser uma grande novidade para si!avião - exclamou Mrs. Harrison, com um sorriso malicioso.

Katherine foi despedir-se da idosa Miss Viner antes de partir da aldeia. Miss Viner era dois anos mais velha que a falecida Mrs. Harfield e não ocultava o seu espanto por lhe ter sobrevivido.

- Ninguém diria que a Jane Harfield partiria e eu ainda ficaria, pois não? - perguntou, triunfante, a Katherine. - Andámos as duas na escola e, afinal, ela foi primeiro que eu... Quem diria, hem?

- Mas a senhora comeu sempre pão integral ao jantar, não é verdade? - murmurou Katherine, maquinalmente.

- É espantoso como se lembra desse pormenor, minha querida! Sim, se Jane Harfield tivesse comido uma fatia de pão integral todas as noites e tomado um estimulante às refeições, talvez ainda vivesse. - A velhota fez uma pausa, abanou a cabeça e acrescentou, triunfante, como se acabasse de

lembrar-se: - Com que então herdou uma quantidade de dinheiro, segundo me constou? Muito bem, saiba governá-lo. E vai para Londres divertir-se, hem? Mas não julgue que ca sará, minha querida, porque se engana! Não é do tipo que atrai os homens. Além disso, também já não é nenhuma menina... Que idade tem?

- Trinta e três anos.

- Bem, não é muito... - comentou, duvidosa. Mas, claro, perdeu a sua primeira frescura.

- Receio bem que sim... - redarguiu Katherine, divertida.

- No entanto, é uma rapariga muito simpática e tenho a certeza de que muitos homens podiam fazer, pior do que casar consigo, em vez de com uma dessas estouvadas que andam por aí a mostrar maior porção de pernas do que o Criador desejaria! Adeus, minha querida. Espero que se divirta, mas não se esqueça de que, nesta vida, as coisas raramente são o que parecem.

Comovida com semelhantes profecias, Katherine deixou a aldeia. Metade da povoação foi dizer-lhe adeus à estação, incluindo a criadita, Alice, que lhe levou um singelo raminho de flores e chorou abertamente.

- Não há muitas como ela - soluçou Alice, depois de o comboio partir. - Tenho a certeza de que, quando o Charlie me trocou por aquela rapariga, ninguém podia ter sido mais bondoso comigo do que Miss Grey foi. E, embora esquisita com os areados e o pó, também sabia ver quando tínhamos cuidado e fazíamos as coisas na perfeição. Por ela seria capaz de me deixar cortar aos bocadinhos, se fosse preciso!

Uma verdadeira senhora, é o que lhe chamo!

Foi assim a partida de Katherine de St. Mary Mead.

VIII

LADY TAMPLIN ESCREVE UMA CARTA

Lady Tamplin pousou a edição continental do Daily Mail e olhou para as águas azuis do Mediterrâneo.

Um ramo de douradas mimosas, pendente sobre a sua cabeça, constituía adequada moldura para um quadro encantador de uma senhora de cabelos louros, olhos azuis e bonito négligé. Que o dourado do cabelo e o branco e rosa da pele se desviassem, até certo ponto, a artifício, era inegável; mas o azul dos olhos era um dom da Natureza e, aos quarenta e quatro anos, Lady Tamplin podia considerar-se ainda uma beldade.

Por muito encantadora que parecesse, naquele momento Lady Tamplin não pensava em si própria, o que era raro acontecer. Ou melhor, não pensava na sua aparência; a sua atenção concentrava-se em assuntos mais graves.

Lady Tamplin era uma figura muito conhecida na Riviera e as suas festas na Villa Marguerite justamente célebres. Mulher muito experiente, tivera quatro maridos. O primeiro fora apenas uma imprudência e, por isso, raramente se lhe referia. Tivera o bom-senso de morrer com louvável prontidão, o que permitira à viúva desposar um rico fabricante de botões. Este partira também para outras esferas após três anos de vida conjugal - dizia-se que depois de uma noite com alguns companheiros de farra... Sucederam-lhe o visconde

Tamplin, que colocara Rosalie nas alturas com que ela sonhava. A dama conservara o título ao casar pela quarta vez. A quarta aventura conjugal tivera por objectivo pura e simplesmente o prazer. Mr. Charles Evans, um simpatiquíssimo jovem de vinte e sete anos, possuidor de maneiras encantadoras, arraigado amor pelo desporto e esmerado apreço pelos bens deste mundo, não tinha nada de seu, financeiramente falando.

Lady Tamplin sentia-se muito satisfeita com a vida em geral, mas de vez em quando assaltavam-na vagas preocupações monetárias. O fabricante de botões deixara-lhe considerável fortuna, mas,

como Lady Tamplin dizia, “com uma coisa e outra...” (uma coisa fora a depreciação das acções provocada pela guerra; a outras extravagâncias do falecido Lorde Tamplin). Claro que dispunha ainda de uma fortuna confortável, mas isso era pouco para uma pessoa do seu temperamento.

Por isso, naquela particular manhã de Janeiro, abriu muito os bonitos olhos azuis ao ler certa notícia e soltou uma exclamação rouca. A única pessoa que se encontrava na varanda, além dela, era sua filha, a Honorável Lenox Tamplin. Uma filha daquelas constituía autêntico espinho cravado no flanco de Lady Tamplin; não possuía sombra de tacto, parecia mais velha do que era e alardeava um humor sardónico e peculiar, que era, para dizer o menos, desconfortável.

- Imagina, querida! - exclamou Lady Tamplin.

- O quê?

A mãe pegou no Daily Mail, estendeu-lho e apontou-lhe com o indicador trémulo o parágrafo em causa.

Lenox leu-o sem nenhum sintoma da agitação que consumia a mãe e devolveu-lhe o jornal.

- Que tem de especial? - inquiriu. – Estão sempre a acontecer coisas dessas, todos os dias morrem velhas sovinas que deixam milhões às suas humildes damas de companhia.

- Bem sei, querida, e creio que a fortuna não será tão grande como dizem; os jornais são uns exagerados.

Mas mesmo que fosse apenas metade...

- Ora, não fomos nós que herdámos!

- Pois não, querida, mas esta rapariga, esta Katherine Grey, é minha prima! Pertence aos Greys de Worcestershire, de Edgworth. Imagina, minha prima!

- Ah! - exclamou Lenox, significativamente.

- Perguntava a mim mesma...

- O que poderemos lucrar com isso – concluiu Lenox, com aquele sorriso de esguelha que a mãe nunca conseguia perceber.

- Minha querida! - protestou Lady Tamplin, num leve tom de censura (muito leve, diga-se, pois Rosalie Tamplin estava habituada à sinceridade brutal da filha e ao que apelidava de “desagradável maneira de Lenox dizer as coisas”). - Perguntava a mim mesma - repetiu, unindo as sobrancelhas artisticamente desenhadas - se... Oh, bons dias, Chubby, querido!

Vais jogar ténis? Que bom!

O dito Chubby sorriu-lhe ternamente e elogiou, por dever de ofício:

- Estás formidável com esse négligé cor de pêssego! – E deixou-as, imperturbável.

- Querido rapaz! - exclamou Lady Tamplin, seguindo o marido com um olhar afectuoso. - Mas que estava eu a dizer? Ah! - voltou a pensar em coisas sérias... - Perguntava a mim mesma...

- Desembucha, pelo amor de Deus! É a terceira vez que dizes isso.

- Bem, amor, pensava que seria muito simpático da minha parte escrever à querida Katherine e convidá-la a fazer-nos uma visitinha aqui. Claro que, naturalmente, não teve contactos com a sociedade, e seria muito mais agradável para ela ser iniciada por uma pessoa da sua família. Uma vantagem para ela... e uma vantagem para nós.

- Quanto calculas que a farás desembolsar? – perguntou Lenox, brutalmente.

A mãe olhou-a, com um olhar carregado de censuras, e murmurou:

- Naturalmente teríamos de estabelecer um acordo financeiro qualquer. Com uma coisa e outra... a guerra, o teu pobre pai...

- E, agora, o Chubby. É um luxo caro, como sabes.

- Lembro-me de que era boa rapariga - prosseguiu Rosalie Tamplin, como se não a ouvisse. - Sossegada, tímida, nenhuma beldade e nada caçadora de homens. ..

- Portanto, deixará o Chubby em paz.

Lady Tamplin lançou-lhe um olhar indignado e protestou:

- Chubby jamais...

- Creio que tens razão; ele sabe muito bem o que lhe convém.

- Querida, tens uma maneira tão grosseira de dizer as coisas!

- Desculpa, mãe.

Lady Tamplin pegou no Daily Mail, numa bolsinha e em várias cartas, aconchegou o négligé e disse:

- Vou escrever imediatamente à querida Katherine e lembrar-lhe os velhos e saudosos tempos de Edgworth - e entrou em casa, com um brilho de determinação no olhar.

Ao contrário do que acontecia a Mrs. Samuel Harfield, a prosa epistolar brotava facilmente da pena de Lady Tamplin. Encheu quatro folhas sem pausa nem esforço e, ao relê-las, nem encontrou motivos para emendas.

Katherine recebeu a missiva na manhã da sua chegada a Londres. Se leu ou não nas entrelinhas, não o demonstrou. Meteu a carta na mala e saiu, pois tinha entrevista marcada com os advogados de Mrs. Harfield.

Tratava-se de uma firma antiga, havia muito estabelecida em Lincoln's Inn Fields, e após poucos minutos de espera Katherine foi conduzida à presença do sócio principal, um indivíduo simpático, de certa idade, com astutos olhos azuis e modos paternais.

Discutiram acerca do testamento e de vários aspectos legais do caso durante cerca de vinte minutos, e por fim Katherine mostrou-lhe a carta de Mrs. Samuel.

- Acho melhor mostrar-lhe isto, embora me pareça uma manobra ridícula...

O advogado leu a carta, com um leve sorriso.

- Chamo-lhe, antes, uma tentativa grosseira, Miss Grey. Escuso dizer-lhe, suponho, que esta gente não tem direitos absolutamente nenhuns aos bens legados e que, se tentarem contestar o testamento, nenhum tribunal os apoiará.

- Já o suponha.

- A natureza humana nem sempre é sensata... No lugar de Mistress Samuel Harfield, teria optado por apelar para a sua generosidade.

- Essa é uma das coisas acerca das quais desejo falar-lhe, pois gostaria que fosse entregue a essas pessoas determinada quantia.

- Não tem obrigação de o fazer.

- Eu sei.

- E não a aceitarão no espírito em que lha dá; provavelmente considerá-la-ão uma tentativa da sua parte para os calar. Mas nem por isso a recusarão...

- Compreendo perfeitamente, mas paciência.

- No seu lugar, Miss Grey, poria essa ideia de parte.

- Sei que tem razão, mas, mesmo assim, gostaria de a levar por diante.

- Aceitarão o dinheiro e depois ofendê-la-ão ainda mais.

- Pois que ofendam, se quiserem. Cada um tem a sua maneira de se divertir e, no fim de contas, eles eram os únicos parentes de Mistress Harfield. Embora a desprezassem como a uma parenta pobre e não lhe tivessem ligado importância enquanto viveu, parece-me injusto ficarem sem nada.

Fez a sua vontade, embora o advogado continuasse a discordar, e pouco depois saiu para as ruas de Londres com a agradável certeza de poder gastar dinheiro como lhe apetecesse e fazer planos para o futuro. Primeiro que tudo, decidiu visitar o estabelecimento de uma famosa modista.

Atendeu-a uma francesa idosa e magra, com um ar de duquesa sonhadora, a quem Katherine falou com certa ingenuidade:

- Quero colocar-me nas suas mãos, se me permite a expressão. Toda a minha vida fui pobre e não percebo nada de vestidos, mas agora tenho algum dinheiro e quero vestir bem.

A francesa ficou encantada, tanto mais que o seu temperamento artístico fora ultrajado logo de manhã pela visita de uma rainha argentina da carne, que teimara em adquirir os modelos menos convenientes ao seu espampanante tipo de beleza. Observou Katherine com olhos perscrutadores e inteligentes e respondeu-lhe:

- Será um prazer. Mademoiselle tem muito boa figura e as linhas simples ficar-lhe-ão bem. É também très anglaise. Algumas pessoas ofender-se-iam se lhes dissesse isto, mas Mademoiselle não se ofende. Une belle anglaise, não há estilo mais delicioso.

Abandonou acto contínuo a atitude de duquesa sonhadora e gritou ordens a vários manequins:

- Clothilde, Virginie, depressa, minhas pequeninas! O tailleur gris clair e o robe de soirée “souponir d'automne”.

Marcelle, minha filha, o vestidinho mimoso de crepe da China.

Foi uma manhã deliciosa. Marcelle, Clothilde, Virginie, enfasiadas e desdenhosas, passaram lentamente, com ademanos próprios da sua profissão de manequins. A “duquesa” conservou-se ao lado de Katherine e foi tomando notas num livrinho de apontamentos.

- Excelente escolha, Mademoiselle... Mademoiselle tem muito bom gout... Sim, Mademoiselle não podia escolher melhor se, como suponho, vai este Inverno para a Riviera.

- Deixe-me ver mais uma vez aquele vestido de noite - pediu Katherine. - Aquele tom de malva-rosado...

Virginie voltou a passar, devagar.

- E o mais bonito de todos! - exclamou Miss Grey. - Como lhe chama?

- Souponir d'automne. Sim, é de facto um vestido próprio para a Mademoiselle!

Que haveria nestas palavras para Katherine as recordar, depois de sair do estabelecimento, com uma amarga sensação de tristeza?

“Souponir d'automne... um vestido próprio para a Mademoiselle...” Outono... sim, era Outono para ela, Outono para ela, que nunca conhecera, nem conheceria já, Primavera nem Verão... Perdera-os e jamais os encontraria. A vida passara, inexorável, durante todos aqueles anos de servidão em St. Mary Mead.

“Sou uma idiota!”, pensou. “Sou uma idiota! Que quero eu? Com franqueza, parecia mais contente há um mês do que pareço agora!”

Tirou da mala a carta que recebera de Lady Tamplin, naquela manhã, e que a iludira; percebera muito bem aquela súbita demonstração de afecto por uma prima havia muito esquecida. Era com mira no lucro, e não por amizade, que Lady Tamplin estava tão ansiosa pela companhia da sua querida prima. Bem, porque não? Bem vistas as coisas, as vantagens seriam mútuas.

“Irei!”, decidiu.

Descia a Piccadilly, naquele momento, e entrou na Cook para deixar tudo resolvido. Aguardou uns momentos. O homem que o empregado atendia também ia para a Riviera. Dir-se-ia que toda a gente ia para a Riviera. Pela primeira vez na vida, faria o que “toda a gente fazia”!

O homem que estava à sua frente voltou-se, de súbito, e ela ocupou o seu lugar. Explicou o que queria ao empregado, mas metade do seu pensamento ocupava-se de outra coisa. A cara do indivíduo parecera-lhe vagamente familiar... Onde já o vira? Subitamente, lembrou-se: vira-o naquela manhã, no Savoy, chocara com ele no corredor. Que coincidência encontrá-lo duas vezes no mesmo dia! Olhou para cima do ombro, constringida por uma sensação que não compreendia.

O homem estava à porta, a olhá-la. Percorreu-a um calafrio pressagiador de tragédia, de desastre iminente...

Mas afastou semelhantes ideias com o habitual bom-senso e prestou toda a atenção ao que o empregado dizia.

IX

OFERTA RECUSADA

Raramente Derek Kettering permitia que o mau génio levasse a melhor fosse no que fosse. Uma despreocupação negligente era a sua principal característica, e valera-lhe já em muitas

circunstâncias desagradáveis. Por isso, ao deixar o apartamento de Mirelle sentia-se já mais calmo. E bem precisava de calma, pois nunca se encontrara em tão grandes apuros, agravados por uma série de imprevistos que, de momento, não sabia como resolver.

Afastou-se de testa franzida, profundamente absorto nos seus pensamentos, sem a vivacidade de maneiras que tão bem lhe ficava. Várias possibilidades se apresentavam ao seu espírito, pois diga-se em abono da verdade que Derek Kettering era menos tolo do que parecia. Via várias saídas, entre as quais uma sobretudo o atraía. Se hesitava ainda em escolhê-la, era apenas de momento; para grandes males, grandes remédios. Sabia que não se enganava a respeito do sogro e que uma guerra entre Derek Kettering e Rufus Van Aldin só podia ter um fim. Irritado, amaldiçoou mental e veementemente o dinheiro e o seu poder.

Subiu a St. James's Street, atravessou Piccadilly e seguiu na direcção de Piccadilly Circus. Ao passar pelos escritórios de Thomas Cook & Sons afrouxou o passo, mas seguiu em frente, ainda indeciso. Por fim acenou com a cabeça e voltou-se bruscamente, tão bruscamente que chocou com um casal que vinha atrás de si. Retrocedeu e entrou no escritório da Cook. Atenderam-no imediatamente, pois estava pouca gente.

- Quero partir para Nice na próxima semana. Pode dar-me algumas informações?

- Em que data deseja partir?

- No dia catorze. Qual é o melhor comboio?

- Bem, não há dúvida de que o melhor é o Comboio Azul, como lhe chamam. Poupa as incómodas formalidades alfandegárias em Calais.

Derek acenou com a cabeça, embora soubesse perfeitamente tudo aquilo.

- Mas para o dia catorze é muito apertado...comentou o empregado. - A lotação do Comboio Azul esgota-se quase sempre.

- Veja se ainda me arranja um compartimento-cama. Senão... - Esboçou um sorriso curioso e não completou a frase.

O empregado ausentou-se durante alguns minutos e quando voltou disse-lhe:

- Ainda há três compartimentos-cama; reservo-lhe um. Em que nome?

- Pavett - respondeu Derek, e deu o endereço dos seus aposentos na Jermyn Street.

O empregado tomou nota, desejou-lhe um bom dia e dedicou a sua atenção à cliente seguinte.

- Quero partir para Nice no dia catorze. Não há um comboio chamado o Comboio Azul?

Derek olhou vivamente para trás...

Coincidência, estranha coincidência! Lembrou-se das palavras meio irónicas que dissera a Mirelle: "Retrato de uma senhora de olhos cinzentos. Não creio que volte a vê-la." Mas não só voltara a vê-la, como ainda ela se propunha viajar para a Riviera no mesmo dia que ele.

Por momentos, sentiu percorrê-lo um calafrio. Era supersticioso, em certas coisas, e não se esquecera de que dissera, meio a brincar, que aquela mulher podia trazer-lhe azar. E se... se... isso fosse verdade? Observou-a da porta, enquanto ela falava com o empregado.

Desta vez os seus olhos não o tinham enganado: era uma senhora em todo o sentido da palavra. Não muito jovem, nem singularmente bonita, mas tinha um não sei quê... Talvez os olhos cinzentos vissem de mais...

Saiu com a certeza fatalista de que, de certo modo, tinha medo daquela mulher.

Regressou ao seu apartamento na Jermyn Street e chamou o criado.

- Amanhã de manhã, antes de mais nada, levantas o dinheiro deste cheque e vais à Cook, em Piccadilly, pagar uns bilhetes que lá estão reservados em teu nome.

- Muito bem, senhor.

Pavett saiu e Derek aproximou-se de uma mesa e pegou num punhado de cartas. Eram todas de um tipo assaz familiar: contas, contas grandes e contas pequenas, todas a clamarem pagamento. A maneira de pedir era ainda delicada, mas Derek sabia que, em breve, se determinadas notícias se tornassem do domínio público, o tom mudaria.

Deixou-se cair, aborrecido, numa poltrona forrada de cabedal. Estava metido numa grande camisa-de-onze-varas, se estava! E a maneira de sair dela não lhe parecia muito prometedora.

Pavett entrou, com uma tossezinha discreta, e anunciou:

- Um cavalheiro deseja vê-lo, senhor. Major Knighton.

- Major Knighton? - Derek endireitou-se, franziu a testa, subitamente atento, e comentou em tom mais suave, quase como se falasse sozinho: - Knighton... que ventos o trarão?

- Mando-o entrar, senhor?

Derek acenou afirmativamente e, quando entrou na sala, Knighton encontrou à sua espera um anfitrião cheio de cordialidade.

- Foi muito simpático em visitar-me...

Os olhos atentos de Kettering compreenderam logo que Knighton estava nervoso e que a missão que ali o levava lhe desagradava claramente. Correspondeu em tom maquinal à conversa fácil de Derek, declinou uma bebida e a sua atitude pareceu tornar-se ainda mais hirta.

- Ora diga-me cá o que quer de mim o meu estimado sogro? - perguntou-lhe Derek, por fim. - Sim, porque presumo que veio a seu mandado...

- Vim, sim - respondeu o outro, muito sério. - Confesso que desejaria que Mister Van Aldin tivesse escolhido outra pessoa...

Derek ergueu as sobrancelhas, com um falso ar assustado, e perguntou:

- É assim tão mau! Garanto-lhe, Knighton, que não tenho uma pele muito delicada...

- Pois sim, mas isto...

Calou-se e o dono da casa olhou-o atentamente.

- Continue, por favor - pediu-lhe Derek, delicadamente. - Não me custa acreditar que as missões de que o meu querido sogro o encarrega nem sempre são agradáveis.

Knighton pigarreou e falou formalmente, esforçando-se por não demonstrar embaraço:

- Mister Van Aldin ordenou-me que lhe fizesse uma oferta directa.

- Uma oferta? - repetiu, surpreendido.

Não tinham sido bem aquelas palavras que esperara. Ofereceu um cigarro a Knighton, acendeu um para si e recostou-se na poltrona, murmurando em tom levemente sardónico:

- Uma oferta? Parece muito interessante...

- Posso continuar?

- Faça favor. Desculpe a minha surpresa, mas parece-me que o meu querido sogro desceu muito desde a nossa conversa desta manhã, e descer não é verbo que costume associar-se com homens fortes, com Napoleões da finança, etc. Demonstra, pelo menos assim sou levado a crer, que considera a posição mais fraca do que imaginava.

Knighton escutava delicadamente a voz bem timbrada e irónica, mas o seu rosto não denunciava os seus pensamentos. Esperou que Derek acabasse de falar e declarou, muito calmo:

- Apresentarei a proposta no menor número possível de palavras...

- Continue.

- Trata-se apenas disto - começou, sem olhar para o interlocutor, em tom seco e conciso: - Mistress Kettering apresentará, como sabe, um pedido de divórcio. Se o senhor não se opuser, receberá cem mil no dia em que a sentença for proferida.

Derek interrompeu bruscamente o gesto de acender o cigarro e repetiu:

- Cem mil! Dólares?

- Libras.

O silêncio foi total durante pelo menos dois minutos.

Kettering pensava, de sobrancelhas franzidas.

Cem mil libras... Isso queria dizer que poderia continuar com Mirelle e com a sua vida agradável e descuidada... e queria dizer também que Van Aldin sabia qualquer coisa. Não era homem que oferecesse dinheiro sem motivos.

Levantou-se, foi encostar-se à chaminé e perguntou, com fria e irónica delicadeza:

- E se eu recusar a atraente oferta?
- Garanto-lhe, Mister Kettering, que me custou muitíssimo vir aqui transmitir-lhe esta mensagem - afirmou

Knighton, sinceramente.

- Não tem importância; não se preocupe com isso, pois a culpa não é sua. Mas responda à minha pergunta, sim?

Knighton levantou-se também e falou ainda com maior relutância do que antes:

- Mister Van Aldin encarregou-me de lhe dizer claramente que tenciona arruiná-lo se recusar a sua proposta.

- Capaz disso é ele! - exclamou Derek. - Que posso eu contra um americano senhor de tantos milhões? Pouco ou nada. Cem mil libras! Quando se suborna um homem, ao menos que seja com uma importância que valha a pena! E se eu lhe dissesse que faria o que ele quisesse por duzentas mil?

- Transmitiria a sua resposta a Mister Van Aldin - redarguiu Knighton, imperturbável. - É isso que deseja lhe diga?

- Não, por estranho que pareça, não é. Pode dizer ao meu sogro que vá para o inferno, ele e os seus subornos! Entendidos?

- Perfeitamente. - Knighton levantou-se, hesitou e disse, corando: - Permita-me que lhe diga, Mister Kettering, que estou satisfeito por ser essa a resposta.

Derek não respondeu. Quando o outro saiu, ficou um momento mergulhado em reflexões, com um curioso sorriso nos lábios.

- E pronto! - murmurou, docemente.

X

NO COMBOIO AZUL

- Pai!

Mrs. Kettering estremeceu violentamente; naquela manhã não conseguia dominar os nervos. Elegante no seu casaco comprido de marta e no chapelinho vermelho, passeava, pensativa, no cais cheio de gente da estação de Vitória. O aparecimento súbito do pai apanhou-a de surpresa.

- Até deste um pulo, Ruth!

- Não esperava vê-lo, pai. Ontem despediu-se de mim e disse-me que tinha uma conferência esta manhã...

- E tenho, mas tu tens mais importância para mim do que todas as conferências juntas. Vim dizer-te um último adeus, pois vamos passar algum tempo sem nos vermos.

- Obrigada, pai. Gostaria que fosse comigo...

- Que dirias se fosse, hem?

Van Aldin fez a pergunta apenas por brincadeira, mas surpreendeu-se ao ver o rubor intenso que incendiou as faces da filha. Chegou-lhe até a parecer que os seus olhos exprimiam pavor.

- Por momentos julguei que falava a sério! - exclamou Ruth, com um riso nervoso e inquieto.

- Gostarias?

- Com certeza - afirmou, com exagerada ênfase.

- Ainda bem...

- Não estaremos afastados muito tempo, pai. Para o mês que vem já lá o terei.

- Ah! - exclamou, magoado. - Às vezes dá-me vontade de visitar um dos sabichões da Harley Street, para me dizer que preciso de sol e de mudar imediatamente de ares.

- Não seja preguiçoso! Para o mês que vem a Riviera é muito mais bonita que este mês e, além disso, o pai tem com certeza muitos negócios que não pode abandonar, assim de repente.

- Creio que tens razão - concordou, com um suspiro. - Acho melhor entrares para o comboio, Ruth. Onde é o teu lugar?

Ruth olhou vagamente para a composição. À porta de uma das carruagens Pullman encontrava-se a sua criada, uma mulher alta e magra, vestida de preto, que se afastou para ela passar.

- Arrumei o estojo de toucador debaixo do banco, madam, para o caso de precisar dele. Posso arrumar as mantas, ou deseja alguma?

- Não, não desejo nenhuma. Agora é melhor ires para o teu lugar, Mason.

- Sim, madam.

Van Aldin entrou na Pullman com a filha e colocou vários jornais e revistas na mesinha existente defronte do lugar de Ruth. O lugar oposto estava já ocupado e o americano deitou um olhar breve à sua ocupante, reparando sobretudo que tinha bonitos olhos cinzentos e vestia um elegante conjunto de viagem.

Conversou um pouco mais com Ruth e, quando os apitos começaram a ouvir-se, olhou para o relógio e disse-lhe:

- Acho melhor sair daqui agora. Adeus, querida, e não te preocupes: tratarei de tudo.

- Oh, pai!

Van Aldin voltou-se, inquieto. Notara na voz de Ruth um tom diferente do habitual, qualquer coisa que o assustara. Quase parecera um grito de desespero. A filha fez um movimento impulsivo na sua direcção, mas conteve-se e voltou a mostrar-se senhora de si mesma.

Dois minutos depois, o comboio partia.

Ruth sentou-se muito direita, a morder o lábio inferior e a esforçar-se desesperadamente por conter as lágrimas que ameaçavam saltar-lhe dos olhos. Sentia-se invadida por uma desolação terrível, pelo desejo louco de saltar do comboio e voltar para trás, antes que fosse demasiado tarde. Ela que era tão calma, tão segura de si, sentia-se pela primeira vez como uma folha sacudida pelo vento. Que diria o pai, se soubesse?

Loucura! Sim, era isso apenas, loucura! Pela primeira vez na sua vida deixara-se arrebatado pela emoção ao ponto de fazer o que sabia muito bem ser idiota e temerário. Era suficientemente filha do seu pai para avaliar a sua loucura e condenar o seu gesto, mas possuía também a determinação férrea da Van Aldin, a determinação de ter tudo quanto queria e de, uma vez tomada uma decisão, não voltar atrás. Desde o berço que era voluntariosa, característica que as próprias circunstâncias da vida que levava haviam desenvolvido.

Enfim, os dados estavam lançados, só lhe restava ir para a frente!

Levantou a cabeça e o seu olhar cruzou-se com o da mulher sentada no lugar oposto. Sem saber porquê, teve a impressão disparatada de que a outra lhe lera os pensamentos e de que os seus olhos cinzentos traduziam compreensão e... sim, compaixão.

Mas foi uma impressão fugidia; o rosto de ambas adquiriu, acto contínuo, a impassibilidade própria de pessoas bem educadas. Mrs. Kettering pegou numa revista e Katherine Grey olhou pela janela a paisagem interminável e deprimente de ruas e casas suburbanas.

Ruth sentia cada vez maior dificuldade em fixar a atenção na revista que lia. Mau grado seu, mil apreensões lhe assaltavam o espírito. Como fora idiota!

E continuava a sê-lo! Como todas as pessoas de temperamento calmo e auto-suficiente, quando perdia o autodomínio perdia-o por completo. Era demasiado tarde... Mas seria, de facto? Oh, se tivesse alguém com quem falar, alguém que a aconselhasse! Nunca experimentara semelhante desejo e desdenhara sempre da possibilidade de confiar numa opinião que não fosse a sua, mas agora... Que se passaria consigo? Pânico.

Sim, era essa a palavra que melhor descrevia o seu estado de espírito: pânico. Ela, Ruth Kettering, estava completa e absolutamente vencida pelo pânico.

Lançou um olhar disfarçado à companheira de viagem. Se ao menos conhecesse alguém assim, uma criatura calma, simpática e compreensiva... Via-se que era daquelas mulheres com quem se podia falar. Mas, claro, não se fazem confidências a uma desconhecida.

Ruth sorriu de semelhante ideia e tentou ler de novo; precisava de se dominar. No fim de contas, estudara o assunto e decidira de sua livre vontade. Que felicidade tivera na vida, até agora?

“Porque não hei-de ser feliz?”, perguntou a si mesma, impacientemente. “Ninguém saberia. .. “

Chegaram a Dover num instante. Ruth era boa marinheira, mas detestava o frio e estava ansiosa por se encontrar no conchego do camarote que reservara por telegrama. Embora não o confessasse, tinha certas superstições e as coincidências atraíam-na. Depois de desembarcar em Calais e de se instalar com a criada no seu compartimento duplo do Comboio Azul, dirigiu-se à carruagem-restaurante. Foi com um pequeno sobressalto de surpresa que se encontrou sentada à mesa, tendo na frente a mesma mulher que viajara consigo na Pullman. Um leve sorriso entreabriu os lábios das duas senhoras.

- Que coincidência! - comentou Mistress Kettering.

- Sem dúvida - concordou Katherine. - É singular a maneira como as coisas acontecem.

Um empregado serviu-lhes a sopa, com a rápida eficiência sempre demonstrada pela Compagnie Internationale des Wagons-Lits, e quando chegou a vez da omeleta as duas mulheres conversavam já amigavelmente.

- Estou ansiosa pelas delícias do sol! – exclamou Ruth, com um suspiro.

- Deve ser maravilhoso.

- Conhece bem a Riviera?

- Não; esta é a minha primeira visita.

- Imagine!

- Vai todos os anos, suponho?

- Praticamente. Janeiro e Fevereiro são terríveis em Londres.

- Vivi sempre na província, onde esses meses também não são muito inspiradores. Há, sobretudo, o flagelo da lama...

- Porque decidiu viajar, agora?

- Dinheiro - confessou Katherine. – Durante dez anos fui dama de companhia e nunca tive mais do que o indispensável para comprar sapatos grossos, para o campo... Agora herdei o que me parece uma fortuna, embora à senhora não deva parecer muito.

- Porquê? Porque me diz que não me parecerá muito, a mim?

Katherine riu-se, confusa.

- Sinceramente, não sei. Suponho que, mesmo sem querermos, formulamos opiniões acerca das pessoas, e a minha opinião a seu respeito leva-me a classificá-la entre os muito ricos deste mundo. Claro que se trata apenas de uma impressão; provavelmente estou enganada.

- Não, não está enganada -olveu Ruth, subitamente grave. - Gostaria de saber que outras opiniões formou a meu respeito.

- Eu...

- Oh, por favor, ponha de parte os convencionalismos! - pediu Ruth, ignorando o embaraço da outra. - Gostava de saber, acredite. Quando o comboio partiu de Vitória olhei para si e tive a impressão de que a senhora... bem, de que compreendia o que se passava no meu pensamento.

- Garanto-lhe que não sei ler o pensamento alheio! - afirmou Katherine, a sorrir.

- De acordo. Mas diga-me, por favor, o que pensou de mim.

A ansiedade de Ruth era tão intensa e sincera que logrou os seus intentos.

- Dir-lhe-ei, visto pedir-mo, mas rogo-lhe que não me considere impertinente. Pensei que, por qualquer motivo, sofria de uma grande angústia e lamentei-a.

- Não se enganou; tem toda a razão. Sinto-me, de facto, angustiada e... e gostaria de falar-lhe dos motivos da minha perturbação, se mo permitisse.

“Meu Deus, como o mundo parece extraordinariamente igual em toda a parte!”, pensou Katherine.

“Em St. Mary Mead toda a gente tinha sempre coisas que desejava dizer-me; aqui acontece a mesma coisa. E eu que não tenho interesse nenhum em ouvir as mágoas dos outros!”

Mas respondeu, delicadamente:

- Faça o favor de falar.

Como estavam a acabar de almoçar, Ruth bebeu o café de um trago, levantou-se e, sem reparar sequer que Katherine não começara ainda a beber o seu, disse-lhe:

- Venha ao meu compartimento.

Os aposentos de Ruth Kettering constavam de dois compartimentos simples, com uma porta de comunicação. A criada magra que Katherine vira na estação de Vitória encontrava-se no segundo, sentada muito direita e a agarrar uma caixa de marroquim encarnado, com as iniciais R. V. K. Mistress Kettering fechou a porta de comunicação, sentou-se e Katherine sentou-se também, ao seu lado.

- Estou em apuros e não sei que fazer. Gosto de um homem, gosto muito, mesmo. Amámo-nos quando éramos novos, fomos brutal e injustamente separados e agora reunimo-nos de novo.

- Sim?

- Vou... vou encontrar-me com ele. Calculo que não aprovará, mas ignora as circunstâncias. Meu marido é uma pessoa impossível, tratou-me grosseiramente.

- Ah! - murmurou Katherine.

- O que me custa tanto é ter enganado meu pai; foi ele que se despediu de mim, na estação de Vitória.

Quer que me divorcie de meu marido e, naturalmente, não faz a mínima ideia de que vou encontrar-me com... com o outro homem. Se soubesse consideraria a minha atitude de uma grande impudência e idiotice.

- E não concorda com ele?

- Creio... creio que sim. - Olhou para as mãos, que tremiam violentamente, e confessou: - Mas não posso retroceder.

- Porquê?

- Eu... enfim, está tudo combinado e despedaçaria o coração dele.

- Não acredite - afirmou Katherine, com firmeza. - Os corações são mais rijos do que supomos.

- Pensaria que não tenho coragem nem força de vontade.

- O que vai fazer parece-me estúpido, e a senhora deve ser da mesma opinião.

- Não sei... não sei... - gemeu Ruth Kettering, escondendo o rosto nas mãos. - Desde que partimos de Vitória que sinto um pressentimento horrível, como se em breve fosse acontecer-me qualquer desgraça à qual não posso escapar. - Agarrou convulsivamente a mão de Katherine e acrescentou: - Deve julgar-me doida por falar desta maneira, mas afirmo-lhe que vai acontecer uma tragédia!

- Não pense nisso, tente afastar semelhante ideia do pensamento e dominar-se - aconselhou-a a outra.

- Se quisesse, de Paris podia telegrafar ao seu pai e ele viria ter consigo.

O rosto de Ruth iluminou-se.

- Tem razão, podia telegrafar! Querido pai! É estranho, mas só hoje avaliei quanto gosto dele... - Endireitou-se, limpou os olhos e murmurou: - Devo ter feito uma grande figura de idiota... Muito obrigada por me ter ouvido... Não sei porque fiquei neste estado de nervosismo...

Levantou-se e acrescentou:

- Já me sinto bem; creio que precisava apenas de alguém com quem desabafar. Digo-lhe sinceramente que não compreendo, agora, porque fui tão idiota.

Katherine levantou-se também e redarguiu, tentando falar no tom mais convencional possível:

- Ainda bem que se sente melhor! - Sabia perfeitamente que a todas as confidências se segue inevitável embaraço e por isso teve o bom-senso de acrescentar: - Agora, se me permite, preciso de voltar ao meu compartimento.

Encontrou-se no corredor ao mesmo tempo que a criada saía da porta ao lado. A mulher olhou na direcção de Katherine por cima do ombro e reflectiu-se-lhe no rosto uma expressão de intensa surpresa. Katherine voltou-se instintivamente, mas quem quer que surpreendera a criada entrara já para qualquer dos compartimentos, pois o corredor estava deserto. Katherine dirigiu-se para o seu lugar, na carruagem seguinte, e ao passar pelo último compartimento do corredor a porta abriu-se e um rosto de mulher espreitou, por momentos, e recolheu-se logo, vivamente. Era um rosto que não se esquecia com facilidade, como verificaria quando voltou a vê-lo, uma cara bonita, oval e morena, excessiva e exoticamente pintada. Teve a impressão de que já a vira, algures.

Chegou ao seu compartimento sem mais novidades e sentou-se a reflectir nas confidências que acabava de ouvir. Quem seria a mulher do casaco de marta e como acabaria a sua história?

“Se evitei que cometesse uma tolice, fiz bom trabalho”, pensou. “Mas vá lá saber-se... É do tipo de mulheres que são obstinadas e egoístas toda a vida e a quem um bocadinho de sofrimento só pode fazer bem... Enfim, creio que não voltarei a vê-la; ela não quererá, com certeza, voltar a verme. É o que se ganha em ouvir as confidências dos outros: não querem voltar a ver-nos.”

Desejou que não lhe reservassem o mesmo lugar ao jantar, pois podia ser embaraçoso para ambas. Apoiou a cabeça numa almofada, sentindo-se fatigada e vagamente deprimida. Tinham chegado a Paris e a lenta viagem em redor da ceinture, com as suas intermináveis paragens e esperas, era fatigante e aborrecida.

Quando chegaram à Gare de Lyon apeou-se, contente, e passeou de um lado para o outro, no cais. A aragem fresca era repousante, depois da atmosfera abafada do comboio. Verificou, com um sorriso, que a sua amiga do casaco de marta resolvia à sua maneira o problema do possível embaraço do jantar: a criada recebia, pela janela, um cesto com a refeição.

Quando o comboio retomou a marcha e um toque de sineta anunciou o jantar, Katherine dirigiu-se para a carruagem-restaurant com uma agradável sensação de alívio. O seu companheiro de mesa era um homem baixo, de aspecto distintamente estrangeiro, com um bigode de guias rígidas e enceradas e cabeça oval, que tinha o hábito de inclinar um pouco para o lado. Katherine levava um livro, para se entreter enquanto comia, e reparou que o homem o olhava com certa malícia.

- Vejo, madame, que trouxe um romance policial.

Gosta do género?

- Entretém-me - confessou Katherine.

O homenzinho acenou com a cabeça, em sinal de absoluta compreensão, e comentou:

- Vendem-se muito bem, segundo me consta.

Porque será, hem, mademoiselle? Pergunto-lho como estudioso da natureza humana...

- Talvez proporcionem a quem os lê a ilusão de viverem uma vida excitante - sugeriu, cada vez mais divertida.

- Sim, a resposta não deixa de ter certa lógica - anuiu o indivíduo, em tom grave.

- Claro que sabemos que tais coisas não acontecem na realidade... - continuou Katherine, mas ele interrompeu-a, vivamente:

- Às vezes, mademoiselle! Às vezes! A mim aconteceram, a mim, que estou a falar-lhe!

Katherine lançou-lhe um olhar rápido e interessado e o indivíduo prosseguiu:

- Um dia, quem sabe?, talvez a mademoiselle se encontre também no coração de uma aventura. É tudo uma questão de acaso.

- Não creio que seja possível. Nunca me acontecem coisas desse género.

- E gostaria que acontecessem? - perguntou-lhe, inclinando-se para a frente, em tom confidencial.

A pergunta perturbou Katherine, que susteve a respiração.

- Talvez esteja a deitar-me a adivinhar - observou o homenzinho, enquanto limpava o garfo à toalha -, mas parece-me que alberga em si um anelo por acontecimentos interessantes. Eh bien, mademoiselle, toda a minha vida observei uma coisa, uma grande verdade:

"Querer é poder!" Quem sabe? - O rosto franziu-se-lhe numa expressão cómica. - Pode estar-lhe reservado mais do que supõe.

- É uma profecia? - perguntou-lhe Katherine, a sorrir, enquanto se levantava da mesa.
- Nunca faço profecias - declarou, pomposamente, o homenzinho. - É verdade que tenho o hábito de nunca me enganar, mas não me vanglorio disso.

Boas noites, mademoiselle, desejo-lhe que durma bem.

Katherine regressou ao seu compartimento, divertida com a conversa do seu pequeno vizinho de mesa.

Passou pela porta aberta do compartimento da mulher do casaco de marta e viu o condutor a preparar a cama. A passageira encontrava-se de pé, junto da janela, a olhar para fora. O segundo compartimento pareceu-lhe deserto, visto pela porta de comunicação, com malas e mantas amontoadas no banco. A criada não se encontrava lá.

Encontrou a sua cama já preparada, e como estava fatigada deitou-se e apagou a luz às nove e meia da noite.

Acordou em sobressalto, sem saber quanto tempo dormira. Olhou para o relógio, mas verificou que parara.

Invadiu-a uma sensação de intenso mal-estar, que se agravava de momento a momento. Acabou por se levantar, pôs o roupão pelos ombros e saiu para o corredor.

Todo o comboio parecia dormir. Katherine abriu a janela e sentou-se, aspirando o ar frio da noite e tentando em vão acalmar os seus desagradáveis e incompreensíveis receios. A certa altura resolveu dirigir-se ao fundo da carruagem e perguntar ao condutor que horas eram, para acertar o relógio. Verificou, porém, que a cadeira do homem estava deserta.

Hesitou, um instante, e depois passou para a carruagem seguinte. Olhou o corredor comprido e vagamente iluminado e viu, surpreendida, um homem com a mão apoiada na porta do compartimento da mulher do casaco de marta. Ou melhor, pensou que era o compartimento dela, mas provavelmente não era.

O homem permaneceu assim um momento ou dois, de costas voltadas na sua direcção, parecendo incerto e hesitante. Depois virou-se lentamente e, com uma estranha sensação de fatalismo, Katherine reconheceu o indivíduo que vira já duas vezes - uma no corredor do Savoy Hotel e outra nos escritórios da Cook. De súbito, o homem resolveu-se: abriu a porta, entrou e fechou-a atrás de si.

Uma ideia atravessou, rápida, o cérebro de Katherine Grey; seria aquele o homem de quem a outra mulher falara, aquele a quem ia reunir-se?

Mas disse a si mesma que estava a fantasiar, que certamente se enganara no compartimento, e regressou à sua carruagem.

Cinco minutos depois a composição perdeu velocidade, ouviu-se o silvo longo e lamentoso dos travões Westinghouse e, passados poucos minutos, o comboio parou em Lyon.

XI

ASSASSÍNIO

Quando acordou, na manhã seguinte, o sol brilhava esplendorosamente. Foi almoçar cedo, mas não encontrou nenhum dos conhecidos da véspera. Ao regressar ao compartimento encontrou-o já com o aspecto que apresentava de dia, graças ao condutor, um homem moreno, de bigode caído e rosto melancólico.

- Madame tem sorte; o sol brilha - disse-lhe, delicadamente.

- É sempre uma decepção para os passageiros quando chegam numa manhã sombria.

- Seria, sem dúvida, uma decepção para mim.

- Vamos bastante atrasados, madame – informou o homem, antes de sair. - Avisá-la-ei quando estivermos quase a chegar a Nice.

Katherine sentou-se à janela, encantada com a paisagem banhada de sol. As palmeiras, o azul profundo do mar e o amarelo brilhante das mimosas tinham todo o encanto da novidade para uma mulher que durante catorze anos conhecera apenas os tristes Invernos da Inglaterra.

Quando chegaram a Canes apeou-se e passeou no cais. Sentindo uma certa curiosidade acerca da mulher do casaco de marta, olhou para as janelas do seu compartimento. Tinham ainda as cortinas corridas, e por sinal eram as únicas em todo o comboio nessas condições. Ficou um pouco intrigada e, ao passar, depois, pelo corredor, notou que os dois compartimentos estavam ainda fechados e às escuras. A dama do casaco de marta não era nada madrugadora...

Pouco depois o condutor veio informá-la de que dali a minutos o comboio chegaria a Nice. Katherine deu-lhe gorjeta e o homem agradeceu, mas pareceu hesitar em ir-se embora. Miss Grey supôs, ao princípio, que talvez a gorjeta tivesse sido pequena, mas não tardou a convencer-se de que se passava qualquer coisa mais séria. O homem estava branco, tremia como varas verdes e parecia ter apanhado um grande susto.

Olhava-a de uma maneira curiosa e a certa altura perguntou-lhe, bruscamente:

- Madame desculpará, mas tem amigos a esperá-la em Nice?

- Provavelmente. Porquê?

Mas o condutor limitou-se a acenar com a cabeça, a murmurar qualquer coisa que ela não percebeu e a afastar-se. Voltou apenas quando o comboio parou na estação e começou a passar-lhe a bagagem pela janela.

Katherine ficou parada na estação, sem saber que fazer, mas um jovem louro, de rosto ingénuo, aproximou-se e perguntou-lhe:

- É Miss Grey?

Katherine confirmou, o jovem sorriu seraficamente e apresentou-se:

- Sou Chubby, o marido de Lady Tamplin. Calculo que ela lhe falou de mim, mas também se pode ter esquecido... Tem o seu bilhet de bagage? Este ano perdi o meu, numa viagem que fiz, e não imagina o sarilho que foi. Burocracia francesa!

Katherine entregou-lhe o talão e ia a acompanhá-lo quando uma voz suave e insidiosa murmurou ao seu ouvido:

- Só um momentinho, madame, por favor.

Voltou-se e deparou-se-lhe um indivíduo que supria a insignificância da sua estatura com a superabundância de galões dourados no uniforme.

- Há certas formalidades a cumprir - explicou o personagem - e agradecia que madame tivesse a bondade de me acompanhar. Normas da Polícia... - Levantou os braços, num gesto de impotência, e concluiu: - Absurdas, sem dúvida, mas inevitáveis.

Mr. Chubby Evans não compreendeu bem do que se tratava, pois o seu francês era limitado.

- É mesmo de franceses - resmungou, como um daqueles obstinados patriotas ingleses que, tendo assentado arraiais em determinado país estrangeiro, desprezam vivamente os nativos. - Estão sempre a inventar contratemplos idiotas! No entanto, nunca incomodaram ninguém na estação; isto é novo. Suponho que tem de ir...

Katherine acompanhou o indivíduo que a chamara e verificou, surpreendida, que a conduzia para um desvio no qual se encontrava uma carruagem do Comboio Azul.

Convidou-a a subir e, precedendo-a no corredor, abriu a porta de um dos compartimentos. No interior encontrava-se um personagem fardado, de ar pomposo, e um civil insignificante, que parecia um manga-de-alpaca. O personagem pomposo levantou-se delicadamente, inclinou a cabeça e disse a Miss Grey:

- Queira desculpar, madame, mas temos de atender a certas formalidades... madame fala francês?

- Razoavelmente, suponho, monsieur - respondeu, na referida língua.

- Ótimo. Queira sentar-se, madame, e permita que me apresente: Monsieur Caux, comissário da Polícia. - Encheu o peito de ar, envaidecido, e Katherine tentou mostrar-se suficientemente impressionada.

- Deseja ver o meu passaporte.

- O comissário fitou-a com atenção, resmungou qualquer coisa e aceitou o documento.

- Obrigado, madame. - Pigarreou e esclareceu:

- Mas o que na realidade desejo são certas informações...

- Informações?

O comissário acenou com a cabeça, devagar.

- Acerca de uma senhora que viajou consigo e com a qual almoçou ontem.

- Lamento, mas nada posso dizer-lhe a seu respeito.

Estabelecemos conversa durante o almoço, mas é uma desconhecida para mim; nunca a tinha visto antes.

- No entanto, acompanhou-a ao compartimento após a refeição e estiveram a conversar algum tempo! - observou o comissário, secamente.

- Sim, é verdade.

- O comissário pareceu esperar que acrescentasse mais alguma coisa, olhou-a encorajadoramente e murmurou:

- Então, madame?

- Então, monsieur?

- Talvez possa dar-me uma ideia dessa conversa.

- Poderia, mas não vejo motivo para o fazer - redarguiu, sentindo-se muito britanicamente irritada; aquele polícia estrangeiro parecia-lhe impertinente.

- Não vê motivo? - abespinhou-se o francês. - Garanto-lhe, madame, que existe um motivo, e forte!

- Nesse caso, talvez queira expor-mo.

O comissário esfregou o queixo, pensativamente, e por fim respondeu:

- A razão é muito simples, madame: a senhora em questão foi esta manhã encontrada morta, no seu compartimento.

- Morta! - exclamou Katherine, em voz rouca.

- Que foi? Ataque cardíaco?

- Não - voltou o comissário, em tom sonhador e meditativo. - Não, madame... Foi assassinada.

- Assassinada!

- Compreende agora, madame, porque estamos empenhados em obter todas as informações possíveis?

- Mas com certeza a criada...

- A criada desapareceu.

- Oh! - Katherine calou-se, a tentar coordenar os seus pensamentos.

- O condutor viu-a a conversar com a vítima no compartimento desta e, naturalmente, informou a Polícia do facto. Foi por isso que a detivemos, na esperança de que pudesse dar-nos algumas informações.

- Lamento muito, mas nem sequer sei o seu nome.

- Sabemos que o seu apelido era Kettering, pois está mencionado no passaporte e nos rótulos da bagagem. Se nós...

Bateram à porta. M. Caux franziu as sobrancelhas e abriu-a cerca de quinze centímetros.

- Que se passa? - perguntou, peremptório. - Neste momento não posso atender...

A cabeça oval do companheiro de jantar de Katherine surgiu na abertura, com o rosto iluminado por um sorriso.

- Chamo-me Hercule Poirot.

- N-não... não o Hercule Poirot? - gaguejou o comissário.

- Esse mesmo - confirmou M. Poirot. - Lembro-me de, uma vez, o ter visto na Sureté de Paris, mas naturalmente o senhor esqueceu-me...

- De maneira nenhuma, monsieur, de maneira nenhuma! - apressou-se a afirmar o comissário. - Faça favor de entrar. Tem conhecimento do...

- Tenho, sim - interrompeu-o o detective. - Vim perguntar se poderei ser útil.

- Será uma honra - replicou prontamente o polícia. - Permita que lhe apresente, Monsieur Poirot... consultou o passaporte que conservava ainda na mão - que lhe apresente madame... não, mademoiselle Grey.

Poirot sorriu a Katherine e comentou:

- Não acha estranho que as minhas palavras se tenham tornado tão depressa realidade?

- Infelizmente, mademoiselle não nos pode dizer muito... - lamentou o comissário.

- Já expliquei que a pobre senhora era uma completa desconhecida para mim - esclareceu Katherine.

- Mas falou consigo, não falou? - perguntou-lhe

Poirot, docemente. - Decerto formou uma opinião?

- Sim, creio que sim - respondeu, pensativa.

- E essa impressão foi...

- É verdade, mademoiselle, confie-nos as suas impressões! - intrometeu-se o comissário.

Katherine reflectia, parecia-lhe que, se falasse, trairia de certo modo a confiança que a pobre mulher depositara nela. No entanto, com a terrível palavra “assassínio” a vibrar-lhe nos ouvidos, não ousou ocultar nada; muito poderia depender da revelação do que a vítima lhe contara. Por isso, repetiu palavra por palavra a conversa que tivera com a morta.

- Interessante - comentou o comissário, olhando para o detective. - Não acha, Monsieur Poirot? Se tem alguma relação com o crime... - calou-se, deixando a frase incompleta.

- Não poderá tratar-se de suicídio? - arriscou

Katherine, muito duvidosa.

- Não, mademoiselle, não se trata de suicídio.

A vítima foi estrangulada com um bocado de corda preta.

- Oh! - exclamou, com um calafrio.

M. Caux abriu as mãos, compungido, e confessou:

- Não é agradável, não... Creio que os nossos ladrões de comboios são mais cruéis do que no seu país.

- É horrível!

- Sem dúvida, sem dúvida... - aquiesceu, em tom levemente apologético. - Mas a mademoiselle tem muita coragem. Mal a vi, disse para comigo: “Mademoiselle tem muita coragem!” Por isso, ousou pedir-lhe que faça algo mais... mais deprimente, mas garanto-lhe, absolutamente necessário.

Katherine olhou-o, apreensiva, e o comissário abriu de novo as mãos e esclareceu:

- Tenho de pedir-lhe, mademoiselle, o favor de me acompanhar ao compartimento contíguo.

- Tenho... tenho de ir? - perguntou, em voz baixa.

- Alguém tem de identificá-la, e como a criada desapareceu... - tossiu significativamente e concluiu:

- A senhora parece ter sido a pessoa que mais lidou com ela, no comboio.

- Muito bem, se é preciso... - murmurou Katherine, serenamente.

Levantou-se e Poirot lançou-lhe um olhar de aprovação.

- Mademoiselle é compreensiva - declarou. - Posso acompanhá-los, Monsieur Caux?

- Encantado, meu caro Monsieur Poirot!

Sáiram para o corredor e o comissário abriu a porta do compartimento da assassinada. As cortinas do lado interior tinham sido levantadas até meio, para permitirem a entrada de alguma luz, e a morta jazia na cama, à esquerda, numa posição tão natural que dir-se-ia dormir apenas. Tinha a roupa puxada até acima e o rosto voltado para a parede, de maneira que se viam apenas os cabelos

ruivos e ondulados. Suavemente, M. Caux agarrou-lhe num ombro e voltou o corpo, para que lhe vissem a cara. Katherine estremeceu e enterrou as unhas nas palmas das mãos: uma pancada violenta desfigurara a tal ponto as feições que o reconhecimento era quase impossível. O próprio Poirot soltou uma exclamação de espanto e perguntou:

- Quando lhe fizeram isto? Antes ou depois da morte?

O médico diz que foi depois.

- Estranho - murmurou o detective, de testa franzida. - Tenha coragem, mademoiselle, e observe-a bem - pediu a Katherine. - Tem a certeza de que foi com esta mulher que falou ontem, no comboio?

Katherine possuía bons nervos e, com um esforço de vontade, conseguiu olhar longa e atentamente a assassina.

Depois inclinou-se e pegou-lhe numa das mãos.

- Tenho a certeza - respondeu, por fim. - O rosto está irreconhecível, mas a estatura e o cabelo correspondem. De resto, reparei nisto - apontou uma pequena verruga existente no pulso da vítima - enquanto conversávamos.

- Bon - aprovou Poirot. - É uma excelente testemunha, mademoiselle. Não restam, pois, dúvidas quanto à identidade. Contudo, é estranho... - Tinha os olhos fixos na morta, as sobrancelhas franzidas e um ar de grande perplexidade.

M. Caux encolheu os ombros e comentou:

- O assassino devia estar furioso, suponho.

- Se a tivesse agredido primeiro, seria compreensível; mas o homem que a estrangulou aproximou-se pela retaguarda e apanhou-a desprevenida - murmurou Poirot, como se falasse consigo mesmo. - A vítima deve apenas ter tido tempo para uma exclamação rouca, um pequeno gorgolejar... E depois esta pancada brutal na cara... Para quê? Esperaria que, se lhe deixasse o rosto irreconhecível, não seria identificada?

Ou odiá-la-ia tanto que não resistiu a desfigurá-la desta maneira, mesmo depois de morta?

Katherine estremeceu e o detective voltou-se para ela, amavelmente.

- Perdoe se estou a atormentá-la, mademoiselle.

Para si, tudo isto é novo e terrível; para mim, infelizmente, é história velha. Rogo-lhes a ambos apenas mais um momento.

O comissário e Katherine encostaram-se à porta, enquanto Poirot percorria rapidamente o compartimento.

Observou as roupas da morta, cuidadosamente dobradas ao fundo da cama, o grande casaco de peles pendurado num cabide e o chapelho vermelho atirado descuidadamente para a rede. Em seguida entrou no compartimento contíguo, aquele onde Katherine vira a criada sentada e onde a cama não fora armada.

Viam-se três ou quatro mantas em cima do banco, uma caixa de chapéus e duas malas.

- Esteve aqui ontem - disse Poirot, voltando-se subitamente para Katherine. - Nota alguma mudança ou alguma falta?

Katherine observou com cuidado ambos os compartimentos, antes de responder:

- Falta uma caixa de marroquim encarnado, com as iniciais R. V. K. Tanto podia ser uma caixinha de toucador como um grande guarda-jóias. Quando a vi estava nas mãos da criada.

- Ah! - exclamou Poirot.

- Mas sem dúvida... - murmurou Katherine, hesitante. - Claro que não percebo nada destas coisas, mas parece-me simples, uma vez que a criada e o guarda-jóias desapareceram.

- Quer dizer que foi a criada a autora do roubo?

Não, mademoiselle, há uma boa razão que anula essa hipótese.

- Qual?

- A criada ficou em Paris. - O comissário voltou-se para

Poirot e acrescentou em tom confidencial:

- Gostaria que ouvisse pessoalmente a história do condutor; é muito sugestiva.

- Tenho a certeza de que mademoiselle também gostaria de a ouvir - afirmou Poirot. - Não se opõe, comissário?

- Não - redarguiu o polícia, pouco satisfeito. - Se acha conveniente, Monsieur Poirot... Já acabou aqui?

- Creio que sim... Um momentinho!

Pegou numa das mantas em que estivera a mexer e levou-a para a janela. Olhou atentamente e retirou qualquer coisa, com a ponta dos dedos.

- Que é? - perguntou M. Caux, interessado.

- Quatro cabelos ruivos. - Debruçou-se sobre a cabeça da morta e acrescentou: - São da vítima.

- Que tem isso? Atribui-lhes importância?

Poirot atirou a manta para o banco e perguntou:

- Quem sabe o que tem importância e o que não tem? Por enquanto, é impossível dizê-lo. Mas impõe-se que anotemos cuidadosamente todos os pormenores, por ínfimos que pareçam.

Regressaram ao primeiro compartimento, onde pouco depois se lhes juntou o condutor do comboio.

- Chama-se Pierre Michele? - perguntou-lhe o comissário.

- Sim, senhor comissário.

- Gostaria que repetisse a este senhor - apontou Poirot - a história que me contou, acerca do acontecido em Paris.

- Muito bem, senhor comissário. Depois da paragem na Gare de Lyon dirigi-me ao compartimento para fazer as camas, convencido de que madame estaria a jantar; mas ela mandara vir um cesto com comida.

Disse-me que, em virtude de ter sido obrigada a deixar a criada em Paris, só precisava de armar uma cama. Levou o cesto com o jantar para o compartimento contíguo, para eu armar a cama, e depois recomendou-me que não a acordasse cedo, pois gostava de dormir até tarde.

Respondi-lhe que compreendia e desejei-me boas noites.

- Mas você não entrou no compartimento contíguo?

- Não, senhor.

- Nesse caso, reparou se entre a bagagem se encontrava uma caixa de marroquim encarnado?

- Não, senhor, não reparei.

- Seria possível encontrar-se um homem escondido no segundo compartimento?

- A porta estava meio aberta - respondeu o condutor, depois de pensar um bocado. - Se um homem se encontrasse atrás dela, eu não o veria, mas a senhora tê-lo-ia visto perfeitamente, quando entrou.

- Exactamente - concordou Poirot. - Tem mais alguma coisa a dizer-nos?

- Creio que é tudo, senhor; não me lembro de mais nada.

- E que aconteceu esta manhã? - inquiriu o detective.

- Como madame recomendara, não a acordei. Só quando estávamos a chegar a Canes me atrevi a bater à porta e, como não respondesse, abri. A senhora estava deitada e parecia dormir, mas quando lhe toquei num ombro para a acordar...

- Viu o que acontecera - concluiu Poirot. - Très bien. Creio saber tudo quanto me interessa.

- Espero não ser culpado de qualquer negligência, senhor comissário - murmurou o condutor, assustado. - Logo havia de acontecer uma coisa destas no Comboio Azul! É horrível!

- Tranquilize-se - respondeu-lhe o comissário.

- Faremos tudo para conservar o ocorrido o mais secreto possível, quanto mais não seja no interesse da justiça. Não o acho culpado de negligência nenhuma.

- E o senhor comissário dirá isso à Companhia?

- Com certeza, com certeza - prometeu M. Caux, impaciente. - Mas basta, por agora.

O condutor retirou-se.

- De acordo com o parecer médico, a senhora deve ter sido morta antes de o comboio chegar a Lyon - informou o comissário. - Quem teria sido, então, o assassino? A julgar pelo que

mademoiselle nos disse, parece evidente que a vítima devia reunir-se, em qualquer ponto do percurso, ao tal homem de quem falou.

O facto de se ter livrado da criada parece, aliás, significativo. Terá o homem entrado no comboio em Paris e tê-lo-á ela ocultado no compartimento contíguo? Se assim foi, é possível que tenham discutido e que ele a assassinasse num impulso de cólera. É uma possibilidade. Mas há outra, e esta coaduna-se melhor com a minha maneira de pensar: o assassino foi um ladrão de comboios que viajava na composição, percorreu o corredor sem que o condutor o visse, matou-a e fugiu com a caixa de marroquim encarnado, a qual provavelmente continha jóias de certo valor. Segundo todas as probabilidades saiu do comboio em Lyon, e por isso pedimos já telegraficamente pormenores completos de quem quer que vissem sair do comboio.

- Mas o assassino também pode ter vindo até Nice – sugeriu Poirot.

- Sem dúvida, mas isso seria um procedimento muito temerário.

Poirot deixou passar um ou dois minutos e só então perguntou:

- A ter-se dado o último caso, acha que o assassino era um vulgar ladrão de comboios?

- Depende - replicou o comissário, encolhendo os ombros. - Precisamos de encontrar a criada; é possível que tenha consigo a caixa de marroquim. Se, tiver, o homem de quem a vítima falou a mademoiselle deve estar envolvido no caso e, então, parece-me que temos um crime passional. Quanto a mim, porém, parece-me mais aceitável a hipótese do roubo. Estes celerados têm-se tornado, ultimamente, muito atrevidos.

- Mademoiselle, não viu nem ouviu nada durante a noite? - perguntou, de súbito, Poirot a Katherine.

- Nada.

- Creio que não precisamos de demorar esta senhora mais tempo, comissário.

O polícia concordou, com um aceno de cabeça, e perguntou:

- Importa-se de deixar-nos a sua morada?

Katherine indicou-lhes a vila de Lady Tamplin e Poirot inclinou-se, numa pequena vénia.

- Permite que volte a vê-la, mademoiselle? Ou tem tantos amigos que ficará com o tempo todo tomado?

- Pelo contrário - respondeu Katherine -, sobrar-me-á muito tempo e ficarei encantada por voltar a vê-lo.

- Excelente - replicou Poirot, com um sorriso cordial. - Este será um roman olicier à nous!

Investigá-lo-emos juntos.

XII

NA VILA MARGUERITE

- Então estiveste, realmente, no âmago da questão! - exclamou Lady Tamplin, com uma pontinha de inveja. - Minha querida, que emocionante! - Abriu muito os olhos de porcelana azul e soltou um suspirozinho.

- Um assassínio a sério! - exclamou Mr. Evans, delicado.

- Claro que Chubby não fez ideia do que se tratava - prosseguiu Rosalie Tamplin. - Não consegui imaginar o que a Polícia te queria. Minha cara, que oportunidade! Suponho... sim, acho que devemos tirar qualquer partido disto! - e um olhar calculista turbou-lhe a ingenuidade dos olhos azuis.

Katherine sentia-se pouco à vontade. Acabavam de almoçar e ela observou, sucessivamente, as três pessoas sentadas à mesa: Lady Tamplin, fértil em estratégias práticas; Mr. Evans, sorridente e cheio de ingénuo contentamento; e Lenox, com um sorriso estranho e dúbio no rosto moreno.

- Que sorte maravilhosa! - continuou Chubby, ainda fascinado pelo que ouvira. - Quem me dera ter ido consigo e visto todas as provas! - Falava em tom pesaroso e infantil.

Katherine não disse nada. A Polícia não lhe pedira segredo e era evidentemente impossível tentar ocultar a verdade dos factos, mas gostaria de ter podido calar-se.

- Sim - disse Lady Tamplin, como se acordasse bruscamente de um sonho -, creio que devemos fazer alguma coisa. Um pequeno relato inteligentemente redigido, o depoimento de uma testemunha ocular, com um “toque” feminino... Por exemplo: Como conversei com a vítima sem pensar sequer...

- Parvoíce! - interrompeu Lenox.

- Não fazem ideia do que os jornais pagam por coisinhas dessas - afirmou Lady Tamplin, em voz suave e ávida. - Escritas, evidentemente, por alguém de situação social impecável. Creio que não gostarias de escrevê-la tu própria, Katherine, mas dá-me os tópicos e eu redigirei a história em teu nome. Monsieur de Haviland é um amigo especial meu, temos um entendimentozinho... Que te parece a ideia, Katherine?

- Prefiro não me meter em tal coisa - replicou a interpelada, francamente.

Lady Tamplin ficou desconcertada com a inflexível recusa, suspirou e resolveu pedir mais pormenores do caso.

- Disseste que era uma mulher que dava nas vistas, não disseste? Pergunto a mim mesma quem seria... Não ouviste o seu nome?

- Mencionaram-no na minha presença, mas não me lembro. Estava muito transtornada, como deves calcular.

- Faço ideia - disse Mr. Evans. - Deve ter sido um choque terrível.

Resta saber se Katherine diria o nome da vítima, mesmo que dele se lembrasse. O implacável interrogatório de Lady Tamplin começava a irritá-la. Lenox, que era observadora à sua maneira, compreendeu-o e ofereceu-se para mostrar o quarto à prima. Lá a deixou, dizendo-lhe antes de sair:

- Não ligue importância à minha mãe; se pudesse ganhar algum dinheiro à custa da própria avó moribunda, não hesitaria!

A rapariga voltou à sala de jantar e encontrou a mãe e o padraсто a falarem da recém-chegada.

- É bastante apresentável - dizia Lady Tamplin - e veste bem. Aquele modelo cinzento é o mesmo que Gladys Cooper usou em Palmeiras no Egipto.

- Reparaste nos seus olhos? - perguntou Mr. Evans.

- Deixa os olhos da rapariga em paz, Chubby! - ripostou a mulher, irritada. - Estamos a falar de coisas que realmente interessam.

- Ah, com certeza! - concordou Mr. Evans, recolhendo à sua concha.

- Não me pareceu muito... maleável - observou Rosalie Tamplin, com certa hesitação na escolha do termo apropriado.

- Tem todos os instintos de uma verdadeira senhora, como dizem nos livros - comentou Lenox, com um sorriso velhaco.

- Vistas estreitas... - murmurou a mãe. - Mas isso era inevitável, nas circunstâncias.

- Calculo que farás o impossível para lhas alargar, mas perderás o teu tempo - afirmou a rapariga.

- Ainda há bocado, como certamente reparaste, fincou os pés, atirou as orelhas para trás e recusou ceder.

- Seja como for, não me parece mesquinha - prosseguiu Lady Tamplin, em tom esperançoso. - Certas pessoas, quando se apanham com dinheiro, atribuem-lhe demasiada importância.

- Oh, não terás dificuldade em lhe apanhar o que quiseres! - afirmou Lenox. - No fim de contas, é isso apenas que interessa, não achas? Foi para isso que veio.

- É minha prima! - declarou Lady Tamplin, com dignidade.

- Prima, hem? - comentou Mr. Evans, levantando-se. – Creio que posso tratá-la por Katherine, não achas?

- A maneira como a tratares não terá importância nenhuma, Chubby - redarguiu a mulher.

- Ótimo, então será Katherine. - E acrescentou, esperançado: - Achas que saberá jogar ténis?

- Claro que não! Já te disse que foi dama de companhia e as damas de companhia não jogam ténis nem golfe. Talvez joguem croquet, mas sempre ouvi dizer que passam a maior parte do tempo a dobar lã e a dar banho a cães.

- Meu Deus! - exclamou Mr. Evans, estupefacto. - Isso é verdade?

Lenox voltou ao quarto de Katherine e perguntou-lhe, por delicadeza:

- Posso ajudá-la nalguma coisa?

Katherine respondeu que não e a rapariga sentou-se na borda da cama, a observá-la pensativamente.

- Porque veio? - perguntou-lhe, por fim. - Quero dizer, porque veio para nossa casa? Não somos do seu género.

- Oh, estava ansiosa por entrar na sociedade!

- Não seja idiota! - redarguiu Lenox, ao vê-la sorrir. - Percebeu muito bem o que eu quis dizer.

Não é nada, mas nada, como eu imaginei que seria.

Trouxe roupas decentes - suspirou e concluiu: - As boas roupas não me servem de nada, pois nasci desajeitada... É uma pena, aliás, pois adoro-as.

- Também eu - confessou Katherine. – Mas até agora não me valeu de muito adorá-las. Acha este vestido bonito?

Discutiram vários modelos, com artístico fervor, e de súbito Lenox afirmou:

- Simpatizo consigo. Vim cá acima para lhe dizer que não se deixasse levar pela minha mãe, mas creio que não é preciso. É uma pessoa muito sincera, muito justa e todas essas coisas, mas não é idiota. Diabo, que será agora?

A voz de Lady Tamplin chamava-a, do vestíbulo:

- O Derek telefonou, Lenox. Quer vir jantar connosco esta noite. Achas bem? Quero dizer, não temos nada complicado, como codornizes, por exemplo?

Lenox tranquilizou-a e voltou para junto de Katherine com ar menos sombrio.

- Ainda bem que o Derek vem cá! - exclamou.

- Gostará dele.

- Quem é Derek?

- É filho de Lorde Leconbury e casado com uma americana rica. As mulheres perdem a cabeça por ele.

- Porquê?

- Ora, pelos motivos habituais: bonito e um patifório muito razoável... Toda a gente perde a cabeça por ele.

- Você também?

- Às vezes... Outras penso que gostaria de casar com um cura simpático, viver na província e cultivar trepadeiras... - Fez uma pausa, antes de acrescentar:

- Preferia que o cura fosse da Irlanda, pois assim poderia caçar.

Mas, passado um minuto ou dois, voltou ao primeiro tema:

- Derek é estranho... Toda aquela família é, aliás, um pouco amalucada... jogadores inveterados, compreende?

Noutros tempos costumavam apostar as mulheres e as propriedades e fazer coisas ainda mais doidas, só pelo amor da aventura. Derek daria um perfeito ladrão de estrada, donairoso e alegre... - Encaminhou-se para a porta e concluiu: - Desça quando lhe apetercer.

Sozinha, Katherine entregou-se aos seus pensamentos. Por enquanto, sentia-se pouco à vontade e perturbada pelo ambiente que a rodeava. A sinistra descoberta do comboio e a maneira como os seus novos amigos haviam recebido a triste notícia feriam-lhe a susceptibilidade. Pensou

longamente na pobre mulher assassinada. Lamentava Ruth, mas não podia afirmar com sinceridade que tivesse gostado dela. Adivinhara sem dificuldade o implacável egoísmo que constituía a nota principal da sua personalidade e que a repelira.

Sentira-se um bocadinho ferida com a maneira como a outra a despedira, quando já não precisava dela, e embora tivesse a certeza de que a desconhecida tomara uma decisão, gostaria de saber qual fora. Fosse qual fosse, porém, a morte metera-se de permeio e tornara inúteis e sem significado todas as decisões. Era estranho que tivesse sido assim e que um crime brutal houvesse assinalado a fatídica viagem. De súbito, porém, lembrou-se de um pequeno facto que talvez devesse ter comunicado à Polícia, mas que no momento não lhe ocorrera. Teria, na realidade, alguma importância?

Parecera-lhe ver um homem entrar no compartimento da vítima, mas podia muito bem ter-se enganado, podia tratar-se do compartimento seguinte e o homem não ser nenhum ladrão... Recordava-se perfeitamente dele, tal como o vira nas duas ocasiões precedentes - uma vez no Savoy e outra no escritório da Cook. Enganara-se, com certeza; o homem não entrara no compartimento e talvez tivesse sido uma sorte não se lembrar de informar a Polícia do pormenor. Quem sabe o mal que lhe teria feito.

Foi juntar-se aos outros, no terraço, e enquanto admirava o Mediterrâneo azul, através dos ramos das mimosas, e ouvia distraidamente a tagarelice de Lady Tamplin, sentia-se satisfeita por ter vindo. Aquilo era muito melhor do que St. Mary Mead!

À tardinha vestiu o vestido a que a modista chamara *soupir d'automne* e, depois de sorrir à imagem reflectida no espelho, desceu novamente, com a primeira sensação de timidez da sua vida.

A maioria dos convidados de Lady Tamplin tinham já chegado, e como o barulho era condição essencial das reuniões da anfitriã, a algazarra era já ensurdedora.

Chubby correu para Katherine, meteu-lhe um cocktail na mão e tomou-a sob a sua protecção...

- Até que enfim chega, Derek! - exclamou Lady Tamplin, quando a porta se abriu e entrou o último convidado. - Agora podemos, finalmente, comer. Estou esfomeada!

Katherine olhou para o recém-chegado e estremeceu. Aquele era, então, Derek! Singularmente, não se surpreendia; sempre tivera a íntima certeza de que, um dia, reencontraria o homem que vira já três vezes, graças a tão curiosa série de coincidências. Pareceu-lhe que ele também a reconheceria, pois interrompeu bruscamente o que dizia a Lady Tamplin e só com esforço prosseguiu. Ao jantar encontrou-se sentada ao seu lado.

- Sabia que havia de reencontrá-la em breve - observou Derek, com um sorriso simpático -, mas nunca sonhei que fosse aqui. Estava escrito que nos voltaríamos a encontrar, sabe? Uma vez no Savoy, outra na Cook... e não há duas sem três! Não me diga que não se lembra de mim nem que não reparou na minha pessoa... Garanto que, pelo menos, fingiu que reparava em mim.

- E reparei, de facto. No entanto, esta não é a terceira vez que o vejo, mas, sim, a quarta. Vi-o também no Comboio Azul.

- No Comboio Azul!

Um não sei quê de indefinível transformou a sua atitude; foi como se lhe tivesse acontecido um revés.

Logo perguntou, porém, descuidado:

- Que alarido foi aquele, esta manhã? Morreu alguém, não morreu?

- Morreu, morreu alguém - respondeu Katherine, devagar.

- Ninguém devia morrer num comboio - observou Derek, em tom petulante. - Causa uma série de complicações legais e internacionais e dá ao comboio uma desculpa para chegar ainda mais atrasado do que habitualmente.

- Mister Kettering... - chamou uma robusta senhora americana, sentada na sua frente, com a pronúncia deliberada da sua nacionalidade. - Creio que se esqueceu de mim, Mister Kettering, e eu que o considerava um homem tão encantador!

Derek inclinou-se para a frente, a fim de lhe responder, e Katherine sentiu-se quase tonta. Kettering!

Era esse o nome, lembrava-se agora! Mas que irónica e estranha situação! Ali estava um homem que vira entrar no compartimento onde a mulher viajava, na véspera, um homem que a deixara viva e de saúde...

E agora jantava ao seu lado, inconsciente da tragédia que sobre ela se abateria... Sim, pois não lhe restavam dúvidas de que ele de nada sabia.

Um criado aproximou-se de Derek, estendeu-lhe uma carta e murmurou algumas palavras, muito baixo.

Derek pediu licença a Lady Tamplin, abriu-a e no rosto estampou-se-lhe uma expressão de puro espanto.

- É extraordinário! - exclamou, olhando a anfitriã. - Lamento, Rosalie, mas tenho de deixá-la.

O prefeito da Polícia deseja falar-me imediatamente, embora não possa imaginar porquê.

- Os seus pecados foram descobertos - comentou Lenox.

- Talvez. Estou convencido de que se trata de qualquer idiotice, mas não tenho outro remédio senão correr à Prefeitura. Como se atreveu o indivíduo a interromper-me o jantar? Deve tratar-se, com certeza, de assunto muito sério, para se atrever...

Riu-se, empurrou a cadeira e levantou-se da mesa.

XIII

VAN ALDIN RECEBE UM TELEGRAMA

Na tarde de 15 de Fevereiro descera sobre Londres um nevoeiro espesso e amarelo. Rufus Van Aldin encontrava-se na sua suite no Savoy e tentava vingar-se das condições atmosféricas trabalhando a dobrar, o que encantava Knighton. Ultimamente tivera dificuldade em levar o patrão a concentrar-se no trabalho e quando se atrevia a insistir recebia uma resposta seca.

Mas agora Van Aldin parecia mergulhar a fundo nas tarefas que o aguardavam e o secretário aproveitava o melhor possível a oportunidade. Sempre diplomático, enterrava as esporas com tanta subtilidade que Van Aldin nem suspeitava.

No entanto, no meio de toda a sua absorção nos assuntos comerciais, um pequeno facto perturbava o espírito de Van Aldin. Uma observação casual de Knighton, feita inconscientemente, era a culpada da angústia que, lentamente, se apoderava do americano. Por fim, quase maquinalmente, teve de render-se à sua insistência.

Escutava, com o habitual ar atento, quanto Knighton dizia, mas na realidade o seu cérebro não retinha uma única palavra. Acenou, porém, distraidamente, e o secretário procurou outro papel.

- Importa-se de me repetir isso, Knighton? - perguntou-lhe o patrão, de súbito.

- Refere-se a isto? - indagou Knighton, pegando numa folha coberta de caligrafia apertada.

- Não, não. Referia-me ao que me disse a respeito de ter visto a criada de Ruth em Paris, a noite passada. Não compreendo, deve ter-se enganado.

- Não me enganei, pois falei com ela.

- Conte-me tudo outra vez.

Knighton fez-lhe a vontade:

- Depois de arrumar o assunto com Bartheimers voltei ao Ritz, a fim de preparar as malas antes do jantar, para apanhar o comboio das nove na Gare du Nord. Na recepção encontrava-se uma mulher na qual reconheci a criada de Mistress Kettering, aproximei-me e perguntei-lhe se a senhora estava no hotel.

- Sim, sim, naturalmente - interrompeu-o, impaciente, Van Aldin. - E ela respondeu-lhe que Ruth

seguira para a Riviera e a mandara aguardar ordens no Ritz?

- Exactamente, senhor.

- É estranho, muito estranho mesmo... A menos que a mulher tenha sido impertinente ou coisa parecida.

- Nesse caso, Mistress Kettering ter-lhe-ia pago determinada quantia e mandado regressar a Inglaterra -- objectou Knighton.

- Não me parece que a tivesse mandado para o Ritz.

- Tem razão - murmurou o milionário -, não parece lógico.

Ia acrescentar mais qualquer coisa, mas deteve-se.

Estimava Knighton e confiava nele, mas não lhe ficaria bem discutir com ele a vida privada da filha. A falta de franqueza de Ruth magoara-o e a informação casual dada pelo secretário não o tinha ajudado nada a libertar-se dos desagradáveis pressentimentos que o angustiavam.

Porque se livrara Ruth da criada, em Paris? Que possível objectivo ou motivo a levava a proceder assim?

Pensou, por momentos, nas curiosas partidas do acaso. Jamais ocorreria a Ruth que a primeira pessoa que a sua criada encontraria em Paris seria o secretário do pai... Mas tudo podia acontecer e era assim que se descobriam muitas coisas.

O último pensamento fê-lo estremecer, embora lhe tivesse ocorrido com absoluta naturalidade. Haveria, então, alguma coisa para descobrir? Doía-lhe fazer semelhante pergunta a si mesmo, pois sabia de ciência certa qual era a resposta: Armand de la Roche.

Custava-lhe que uma filha sua se deixasse ludibriar por semelhante indivíduo, mas tinha de admitir que Ruth se encontrava em boa companhia, pois outras mulheres bem-nascidas e inteligentes tinham sucumbido com igual facilidade aos encantos do conde. Os homens percebiam-no à léguas, mas as mulheres não.

Procurou uma frase susceptível de afastar qualquer suspeita que o secretário pudesse albergar e disse:

- Ruth muda constantemente de ideias, sem mais nem menos... - E perguntou, em tom despreocupado: - A criada não indicou qualquer... razão para essa mudança de planos?

Knighton teve o cuidado de responder em voz o mais natural possível:

- Disse-me que Mistress Kettering encontrara uma pessoa amiga, inesperadamente.

- Ah!

Os ouvidos experientes do secretário captaram a nota de tensão oculta sob a exclamação casual.

- Compreendo... Homem ou mulher?

- Creio que ela me disse um amigo, senhor.

Van Aldin acenou com a cabeça. Confirmavam-se os seus piores receios. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, hábito de quando se sentia inquieto. Incapaz de conter por mais tempo os seus sentimentos, explodiu:

- Uma coisa que nenhum homem pode fazer é obrigar uma mulher a dar ouvidos à razão! É como se não tivesse senso de espécie nenhuma! E há quem alardeie prosápias acerca do instinto feminino, quando é sabido em todo o mundo que uma mulher é o alvo mais seguro para as manobras de qualquer vigarista!

Não há uma em dez que reconheça um patife quando o encontra! Qualquer tipo bem-parecido e de falinhas mansas as ludibria! A minha vontade...

Interrompeu-o um mandarete com um telegrama. Van Aldin abriu-o e o seu rosto tornou-se da cor da cal. Agarrou-se às costas de uma cadeira, para se amparar, e fez sinal ao rapaz para sair.

- Que aconteceu, Mister Van Aldin? - perguntou Knighton, levantando-se, inquieto.

- Ruth! - exclamou o milionário, em voz rouca.

- Mistress Kettering?

- Morta!

- Um acidente no comboio?

Van Aldin abanou a cabeça.

- Não... parece que também foi roubada. Não usam a palavra, Knighton, mas a minha pobre filha foi assassinada.

- Oh, meu Deus!

O americano bateu com o indicador no telegrama e acrescentou:

- Isto é da Polícia de Nice. Tenho de seguir para lá no primeiro comboio.

Eficiente como sempre, Knighton olhou para o relógio e informou:

- Parte um às cinco horas, da estação de Vitória.

- Irá comigo, Knighton. Informe Archer, o meu criado, e prepare as suas coisas. Trate de tudo. Quero ir primeiro à Curzon Street.

O telefone tocou e o secretário levantou o auscultador.

- Quem fala?

Passado um momento, voltou-se para Van Aldin e disse-lhe:

- Mister Goby, senhor.

- Goby? Não posso atendê-lo agora... Espere, temos ainda bastante tempo. Diga que o mandem subir.

Van Aldin era um homem forte; por isso, recuperara a calma e ninguém notaria qualquer diferença na maneira como cumprimentou Mr. Goby.

- Disponho de pouco tempo, Goby. Tem alguma coisa importante para me comunicar?

Mr. Goby tossiu, antes de responder:

- Averiguei os movimentos de Mister Kettering, como me recomendou.

- E então?

- Mister Kettering partiu ontem de manhã de Londres para a Riviera.

- O quê?!

Qualquer coisa na sua voz devia ter assustado Mr. Goby, pois o digno cavalheiro esqueceu a sua norma de nunca olhar para a pessoa com quem falava e olhou sorrateiramente o milionário.

- Em que comboio partiu ele? - inquiriu Van Aldin.

- No Comboio Azul. - Mr. Goby tossiu novamente e acrescentou, de olhos fixos no relógio da chaminé: - Mademoiselle Mirelle, a bailarina do Parthenon, partiu no mesmo comboio.

XIV

A HISTÓRIA DE ADA MASON

- Não tenho palavras para exprimir-lhe, monsieur, o nosso horror, a nossa consternação e a sinceridade dos nossos pêsames - disse M. Carrège, o juiz de instrução, a Van Aldin.

M. Caux, o comissário, emitiu pequenos sons guturais, que pretendiam exprimir concordância, e Van Aldin afastou a consternação, o horror e os pêsames com um gesto brusco. Encontravam-se no gabinete do juiz de instrução, em Nice, e além deles estava presente uma quarta pessoa, que falou a seguir:

- Monsieur Van Aldin deseja acção, acção rápida e eficiente.

- Ah! - exclamou o comissário. - Ainda não o apresentei... Monsieur Van Aldin, apresento-lhe Monsieur Hercule Poirot, de quem por certo tem ouvido falar. Embora tenha abandonado há alguns anos a sua profissão, o seu nome é ainda símbolo de um dos maiores detectives vivos.

- Prazer em conhecê-lo, Monsieur Poirot - disse Van Aldin, readoptando maquinalmente uma fórmula que havia muito esquecera. - Abandonou a sua profissão?

- É verdade, monsieur. Agora gozo a vida - respondeu o homenzinho, com um gesto grandfóloquo.

- Quis o acaso que Monsieur Poirot viajasse também no Comboio Azul - explicou o comissário – e tivesse a amabilidade de nos ajudar com a sua vasta experiência.

O milionário fitou o detective com atenção e disse, inesperadamente:

- Sou um homem muito rico, Monsieur Poirot.

Costuma dizer-se que os ricos estão convencidos de que podem comprar tudo e todos; não é verdade. Sou um grande homem, à minha maneira, e um grande homem pode pedir um favor a outro grande homem.

- Muito bem dito, Monsieur Van Aldin - comentou Poirot, inclinando aprovadamente a cabeça. - Estou ao seu inteiro dispor.

- Obrigado - agradeceu o americano. - Acrescento apenas que recorra a mim quando quiser, pois não me achará ingrato. Agora, cavalheiros, ao trabalho.

- Tenciono interrogar a criada, Ada Mason - disse M. Carrège. - Creio que veio consigo?

- Sim, fomos buscá-la, ao passarmos por Paris.

Ficou muito transtornada ao saber da morte da senhora, mas conta a sua história de maneira coerente.

- Vamos ouvi-la, então - decidiu M. Carrège.

Tocou a campainha que tinha na secretária e minutos depois Ada Mason entrou no gabinete, correctamente vestida de preto e com a ponta do nariz vermelha. Trocara as luvas cinzentas, de viagem, por outras de camurça preta. Olhou nervosamente à sua volta, mas pareceu tranquilizar-se ao ver o pai da patroa.

O juiz de instrução, que se orgulhava da afabilidade do seu trato, fez o possível para que se sentisse à vontade, no que foi auxiliado por M. Poirot, que actuou como intérprete e cuja cordialidade acalmou a inglesa.

- Chama-se Ada Mason, não é verdade?

- Ada Beatrice é o meu nome de baptismo, senhor – esclareceu Mason, minuciosa.

- Muito bem. Compreendemos, Mason, que tudo quanto aconteceu foi muito deprimente para si.

- Oh, sim, muito! Trabalhei para muitas senhoras, creio ter dado sempre satisfação e nunca sonhei que pudesse acontecer uma coisa destas a uma patroa minha.

- Com certeza, com certeza - murmurou M. Carrège.

- Naturalmente tenho lido notícias de casos semelhantes nos jornais de domingo e sempre ouvi dizer que os comboios estrangeiros... - calou-se bruscamente, ao lembrar-se de que os cavalheiros com quem falava eram da mesma nacionalidade dos comboios...

- Vamos ao que interessa - interveio M. Carrège. – Quando partiram de Londres não tinham a intenção de a deixar em Paris, pois não?

- Não, senhor. Tencionávamos ir direitas a Nice.

- Já alguma vez estivera no estrangeiro com a sua patroa?

- Não, senhor. Era sua criada havia apenas dois meses.

- Notou-lhe alguma diferença, quando iniciaram a viagem?

- Pareceu-me um pouco preocupada e inquieta e... enfim, irritável e difícil de contentar.

- Diga-me agora, Mason, quando soube que ficaria em Paris?

- Foi num local a que chamam Gare de Lyon, senhor. A minha senhora tencionava apear-se e passear pelo cais, mas mal saiu do compartimento soltou uma exclamação e voltou a entrar, acompanhada por um cavalheiro.

Fechou a porta de comunicação entre os dois compartimentos, para eu não ver nem ouvir nada, e passado um bocado abriu-a outra vez e disse-me que tinha mudado de planos. Deu-me dinheiro e mandou-me apear e ir para o Ritz; conheciam-na lá bem, afirmou, e arranjar-me-iam um quarto. Devia esperar que me telegrafasse a dizer o que devia fazer. Mal tive tempo de arrumar as minhas coisas e saltar do comboio, antes que ele partisse.

- Enquanto Mistress Kettering lhe dava essas ordens, onde estava o cavalheiro?

- No outro compartimento, junto da janela.

- Poderá descrevê-lo?

- O senhor sabe, eu mal o vi; estive a maior parte do tempo de costas voltadas para mim. Só sei dizer que era alto e moreno, usava sobretudo azul-escuro e chapéu cinzento, como qualquer outro cavalheiro.

- Era passageiro do comboio?

- Não creio, senhor. Pareceu-me que fora à estação para ver Mistress Kettering, de passagem. Mas podia ser, claro, um dos passageiros; não tinha pensado nisso.

Mason parecia um pouco perturbada com a ideia.

- Sabemos que a sua senhora recomendou a seguir ao condutor que não a acordasse cedo - prosseguiu M. Carrège, mudando de assunto. - Acha o pedido normal da sua parte?

- Acho, sim, senhor. A minha senhora nunca tomava o pequeno-almoço e, como não dormia bem de noite, gostava de dormir de manhã.

M. Carrège mudou outra vez de assunto:

- Entre a bagagem de Mistress Kettering havia uma caixa de marroquim encarnado, não havia? O guarda-jóias da sua senhora?

- Havia, sim.

- Levou essa caixa para o Ritz?

- Se eu levei o guarda-jóias da senhora para o Ritz?! Oh, não! - exclamou, em tom horrorizado.

- Deixou-o, então, na carruagem?

- Com certeza, senhor.

- Sabe se a sua senhora levava muitas jóias consigo?

- Bastantes, senhores. Às vezes até me sentia um bocado inquieta, só de pensar no que se ouve dizer acerca de roubos em países estrangeiros. Sei que estavam no seguro, mas mesmo assim era correr um grande risco. Só os rubis valiam, segundo me disse a senhora, várias centenas de milhar de libras!

- Os rubis?! Que rubis? - gritou Van Aldin.

- Creio que foi o senhor que lhos deu, não há ainda muito tempo - respondeu-lhe Mason.

- Meu Deus! - exclamou o americano. - Quer dizer que ela levava os rubis? Mas eu dissera-lhe que os deixasse no banco!

Mason fez ouvir uma tossezinha que devia ser parte do seu capital de criada de senhoras e que, desta vez, era bastante significativa. Expressava por exemplo, mais claramente do que quaisquer palavras poderiam fazê-lo, que a patroa fora uma senhora muito amiga de levar a sua avante.

- Ruth devia estar doida! - murmurou Van Aldin. - Que loucura a teria atacado?

M. Carrège tossiu por sua vez, com uma tosse igualmente significativa, que desviou para ele a atenção do americano.

- Por agora, creio que chega - disse o juiz de instrução à criada. - Na sala ao lado ler-lhe-ão as perguntas e as respostas e a mademoiselle assinará o depoimento.

Mason saiu e Van Aldin perguntou, acto contínuo, ao magistrado:

- De que se trata?

M. Carrège abriu uma gaveta da secretária, tirou uma carta e estendeu-a ao milionário.

- Encontrámos isto na mala de mão de madame.

A carta dizia:

Chère amie: Obedecer-lhe-ei, serei prudente, discreto, todas essas coisas que um apaixonado detesta. Paris seria talvez insensato, mas as Isles d'Or ficam muito longe do mundo e pode ter a certeza de que nada constará. E próprio de si e da sua divina compreensão mostrar-se tão interessada na obra que estou a escrever acerca de pedras preciosas célebres. Será, na realidade, um privilégio extraordinário poder ver e tocar esses históricos rubis.

Dedicarei um capítulo especial ao "Coração de Fogo". Minha querida! Em breve a recompensarei de todos estes tristes anos de separação e vácuo. Do sempre adorador, Armand

O CONDE DE LA ROCHE

Van Aldin leu a carta em silêncio, mas o rosto tornou-se-lhe escarlate de cólera. Os homens que o observavam viram-lhe as veias da testa engrossar, como se fossem rebentar, e as mãos enclavinharem-se-lhe, inconscientemente. Devolveu a carta, sem dizer uma palavra. M. Carrège olhava atentamente para a secretária, M. Caux tinha os olhos fixos no tecto e M. Poirot sacudia, com cuidado, um grãozinho de poeira da manga do casaco. Todos eles se esforçavam, em suma, por não olhar para Van Aldin.

Foi M. Carrège quem, consciente do seu cargo e dos seus deveres, abordou o desagradável assunto:

- Talvez o senhor saiba por quem esta carta foi escrita? - perguntou, hesitante.

- Sei, sim - respondeu o americano, friamente.

- Quem?

- Um patife que a si próprio se apelida de conde de la Roche.

Seguiu-se uma pausa, finda a qual M. Poirot endireitou uma régua na secretária do juiz e depois se dirigiu directamente ao milionário:

- Monsieur Van Aldin, avaliamos todos, e lamentamos profundamente, a dor que lhe deve causar falar destes assuntos, mas, creia-me, não é altura de ocultar seja o que for. Para que seja feita justiça precisamos de saber tudo. O senhor mesmo compreenderá, se reflectir, a verdade da minha afirmação.

Van Aldin ficou silencioso, durante alguns momentos, e por fim, relutante, acenou afirmativamente.

- Tem razão, Monsieur Poirot. Por muito que me doa, não tenho o direito de ocultar seja o que for.

O comissário soltou um suspiro de alívio e o juiz de instrução recostou-se na cadeira e ajustou o pince-nez no nariz comprido.

- Talvez queira dizer-nos por palavras suas quanto sabe acerca desse cavalheiro - convidou o magistrado.

- Começou tudo há onze ou doze anos, em Paris.

Minha filha era então uma jovem cheia de ideias românticas e tolas, como todas as raparigas, e, sem que eu soubesse, travara conhecimento com o tal conde de la Roche. Devem ter ouvido falar dele?

O comissário e Poirot confirmaram, com um aceno de cabeça.

- Intitula-se conde de la Roche, mas duvido que tenha qualquer direito ao título.

- Não encontraria o seu nome, se o procurasse, no Almanac de Gotha - assentiu o comissário.

- Já sabia - declarou Van Aldin. - O indivíduo era um patife bem-parecido, que exercia fatal fascínio nas mulheres. Minha filha apaixonou-se por ele, mas eu apressei-me a pôr cobro a tamanho destempero, pois o indivíduo não era mais do que um vulgar trapaceiro.

- Tem razão - aquiesceu M. Caux. - Conhecemos bem o conde de la Roche e, se pudéssemos, há muito que o teríamos apanhado. Mas, ma foi!, não é nada fácil. O patife é esperto e todos os seus "negócios" se processam com senhoras de elevada posição social. Se consegue apanhar-lhes dinheiro sob falsos pretextos ou por chantagem, elas não se queixam nem o denunciam, naturalmente. Passar por idiotas aos olhos do mundo? Oh, não! Além disso, o cavalheiro tem extraordinário poder sobre as mulheres.

- Exactamente - concordou o milionário. - Como dizia, acabei com o romance sem perda de tempo, disse a Ruth o que ele era e minha filha teve de acreditar-me.

Cerca de um ano depois conheceu o marido e casaram. Que eu soubesse, o romance terminara; mas, há uma semana, apenas, descobri que minha filha reatara o seu conhecimento com o conde de la Roche.

Encontraram-se frequentemente em Londres e Paris.

Censurei-lhe a imprudência, pois devo dizer-lhes, cavalheiros, que, por insistência minha, Ruth preparava-se para apresentar uma acção de divórcio contra o marido.

- Interessante - murmurou Poirot, docemente, de olhos fitos no tecto.

Van Aldin olhou-o, irritado, e prosseguiu:

- Demonstrei-lhe a tolice de continuar a encontrar-se com o conde, nas circunstâncias em que se encontrava, e pensei que ela concordava comigo.

O magistrado tossiu delicadamente e insinuou:

- Mas, a julgar por esta carta...

- Bem sei, são inúteis os subterfúgios. Por muito desagradáveis que os factos sejam, há que enfrentá-los.

Tudo parece indicar que Ruth combinara encontrar-se em Paris com de la Roche, mas que, depois das minhas advertências, escreveu ao conde a sugerir outro local de rendez-vous.

- As Isles d'Or - lembrou o comissário, pensativo – ficam situadas mesmo defronte de Hyères e são um lugar remoto e idílico.

- Meu Deus, como pôde Ruth ser tão tola? - perguntou o americano, amargurado. - Toda essa conversa de estar a escrever um livro acerca de pedras preciosas... O que ele queria eram os rubis!

- Existem uns rubis famosos, que originariamente fizeram parte das jóias da coroa da Rússia, únicos no género e quase fabulosamente valiosos – murmurou Poirot. - Constou que, há pouco tempo, foram adquiridos por um americano. Não nos enganamos ao concluir que foi o senhor quem os comprou?

- Sim, adquirei-os em Paris há cerca de dez dias.

- Perdoe, monsieur, mas negociou a aquisição durante algum tempo, não é verdade?

- Pouco mais de dois meses. Porquê?

- Essas coisas sabem-se; há sempre muita gente na pista de jóias como essas - respondeu Poirot.

- Lembro-me de uma piada que disse a minha filha, quando lhas ofereci - murmurou Van Aldin, com um esgar de dor. - Disse-lhe que não as trouxesse para a Riviera, pois não queria que a assaltassem e assassinassem por causa dos rubis. Meu Deus, que coisas dizemos sem imaginarmos que virão a ser verdade!

Seguiu-se um momento de silêncio compreensivo, que Poirot interrompeu de maneira despreocupada:

- Classifiquemos os factos de que temos conhecimento com ordem e precisão. De acordo com a presente hipótese, a ordem é a seguinte: o conde de la Roche tem conhecimento da compra das jóias, efectuada pelo senhor; graças a um estratagema simples, induz Madame Kettering a trazer as pedras com ela.

É ele, portanto, o homem que Mason viu no comboio, em Paris.

Os outros três acenaram, aquiescentes.

- Madame fica surpreendida, ao vê-lo, mas o conde resolve facilmente a situação: Mason é afastada e encomendado um cesto com o jantar. Sabemos, por informação do condutor, que armou a cama do primeiro compartimento, mas que não entrou no segundo, onde podia muito bem estar escondido um homem.

Até agora, o conde não teria dificuldade em esconder-se. No comboio ninguém está ao corrente da sua presença, excepto madame, e teve o cuidado de evitar que a criada lhe visse o rosto. Mason sabe apenas que era alto e moreno, descrição que é, muito convenientemente, vaga.

Estão sós, enquanto o comboio avança, veloz, através da noite... Não haverá nenhum grito, nenhuma luta, pois o homem é, julga-o a vítima, seu apaixonado. ..

Voltou-se para Van Aldin e acrescentou, em tom suave:

- A morte deve ter sido quase instantânea, monsieur. Não nos deteremos a descrevê-la. O conde apodera-se do guarda-jóias, que está ao alcance da sua mão, e pouco depois o comboio entra em Lyon.

Mr. Carrège abanou a cabeça, aprovador.

- O condutor apeia-se. Seria fácil ao nosso homem abandonar o comboio sem ser visto, assim como meter-se noutra comboio para Paris ou para onde quisesse... e o crime atribuir-se-ia a vulgar roubo de comboio. Não fora a carta encontrada na mala de madame, o conde nem seria mencionado.

- Foi um descuido da sua parte não ter revistado a mala - declarou o comissário.

- Pensou, naturalmente, que a senhora tinha destruído a carta. Foi, perdoe, monsieur, uma imprudência imperdoável conservá-la.

- Uma imprudência, todavia, que o conde devia ter previsto - murmurou Poirot.

- Que quer dizer?

- Quero dizer que todos concordámos que o conde de la Roche conhece um assunto a fundo: mulheres. Como é então possível que, conhecendo mulheres como conhece, não previsse que madame conservaria a sua carta?

- Sim, há qualquer coisa no que diz - declarou o magistrado, pouco convencido. - No entanto, nessas ocasiões um homem não é senhor de si mesmo, não raciocina calmamente. Mon Dieu - acrescentou, com espírito -, se os nossos criminosos conservassem a cabeça no seu lugar e procedessem com inteligência, como os apanharíamos?

Poirot sorriu.

- O caso parece-me claro, mas difícil de provar - continuou M. Carrège. - O conde é matreiro, e a não ser que a criada possa identificá-lo...

- O que é muito pouco provável - interveio Poirot.

- Decerto, decerto - concordou o juiz de instrução, esfregando o queixo. - Vai ser difícil.

- Se ele cometeu de facto o crime... - começou o detective, mas o comissário interrompeu-o:

- Diz se?

- Sim, senhor comissário, digo se.

O outro olhou-o com atenção, mas acabou por confessar:

- Tem razão, estamos a andar muito depressa.

É possível que o conde tenha um alibi e, se nos precipitássemos, pareceríamos idiotas.

- Ah, ça par exemple não tem a mínima importância! - afirmou Poirot. - Naturalmente, se é ele o criminoso, terá um alibi; um homem com a experiência do conde não se esquece de tomar precauções. Não, eu disse se por uma razão muito definida.

- Qual?

Poirot agitou pomposamente um indicador e sentenciou:

- Psicologia!

- O quê? - admirou-se o comissário.

- Psicologicamente, não bate certo. O conde é um celerado, sem dúvida; o conde é um trapaceiro, com certeza; o conde ludibria mulheres, está provado; o conde tencionava roubar as jóias de madame, não custa a crer. Mas será do tipo de homens capazes de cometer um assassinio? Afirmando que não! Um homem como o conde é sempre um covarde, não corre riscos. Joga pelo seguro, mesquinamente, com batota; mas assassinar: cem vezes não! - e abanou a cabeça, descontente.

O juiz de instrução não parecia, porém, inclinado a concordar com ele, pois observou sabiamente:

- Chega sempre um dia em que pessoas dessa estirpe perdem a cabeça e vão demasiado longe. Foi sem dúvida o que aconteceu neste caso. Sem querer discordar de si, Monsieur Poirot...

- Expus apenas uma opinião - apressou-se o detective a explicar. - O caso está nas suas mãos, evidentemente, e o senhor fará o que lhe parecer acertado.

- Estou convencido de que o conde de la Roche é o homem que procuramos - afirmou M. Carrège.

- Concorda comigo, comissário?

- Absolutamente.
- E o senhor, Monsieur Van Aldin?
- Não me restam dúvidas de que o indivíduo é um patife da pior espécie - replicou o milionário.
- Receio que seja difícil deitar-lhe a mão, mas faremos o possível - prometeu o magistrado. –
Telegrafaremos imediatamente as instruções necessárias.
- Permitam que os ajude - pediu Poirot. – Não será difícil encontrar o conde.
- Porquê?
Olharam-no todos, mas o homenzinho sorriu-lhes e explicou:
- Não se esqueçam de que a minha profissão é saber coisas! O conde é um homem inteligente.
Neste momento encontra-se numa moradia que alugou, na Villa Marina, em Antibes.

XVI

POIROT DISCUTE O CASO

Fitaram-no todos, com respeito; não havia dúvida de que marcara pontos. O comissário riu-se, com muito pouca vontade e comentou:

- Dá-nos lições a todos, Monsieur Poirot; sabe mais do que a Polícia.
Poirot olhou complacentemente para o tecto, com um ar de irónica modéstia, e murmurou:
- Que querem, o meu passatempo é saber coisas... Claro que tenho tempo para me dedicar a ele, pois não estou sobrecarregado de trabalho...
- Pois eu... - começou o comissário, meneando a cabeça e abrangendo num gesto teatral a montanha de cuidados que tinha sobre os ombros.
Poirot voltou-se de súbito para o americano e interpelou-o:
- Concorda com a opinião, monsieur? Tem a certeza de que o conde de la Roche é o assassino?
- Bem, tudo parece indicar que sim...

Havia na resposta um certo tom de reserva que atraiu a atenção do magistrado, o qual olhou curiosamente o americano. Van Aldin pareceu aperceber-se da curiosidade de que era alvo e perguntou, como se fizesse um esforço para se libertar de qualquer preocupação:

- E o meu genro? Já o informaram do acontecido? Sei que está em Nice.
- Certamente, monsieur. - O comissário hesitou, mas por fim decidiu-se a murmurar, discretamente:
- Está, sem dúvida, ao corrente de que Monsieur Kettering viajou, também, no Comboio Azul daquela noite?
- Soube-o antes de partir de Londres - declarou, lacónico.
- Disse-nos - continuou o comissário - não fazer ideia de que a esposa viajava no mesmo comboio.
- Aposto que não fazia, de facto - replicou Van Aldin, em tom taciturno. - Teria sido muito desagradável para ele se minha filha o visse.

Os outros três fitaram-no, curiosos, e Van Aldin disse, brutalmente:
- Não estarei com subterfúgios... Ninguém sabe o que a minha pobre pequena lhe aturou. Derek Kettering não viajava só; acompanhava-o uma senhora.
- Uma senhora?
- Mirelle, a bailarina.

M. Carrège e M. Caux entreolharam-se e acenaram com a cabeça, como a confirmarem qualquer conversa anterior. O juiz recostou-se na cadeira, juntou as mãos e olhou para o tecto.

- Ah, bem nos parecia! - exclamou. - Ouvíramos boatos...
- Essa senhora é muito conhecida – comentou M. Caux.
- E muito cara, também - aduziu Poirot, docemente.
Van Aldin deu um murro na secretária, rubro de cólera.

- O meu genro é um patife! - gritou, olhando-os sucessivamente. - Bonitote, encantador e despreocupado, chegou a convencer-me, em tempos. Suponho que fingiu ficar com o coração destroçado, quando lhe levaram a notícia? Se é que já não a conhecia...

- Foi uma surpresa para ele, ficou estupefacto.

- Grandíssimo hipócrita! - disparatou Van Aldin. - Simulou grande dor, creio?

- N-não... - respondeu o comissário, cauteloso.

- Não foi o que me pareceu. E a si, Monsieur Carrège?

O magistrado uniu as pontas dos dedos e semicerrou os olhos.

- Surpresa, espanto, horror... sim, manifestou-os - declarou, judiciosamente. - Grande dor... enfim, não me pareceu.

- Permita-me uma pergunta, Monsieur Van Aldin - interveio, uma vez mais, Poirot. - Monsieur Kettering beneficia com a morte da esposa?

- Beneficia da bonita quantia de dois milhões - replicou o milionário.

- Dólares?

- Libras. Doe essa soma a Ruth, quando se casou, e como não fez testamento nem deixou filhos, o dinheiro passará para o marido.

- Para o marido de quem ela ia divorciar-se -- murmurou o detective. - Ah, sim, précisément!

O comissário voltou-se e fitou-o, com interesse.

- Quer dizer...

- Não quero dizer nada. Coordeno os factos, apenas.

Van Aldin olhou-o também, com crescente interesse, e Poirot levantou-se.

- Não creio que possa prestar-lhe mais algum serviço, senhor doutor juiz - disse delicadamente, inclinando a cabeça a M. Corrège. - Seria uma amabilidade se me mantivesse informado do decorrer dos acontecimentos.

- Com certeza, Monsieur Poirot, com certeza...

Van Aldin levantou-se também e perguntou:

- Não precisam mais de mim, neste momento?

- Não, monsieur; de momento temos todas as informações de que precisávamos.

- Nesse caso sairei com Monsieur Poirot, se ele não se importar.

- Terei muito prazer, monsieur - afirmou o detective, com uma inclinação de cabeça.

Van Aldin acendeu um enorme charuto, depois de oferecer um a Poirot, que recusou e acendeu um dos seus cigarros. Homem de carácter forte, o americano parecia ter voltado a ser o homem calmo e normal de sempre. Depois de caminharem em silêncio durante um ou dois minutos, o milionário perguntou:

- Suponho, Monsieur Poirot, que já não exerce a sua profissão?

- Exactamente, monsieur. Gozo a vida!

- No entanto, auxilia a Polícia neste caso...

- Se um médico passeia numa rua quando acontece um acidente diz para consigo: "Abandonei a minha profissão, continuarei o meu passeio" e deixa o sinistrado esvair-se em sangue aos seus pés? Se eu já me encontrasse em Nice e a Polícia me mandasse chamar e me pedisse que a ajudasse, teria recusado. Mas foi o bom Deus que colocou este caso no meu caminho...

- O senhor estava no local do crime - murmurou Van Aldin, pensativo. - Examinou o compartimento, não é verdade?

Poirot acenou afirmativamente.

- Sem dúvida encontrou coisas que lhe pareceram... digamos, sugestivas?

- Talvez.

O caso contra o tal conde de la Roche parece muito claro, mas eu não sou idiota. Observei-o no gabinete, durante a última meia hora, e compreendi que, por qualquer motivo que só o senhor conhece, não concorda com a hipótese.

- Talvez esteja enganado - redarguiu Poirot, encolhendo os ombros.

- Chegámos ao favor que quero pedir-lhe: trabalhará neste caso para mim?
- Para si pessoalmente?
- É isso que desejo.

Poirot conservou-se silencioso, durante alguns momentos; e depois perguntou:

- Avalia o que está a pedir-me?
- Creio que sim.
- Muito bem, aceito. Mas, para tal, exijo respostas francas às minhas perguntas.
- É natural. Fica entendido.

A atitude de Poirot modificou-se; tornou-se de súbito brusco e prático.

- A respeito do divórcio: foi o senhor quem aconselhou sua filha a pedi-lo?
- Fui.
- Quando?
- Há cerca de dez dias. Recebera uma carta dela, a queixar-se do comportamento do marido, e fiz-lhe ver que o divórcio era a única solução.
- Em que sentido se queixava ela do comportamento do marido?
- Era muito visto com uma senhora deveras notória, a bailarina de quem há pouco falámos: Mirelle.

- Ah! E Madame Kettering objectava? Era muito devotada ao esposo?
- Eu não o diria - respondeu o americano, hesitante.
- Quer dizer, não era o seu coração que sofria, mas o seu orgulho?
- Sim, suponho que sim.
- Deduzo que o casamento não foi feliz, desde o princípio?
- Derek Kettering é patife até à medula, incapaz de fazer qualquer mulher feliz.
- Très bien! Aconselhou madame a pedir o divórcio, ela concordou e o senhor consultou os seus advogados. Quando soube Monsieur Kettering o que se preparava?
- Mandei-o chamar e expliquei-lhe pessoalmente o que pretendia fazer.
- E que respondeu ele? - perguntou Poirot, de mansinho.

Van Aldin corou, ao lembrar-se da entrevista.

- Foi de uma impudência inverosímil.
- Desculpe a pergunta, monsieur, mas aludiu, por acaso, ao conde de la Roche?
- Não mencionou o seu nome, mas mostrou-se ao corrente do caso - resmungou, contrafeito.
- Qual era, se me permite, a situação financeira de Monsieur Kettering, nesse momento?
- Como queria que o soubesse? - perguntou Van Aldin, após breve hesitação.
- Parece-me natural que se tenha informado a esse respeito.
- Bem, tem razão; informei-me. Verifiquei que estava praticamente arruinado.
- E agora herdou dois milhões de libras! La vie é uma coisa muito estranha, não é?
- Que quer dizer?
- Oh, moralizo, reflecto, filosofo!... Mas voltemos ao que interessa: Monsieur Kettering não tencionava permitir o divórcio sem se defender, pois não?

Van Aldin não respondeu logo.

- Não sei exactamente quais eram as suas intenções – disse por fim.
- Não voltou a comunicar com ele?

Nova pausa breve.

- Não.

Poirot parou, tirou o chapéu e estendeu a mão:

- Bons dias, monsieur. Não posso fazer nada por si.
- Que quer dizer com isso? - inquiriu o americano, furioso.
- Como não me diz a verdade, nada posso fazer.
- Não compreendo.

- Creio que compreende muito bem. Pode ter a certeza, Monsieur Van Aldin, de que sei ser discreto.

- Seja, confesso que não disse a verdade - replicou o milionário. - Voltei a comunicar com o meu genro.

- E então?

- Para ser exacto, mandei o meu secretário, major Knighton, oferecer-lhe a importância de cem mil libras em dinheiro se não contestasse o divórcio.

- Bonita quantia - comentou Poirot, apreciador.

- E qual foi a resposta do senhor seu genro?

- Mandou-me dizer que fosse para o inferno - replicou o milionário, sucintamente.

- Ah! - exclamou, sem trair qualquer emoção; naquele momento coordenava mais uma vez, metodicamente, os factos que apurara. - Monsieur Kettering disse à Polícia que não viu nem falou à esposa durante a viagem. Acredita nesta declaração, monsieur?

- Acredito. Creio que faria o possível por não se atravessar no caminho da minha filha.

- Porquê?

- Porque vinha com a tal mulher.

- Mirelle?

- Sim.

- Como o soube?

- Um homem que encarreguei de vigiar o meu genro informou-me de que partiram ambos no mesmo comboio.

- Compreendo. Nesse caso, como o senhor muito bem disse, não seria provável que Monsieur Kettering tentasse comunicar com a esposa.

O detective ficou silencioso e Van Aldin não interrompeu a sua meditação.

XVII

UM ARISTOCRÁTICO CAVALHEIRO

- Já tinhas estado na Riviera, George? - perguntou Poirot ao criado, na manhã seguinte.

George era um indivíduo de rosto insípido, intensamente inglês.

- Já, sim, senhor. Estive cá há dois anos, quando trabalhava para Lorde Edward Frampton.

- E hoje estás cá com Hercule Poirot - murmurou o detective.

- Como se sobe na vida!

O criado não comentou a observação e, após pausa conveniente, perguntou:

- O fato castanho, senhor? Está um ventinho fresco...

- Tem uma nódoa no colete - objectou Poirot.

- Deixei cair um morceau de fillet de sole à la Jeanette, quando almocei no Ritz na terça-feira passada.

- Já tirei a nódoa, senhor - respondeu George, com ar ofendido.

- Très bien! Estou satisfeito contigo, George.

- Obrigado, senhor.

Houve uma pausa, antes de Poirot murmurar, sonhador:

- Supõe, meu bom George, que tinhas nascido na mesma esfera social do teu falecido senhor, que, pobretana, casaras com uma mulher riquíssima, mas que essa mulher pretendia divorciar-se e tinha excelentes razões para isso. Que farias?

- Tentaria convencê-la a mudar de ideias, senhor.

- Por métodos pacíficos ou coercivos?

George arvorou uma expressão chocada.

- Desculpará, senhor, mas um cavalheiro aristocrático não se comportaria como um rufião de Whitechapel. Não procederia com baixeza.

- Não, George? Talvez tenhas razão...

Bateram à porta e George foi atender e abriu apenas uns discretos cinco ou dez centímetros. Travou-se um diálogo murmurado e em seguida o criado reuniu-se de novo a Poirot.

- Uma carta, senhor.

Era de M. Caux, o comissário da Polícia, e dizia:

Vamos interrogar o conde de la Roche. O juiz de instrução solicita a sua presença.

- O meu fato, depressa, George. Estou atrasado!

Um quarto de hora depois, de ponto em branco no seu fato castanho, Poirot entrou no gabinete do juiz de instrução. M. Caux e M. Carrège cumprimentaram-no com delicado empressement.

- O caso é um tanto ou quanto desencorajador - murmurou o comissário. - Parece que o conde chegou a Nice um dia antes do assassinio.

- Se for verdade, fica com o assunto resolvido, no que a ele se refere - declarou Poirot.

- Não devemos aceitar o seu álibi sem proceder a cuidadoso inquérito - declarou M. Carrège, pigarreando e premindo a campainha da secretária.

Pouco depois entrou no gabinete um indivíduo alto e moreno, muito bem vestido e com um certo ar altivo. Tão aristocrata parecia o conde que seria heresia segredar, sequer, que seu pai fora um obscuro vendedor de cereais de Nantes - o que, aliás, era a pura verdade. Quem o olhasse juraria que inúmeros antepassados seus tinham por certo sido guilhotinados durante a Revolução Francesa...

- Aqui me têm, cavalheiros - disse o conde, altivamente. - Posso saber o que me querem?

- Queira sentar-se, senhor conde - convidou o juiz, delicadamente. - Solicitámos a sua presença porque estamos a investigar a morte de Madame Kettering.

- A morte de Madame Kettering? Não compreendo.

- Creio que o senhor conde era, enfim, que conhecia essa senhora?

- Claro que a conhecia. Que tem isso a ver com o caso?

Ajustou o monóculo e passou o olhar frio pela sala, demorando-se mais em Poirot, que o observava com uma espécie de admiração simples e ingénua, assaz desvanecedora para a vaidade do conde. M. Carrège recostou-se na cadeira e pigarreou de novo.

- Talvez ignore, senhor conde, que Madame Kettering foi assassinada?

- Assassinada? Mon Dieu, que horror!

A surpresa e a mágoa pareceram sinceras, tão primorosa foi a representação.

- Madame Kettering foi estrangulada entre Paris e Lyon - prosseguiu o juiz - e as suas jóias roubadas.

- É espantoso! - exclamou o conde, calorosamente. - A Polícia devia fazer qualquer coisa para acabar com esses bandidos dos comboios. Hoje em dia, não se pode viajar com segurança.

- Encontrámos na malinha de mão da vítima uma carta que o senhor lhe escrevera. Tinham combinado encontrar-se, suponho?

O conde encolheu os ombros, abriu as mãos e perguntou, com um grande ar de sinceridade:

- Para quê esconder a verdade? Somos todos homens do mundo.

Particularmente, entre nós, admito que sim.

- Quer dizer que se encontrou com ela em Paris e fizeram o resto da viagem juntos?

- Fora isso que combináramos, mas, por desejo de madame, mudámos de plano. Fiquei de encontrar-me com ela em Hyères.

- Não se lhe juntou no comboio, na Gare de Lyon, na tarde do dia catorze?

- Pelo contrário, cheguei a Nice na manhã desse mesmo dia, pelo que é impossível o que sugere.

- Sem dúvida - concordou M. Carrège. - Por uma questão de formalidade, agradecia-lhe me enumerasse os seus movimentos durante a tarde e a noite do dia catorze.

- Jantei em Monte Carlo, no Café de Paris - respondeu o conde, depois de reflectir. - A seguir fui ao Sporting, onde ganhei alguns milhares de francos – sublinhou a informação com um desdenhoso encolher de ombros - e voltei para casa talvez à uma hora da manhã.

- Perdão, monsieur, mas como regressou a casa?

- No meu automóvel de dois lugares.

- Ninguém o acompanhou?

- Ninguém.

- Pode apresentar testemunhas que confirmem a sua declaração?

- Jantei só, mas sem dúvida muitos amigos meus me viram.

- Foi o seu criado que lhe abriu a porta, quando regressou a casa?

- Abri eu próprio, pois tenho chave.

- Ah! - murmurou o magistrado. Premiu novamente a campainha e um contínuo atendeu o chamado. - Mandar entrar Mason, a criada.

- Muito bem, senhor doutor juiz.

Quando Mason chegou, M. Carrège dirigiu-se-lhe:

- Agradeço-lhe, mademoiselle, que olhe bem para este senhor. Parece-lhe o mesmo que entrou no compartimento da sua ama, em Paris?

- Pode ser e pode não ser... É difícil dizer, pois, como já expliquei, só o vi de costas. Mas penso que sim, que foi este cavalheiro.

- No entanto, não tem a certeza?

- Não - confessou, contrafeita -, não tenho a certeza.

- Alguma vez viu este cavalheiro na Curzon Street?

- Geralmente não via os visitantes da Curzon Street, a não ser quando lá ficavam.

- E tudo - comentou o juiz de instrução, evidentemente decepcionado.

- Um momento - interveio Poirot. - Gostaria de fazer uma pergunta a mademoiselle, se me permite.

- Faça favor, Monsieur Poirot.

- Que aconteceu aos bilhetes? - perguntou o detective à criada.

- Aos bilhetes, senhor?

- Sim, aos bilhetes de Londres a Nice. Era você que os tinha ou a sua ama?

- A minha senhora tinha o seu bilhete do Pullman; os outros tinha-os eu.

- Que lhes aconteceu?

- Entreguei-os ao condutor do comboio francês; ele disse que era o costume... Fiz mal, senhor?

- De maneira nenhuma. Fiz a pergunta por uma simples questão de pormenor.

M. Caux e M. Carrège olharam-se curiosos. Mason ficou parada, hesitante, um ou dois minutos, até que o magistrado a mandou sair, com um aceno de cabeça.

Poirot escreveu qualquer coisa num papel e entregou-o a M. Carrège, cujo rosto se animou, ao lê-lo.

- Cavalheiros, precisarão de demorar-me mais tempo? - indagou o conde, arrogantemente.

- Oh, não! - apressou-se a responder o juiz, cheio de afabilidade. - Está tudo esclarecido, no que respeita à sua situação neste caso. Claro que, como compreenderá, não pudemos deixar de interrogá-lo, em virtude da carta que encontramos.

O conde levantou-se, pegou na elegante bengala e, com uma vénia seca, saiu do gabinete.

- Tem razão, Monsieur Poirot, é melhor deixá-lo convencer-se de que não é suspeito - afirmou o juiz de instrução. - Dois agentes segui-lo-ão noite e dia, ao mesmo tempo que investigaremos a veracidade do alibi. Para já, parece-me... muito frágil.

- Possivelmente... - concordou Poirot, pensativo.

- Pedi a Monsieur Kettering que viesse aqui esta manhã - continuou o magistrado -, embora, para ser franco, não me pareça que tenhamos muito que perguntar-lhe. Todavia, uma ou duas circunstâncias suspeitas... - calou-se, a esfregar o nariz.

- Como, por exemplo? - inquiriu o detective.
- Bem... - M. Carrège tossicou, mais uma vez.
- A senhora com quem consta que viajou - Mademoiselle Mirelle - está num hotel e ele noutra. Parece-me... enfim, parece-me estranho.
- Dir-se-ia que estão a ser cautelosos - concordou M. Caux.
- Exactamente! - exclamou o juiz, triunfante.
- E porque haviam de ser cautelosos, hem?
- Um excesso de cautela é suspeito... - insinuou Poirot.
- Précisément.
- Creio que podíamos, de facto, fazer uma ou duas perguntas a Monsieur Kettering - concordou o detective.

O magistrado deu as necessárias instruções e, pouco depois, Derek Kettering entrou no gabinete, afável como sempre.

- Bons dias, monsieur - saudou-o o juiz, cortesmente.
- Bons dias - respondeu Derek Kettering. - Mandaram-me chamar. Há alguma novidade?
- Queira sentar-se, monsieur.
Derek sentou-se e atirou o chapéu e a bengala para cima da mesa.
- Então? - perguntou, impaciente.
- Até agora, não possuímos mais elementos - disse M. Carrège, cauteloso.
- Que interessante! - comentou o inglês, secamente. - Mandaram-me chamar para mo dizerem?
- Pensámos, naturalmente, que gostaria de ser informado dos progressos do caso - voltou o magistrado, aborrecido.

- Progressos que, aliás, não existem...
- Desejávamos também fazer-lhe algumas perguntas.
- Pois perguntem.
- Tem a certeza de que não viu sua esposa nem falou com ela no comboio?
- Já respondi a essa pergunta. Não vi nem falei.
- Teve, sem dúvida, as suas razões...

Derek olhou-o, desconfiado, e explicou, espaçando as palavras, como se falasse a alguém de compreensão lenta:

- Ignorava... que... ela... estivesse... no... comboio.
- Foi isso que disse, de facto.
Derek franziu a testa e declarou:
- Gostaria de saber onde quer chegar, Monsieur Carrège. Sabe o que penso?
- Que pensa, monsieur?
- Penso que a Polícia francesa exagera a sua competência!

Deve possuir informações acerca das quadrilhas de ladrões de comboios. É indecente que aconteça o que aconteceu num train de luxe e que a Polícia seja impotente para resolver o assunto!

- Resolvê-lo-emos, monsieur, esteja descansado.
- Consta-me que Madame Kettering não deixou testamento - interveio Poirot, de súbito, com as pontas dos dedos juntas e os olhos atentamente fixos no tecto.
- Creio que não fez nenhum - respondeu Kettering. - Porquê?
- O senhor herda, assim, uma bonita fortuna... uma fortunazinha muito bela... - Embora continuasse a olhar para o tecto, conseguiu ver a onda de sangue que escureceu o rosto de Derek.
- Que quer dizer e quem é o senhor?

O detective descruzou as pernas, sem pressa, desviou o olhar do tecto e fitou o jovem no rosto.
- Chamo-me Hercule Poirot e devo ser o maior detective do mundo - respondeu, imperturbável.
- Tem a certeza absoluta de que não viu nem falou a sua mulher no comboio?

- Aonde quer chegar? Pretende... pretende insinuar que... que a matei? - Desatou a rir, inesperadamente, e acrescentou:

- Não, não devo perder a calma! É tudo tão absurdo! Já pensou que, se a matasse, não precisaria de lhe roubar as jóias?

- É verdade - murmurou Poirot, de monco caído. - Não tinha pensado nisso.

- Se há casos claros e evidentes de assassinio e roubo, este é um deles - continuou o inglês. - Pobre Ruth, foram os malditos rubis que a condenaram!

Deve ter constado que os trazia... Creio que não foi a primeira vez que se cometeu um crime de morte por causa daquelas pedras.

Poirot endireitou-se na cadeira e uma ténue luz verde brilhou-lhe nos olhos. Parecia-se extraordinariamente com um gato matreiro e bem alimentado.

- Só mais uma pergunta, Monsieur Kettering: pode indicar-me em que dia viu sua esposa pela última vez?

- Ora deixe ver... Deve ter sido... sim, deve ter sido há mais de três semanas. Lamento, mas não posso indicar a data exacta.

- Não tem importância - afirmou Poirot, secamente. - Era só isso que queria saber.

- Precisam de mais alguma coisa? - perguntou Derek Kettering, impaciente.

Olhou para M. Carrège, este procurou inspiração olhando para Poirot e recebeu-a sob a forma de um leve aceno de cabeça.

- Não, Monsieur Kettering, creio que não precisamos de incomodá-lo mais. Bons dias, monsieur.

- Bons dias. - Derek saiu e bateu com a porta.

Poirot inclinou-se para a frente e perguntou vivamente, assim que o jovem saiu:

- Quando falou a Monsieur Kettering nos rubis?

- Não lhe falei neles - respondeu M. Carrège.

- Só ontem à tarde tivemos conhecimento da sua existência, por intermédio de Monsieur Van Aldin.

- Sim, mas a carta do conde mencionava-os...

- Mas eu não referi essa carta a Monsieur Kettering - afirmou o juiz de instrução, ofendido. - Teria sido imprudente, na presente conjuntura.

- Então como sabia ele da existência das pedras? - perguntou suavemente Poirot, batendo no tampo da mesa. - Madame não podia ter-lho dito, pois há três semanas que não se viam, e parece-me pouco provável que Monsieur Van Aldin ou o secretário as tivessem mencionado; as entrevistas de ambos com ele visaram assuntos muito diferentes. Os jornais também não falaram nas jóias.

Levantou-se, pegou na bengala e murmurou, como se monologasse:

- E todavia o nosso homem sabe tudo a seu respeito. Muito estranho, meus senhores, muito estranho!

XVIII

DEREK ALMOÇA

Derek Kettering foi direito ao Negresco, pediu dois cocktails e bebeu-os depressa. Depois olhou para o maravilhoso mar azul e sentiu-se presa de uma grande melancolia. Observou maquinalmente os transeuntes e achou-os uma multidão soturna, mal vestida e de uma sensaboria arrepiante. Nos tempos que corriam, não se via nada que valesse a pena... Semelhante opinião modificou-se, porém, quando viu uma mulher sentar-se a uma mesa a pequena distância dele. Trazia um conjunto maravilhoso, cor de laranja e preto, e um chapeuzinho que lhe mergulhava o rosto em sombra. Pediu terceiro cocktail e voltou a olhar para o mar, mas de súbito sobressaltou-se. Assaltou-lhe as

narinas um perfume familiar, virou a cabeça e viu a senhora de cor de laranja e preto de pé ao seu lado. Agora que podia ver-lhe a cara o reconhecimento foi imediato: Mirelle.

Sorria-lhe, com aquele sorriso insolente e sedutor tão seu conhecido.

- Derek! Estás contente por me ver? - Sentou-se na sua frente e acrescentou, trocista: - Dá-me as boas-vindas, estúpido!

- É um prazer inesperado. Quando partiste de Londres?

- Há um dia ou dois - respondeu, com um encolher de ombros.

- E o Parthenon?

- Dei-lhes... Como é que vocês dizem? Dei-lhes com a tampa!

- Sim?

- Não estás a mostrar-te muito amável, Dereek!

- Esperavas o contrário?

Mirelle acendeu um cigarro e soprou várias fumaças antes de perguntar:

- Pensas, talvez, que não é prudente, tão cedo?

Derek fitou-a, encolheu os ombros e indagou formalmente:

- Almoças aqui?

- Mais oui. Almoço contigo!

- Lamento muito, mas tenho um encontro importante.

- Mon Dieu, vocês, homens, são como as crianças! – exclamou a bailarina. - Comportas-te comigo como uma criança mimada, amuaste desde aquele dia em que saíste, furioso, do meu apartamento em Londres. Ah, mais c'est inoui!

- Minha querida pequena, confesso que não sei de que estás a falar. Em Londres chegámos à conclusão de que os ratos abandonam o navio que se afunda.

E é tudo.

Apesar de falar de maneira descuidada, o seu rosto estava tenso e pálido.

- A mim não enganas tu! - murmurou Mirelle, inclinando-se para ele. - Sei o que fizeste por mim!

Derek fitou-a, estupefacto, alertado pelo tom estranho da sua voz.

- Não tenhas medo; sou discreta. És maravilhoso, tens uma coragem soberba, mas lembra-te de que fui eu quem te deu a ideia, naquele dia, ao dizer-te que, às vezes, sucedem acidentes... Não corres perigo?

A Polícia não suspeita de ti?

- Que diabo...

- Fala baixo! - Levantou a mãozinha morena e esguia, com uma grande esmeralda no dedo mínimo.

- Tens razão, não devia ter-te falado assim num lugar público. Não voltaremos a aludir ao assunto, mas as nossas preocupações acabaram, a nossa vida, juntos, será maravilhosa!

De súbito, Derek desatou a rir à gargalhada, de maneira áspera e desagradável.

- Os ratos voltam ao navio, hem? Claro que dois milhões fazem uma grande diferença! Eu já devia sabê-lo. - Riu-se de novo. - Ajudar-me-ás a gastá-los, hem, Mirelle? Nenhuma mulher sabe gastar dinheiro melhor do que tu! - e voltou a rir.

- Fala baixo! - repetiu a bailarina. - Que mosca te mordeu?

Não vês que começam a voltar-se, para te olharem?

- Vou dizer-te que mosca me mordeu: acabaste para mim, Mirelle! Ouviste bem? Acabaste!

Mirelle, porém, não recebeu a notícia como ele esperava; olhou-o, sorriu docemente e exclamou:

- Que criança! Estás zangado, magoado, e tudo, afinal, porque sou prática. Não te disse sempre que te adorava? - Fez uma pausa e prosseguiu: - Mas eu conheço-te, Derek. Olha para mim, é a Mirelle que te fala... Sabes muito bem que não podes viver sem ela.

Se antes te amava, agora amar-te-ei cem vezes mais!

A tua vida comigo será maravilhosa, simplesmente maravilhosa! Não há ninguém como a Mirelle.

Os seus olhos fitavam os dele, como duas verrumas escaldantes. Viu-o empalidecer, suster a respiração, e sorriu, triunfante. Não ignorava a magia que exercia nos homens.

- Está combinado... - murmurou, docemente, e soltou uma gargalhadinha. - E agora, Dereek, não me ofereces almoço?

- Não! - Levantou-se, lívido de cólera, e acrescentou: - Lamento, mas já te tinha dito que tenho um encontro.

- Vais almoçar com outra pessoa? Não acredito!

- Vou almoçar com aquela senhora, além.

Dirigiu-se a uma senhora de branco, que acabava de subir a escada, e perguntou-lhe, ofegante:

- Miss Grey, dá-me a honra de almoçar comigo?

Fomos apresentados em casa de Lady Tamplin, como deve lembrar-se.

Katherine fitou-o, um momento, com os seus inteligentes olhos cinzentos, que diziam tantas coisas, e respondeu:

- Obrigada. Terei muito prazer.

XIX

VISITANTE INESPERADA

O conde de la Roche acabara o seu almoço, composto de omelette fines herbes, um entrecôte bearnaise e um savarin au rhum. Limpou delicadamente o bonito bigode preto, levantou-se da mesa e atravessou o salão, olhando com apreço os poucos objets d'art descuidadamente espalhados por ele. A caixinha de rapé Luís XV, o sapatinho de cetim usado por Maria Antonieta e outras bagatelas históricas faziam parte da mise en scène do conde. Eram, costumava explicar às suas bonitas visitantes, heranças de família. Chegado ao terraço, o conde olhou para o Mediterrâneo sem o ver; não estava com disposição para apreciar as belezas da paisagem. Um estratagema tão bem amadurecido fora brutalmente reduzido a nada, tinha de recomeçar do princípio. O senhor de la Roche instalou-se numa confortável cadeira de verga, com um cigarro entre os dedos brancos, e mergulhou em profunda cogitação.

Pouco depois, Hipolyte, o criado, trouxe-lhe café e vários licores, e o conde decidiu-se por uma excelente aguardente velha. Quando o homem se preparava para sair, mandou-o esperar, com um pequeno gesto, e Hipolyte aguardou, respeitosamente. O rosto do criado estava longe de ser simpático, mas a correcção da sua atitude compensava largamente essa deficiência. Naquele momento, por exemplo, era o retrato vivo da atenção respeitosa.

- É possível que, nos próximos dias, venham cá a casa vários desconhecidos e tentem travar conhecimento contigo e com a Marie. Perguntar-lhes-ão coisas a meu respeito, talvez.

- Sim, senhor conde.

- Ou já terão vindo?

- Não, senhor conde.

- Muito bem - comentou de la Roche, secamente. - No entanto, tenho a certeza de que virão e de que farão perguntas.

Hipolyte olhava o patrão, com ar inteligente, e o conde falou devagar, sem contudo o olhar:

- Como sabes, cheguei aqui na última terça-feira de manhã. Se a Polícia ou qualquer outra pessoa to perguntar, não te esqueças de que cheguei na terça-feira, dia catorze, e não na quarta, dia quinze. Compreendes?

- Perfeitamente, senhor conde.

- É sempre preciso ser discreto em assuntos relacionados com uma senhora. Tenho a certeza, Hipolyte, de que também o saberás ser.

- Com certeza, monsieur, serei discreto.
- E Marie?
- Também, monsieur. Respondo por ela.
- Estamos entendidos, então.

Ao ficar só, o conde bebeu o café, com ar pensativo de vez em quando franzia a testa, uma vez abanou levemente a cabeça e outras duas acenou, devagar. Hipolyte veio, de novo, interromper as suas cogitações:

- Uma senhora, monsieur.
- Uma senhora?

O conde estava surpreso. Claro que a visita de uma dama à Villa Marina não era caso raro, mas naquele momento o conde não imaginava quem poderia ser a visitante.

- Suponho que não é uma senhora conhecida de monsieur - murmurou o criado, ao compreender a sua perplexidade.

- Manda-a entrar para aqui, Hipolyte - ordenou o senhor de la Roche, ainda mais perplexo.

Momentos depois, entrou no terraço uma maravilhosa visão de cor de laranja e preto, acompanhada de um forte perfume de flores exóticas.

- O senhor conde de la Roche?
- Às suas ordens, mademoiselle - respondeu, com uma vénia cavalheiresca.
- Chamo-me Mirelle. Deve ter ouvido falar de mim.

- Com certeza, mademoiselle! Quem não se terá deliciado com a maravilhosa arte de Mademoiselle Mirelle?

A bailarina agradeceu o cumprimento com um breve sorriso maquinal.

- A minha visita é muito pouco cerimoniosa...
- Peço-lhe que se sente, mademoiselle - disse o conde, oferecendo-lhe uma cadeira.

Apesar da galantaria da sua atitude, observava-a atentamente. Havia muito poucas coisas que o conde ignorasse acerca de mulheres. Era certo que a sua experiência não se alargara muito a senhoras como Mirelle, as quais eram, em si mesmas, predatórias. Ele e a bailarina podiam considerar-se, de certo modo, da mesma igualha e os seus artifícios não surtiriam efeito em Mirelle, que era parisiense e astuta. Uma coisa, porém, o conde reconhecia imediatamente, fosse em que tipo de mulher fosse: a cólera. E neste caso não lhe restavam dúvidas de que estava perante uma mulher colérica, e uma mulher colérica, ensinara-lho a experiência, fala mais do que a prudência aconselha e, às vezes, é uma fonte de proventos para um homem com a cabeça bem assente e que saiba conservar-se calmo.

- Foi muito amável, mademoiselle, em honrar a minha pobre morada com a sua visita.
- Temos amigos mútuos em Paris que me têm falado de si, mas estou aqui por outro motivo. Quero dizer, desde que cheguei a Nice ouvi falar a seu respeito, mas num sentido diferente do habitual. Compreende?

- Sim? - murmurou o conde, suavemente.

- Serei brutal, mas acredite que pretendo defender o seu bem-estar. Consta em Nice que o senhor conde é o assassino da senhora inglesa morta no comboio, Madame Kettering.

- Eu? Eu, o assassino de Madame Kettering?

Que absurdo! - exclamou com mais indiferença do que indignação, certo de que assim a provocaria mais.

- Garanto-lhe que é verdade, que é isso que dizem.
- As pessoas gostam de falar - comentou, despreocupado. -

Rebaixar-me-ia se tomasse a sério acusações tão idiotas.

- Não compreende? - Mirelle inclinou-se para ele, com os olhos escuros a faiscar. - Não se trata de boatos ociosos, de rua; é a Polícia!

- A Polícia? - o conde estremeceu, novamente alerta.

- Sim, sim - afirmou Mirelle, acenando várias vezes com a cabeça. - Compreende, tenho amigos em toda a parte... O próprio prefeito... - deixou a frase por acabar, com um eloquente encolher de ombros.

- Haverá alguém capaz de ser discreto, quando tem uma bela mulher por confidente? - murmurou o conde, delicadamente.

- A Polícia crê que o senhor matou Madame Kettering, mas engana-se.

- Com certeza que se engana - concordou o conde, indiferente.

- O senhor conde afirma-o, mas ignora a verdade.

Eu conheço-a.

- Sabe quem matou Madame Kettering? - perguntou-lhe de la Roche, olhando-a com curiosidade.

- É isso que quer dizer, mademoiselle?

- É - afirmou, com novo aceno vigoroso de cabeça.

- Quem foi?

- O marido. - Inclinou-se mais para o conde e acrescentou, em voz que vibrava de cólera e excitação:

- Foi o marido que a matou.

O conde recostou-se na cadeira, com o rosto inexpressivo como uma máscara.

- Permite-me que lhe pergunte como o soube, mademoiselle?

- Como o soube?! - exclamou a bailarina, levantando-se e soltando uma gargalhada. - Vangloriou-se de que o faria, antes de a assassinar! Estava arruinado, falido, desonrado, só a morte da mulher podia salvá-lo.

Disse-mo ele próprio. Viajavam no mesmo comboio, mas ela não devia sabê-lo. Porquê, não me dirá?

Para que pudesse entrar-lhe sorratamente no compartimento, pela calada da noite... Ah! - fechou os olhos, emocionada. - Até parece que estou a ver!

- Talvez, talvez... - murmurou o conde, com uma tossezinha discreta. - Mas, nesse caso, não lhe roubaria as jóias, não acha?

- As jóias! - exclamou Mirelle, em tom apaixonado. - As jóias! Ah, aqueles rubis!

Os olhos humedeceram-se-lhe, adquiriram como que uma luz distante, e o conde fitou-a, curioso, admirado mais uma vez da mágica influência das pedras preciosas no sexo feminino.

- Que deseja que faça, mademoiselle? - perguntou-lhe, chamando-lhe de novo a atenção para assuntos práticos.

- É simples: vai à Polícia e diz que Mister Kettering cometeu o crime!

- E se não me acreditarem, se pedirem provas? - inquiriu, sem desviar os olhos dos dela.

Mirelle riu docemente e aconchegou a écharpe cor de laranja e preta.

- Mande-os ter comigo, senhor conde. Dar-lhes-ei as provas que quiserem.

E saiu como um pé-de-vento, cumprida a sua missão. O conde viu-a partir, com as sobancelhas levemente franzidas.

“Está furiosa”, murmurou para consigo. “Que lhe terá acontecido para ficar em tal estado? Mas mostra demasiado o jogo... Acreditará, de facto, que Mister Kettering matou a esposa? Pelo menos quer que eu o acredite. Pareceu, até, interessada em que a Polícia o acredite...”

Sorriu. Não tinha intenção nenhuma de procurar a Polícia, mas via várias outras possibilidades - e agradáveis, a julgar pelo seu sorriso.

O semblante não tardou, porém, a carregar-se-lhe.

Segundo Mirelle afirmara, a Polícia suspeitava dele, o que podia ser ou não verdade. Uma mulher furiosa, do temperamento da bailarina, não se prendia com a estrita verdade das suas afirmações. Por outro lado, podia muito bem ter obtido informações... internas, e nesse caso impunham-se certos cuidados.

Entrou em casa e interrogou novamente Hipolyte, para saber se tinham aparecido alguns desconhecidos.

O criado foi positivo na resposta: não. Em seguida o conde subiu ao seu quarto e dirigiu-se a uma velha escrivaninha encostada à parede. Levantou a tampa e os seus dedos delicados procuraram uma mola, no fundo de um dos cacifos. Abriu-se uma gaveta secreta, na qual se encontrava um embrulhinho de papel castanho. O conde pegou-lhe, sopesou-o cuidadosamente e, com uma careta, levantou a mão e arrancou um cabelo. Colocou-o na aresta da gaveta, fechou-a devagar e, com o embrulhinho na mão, dirigiu-se à garagem, onde tinha um automóvel encarnado, de dois lugares. Dez minutos depois percorria a estrada de Monte Carlo.

Passou algumas horas no Casino, deu uma volta pela cidade, meteu-se outra vez no automóvel e seguiu na direcção de Menton. Ao princípio da tarde notara que o seguia um carro cinzento, vulgar, o qual se encontrava novamente atrás de si. Sorriu e pisou o acelerador. A estrada subia, íngreme, mas o pequeno automóvel vermelho fora construído segundo modelo especial do conde e tinha um motor muito mais potente de que o seu aspecto permitia supor.

Pouco depois olhou para trás e sorriu; o carro cinzento continuava a segui-lo. Envolto em poeira, o automovelzinho encarnado galgava a estrada a uma velocidade perigosa, mas o senhor de la Roche era um bom volante. Começaram a descer a encosta, sempre aos ziguezagues, e por fim a velocidade abrandou e o automóvel parou defronte de um posto dos Correios.

O conde apeou-se, levantou a tampa da caixa de ferramentas, tirou o embrulhinho castanho e entrou apressadamente no posto.

Dois minutos depois ia outra vez a caminho de Menton. Quando o automóvel cinzento chegou, o conde bebia chá no terraço de um dos hotéis.

Mais tarde foi jantar a Monte Carlo e seguiu para casa, onde chegou às onze horas. Hipolyte recebeu-o com semblante perturbado.

- Ainda bem que chega, senhor conde! O senhor conde telefonou?

O senhor de la Roche abanou a cabeça, negativamente.

- Mas, às três horas, recebi um telefonema do senhor, a mandar-me procurá-lo em Nice, no Negresco!

- Sim? E foste?

- Com certeza, senhor. Mas no Negresco disseram-me que não sabiam nada, que o senhor conde não estivera lá.

- Ah! E naturalmente, a essa hora, a Marie tinha saído, para fazer compras?

- E verdade, senhor conde.

- Não tem importância, Hipolyte. Deve ter sido engano.

Subiu ao seu quarto, a sorrir, trancou a porta e olhou atentamente à sua volta. Parecia tudo como de costume. Abriu várias gavetas e armários e abanou a cabeça: as coisas tinham sido repostas nos seus lugares, mas com ligeiras diferenças. Não lhe restavam dúvidas de que fora efectuada uma busca minuciosa.

Dirigiu-se à escrivaninha, carregou na mola oculta e a gaveta abriu-se, mas o cabelo já não estava onde o deixara.

“A nossa Polícia francesa é excelente”, murmurou, abanando várias vezes a cabeça. “Excelente... Nada lhe escapa...”

XX

KATHERINE ARRANJA UM AMIGO

Na manhã seguinte, Katherine e Lenox sentaram-se no terraço da Villa Marguerite. Começava a ligá-las um sentimento muito parecido com a amizade, apesar da diferença de idades. Não fora a companhia de Lenox, Katherine acharia a vida na Villa Marguerite intolerável. O caso Kettering

era o tópicio obrigatório de todas as conversas e Lady Tamplin explorava o mais que podia a ligação que a prima tivera com o assunto.

Por muito mordazes e aceradas que fossem as réplicas de Miss Grey, não conseguiam trespassar a carapaça de egoísmo de Rosalie Tamplin nem ferir-lhe o amor-próprio.

Lenox adoptava uma atitude desinteressada, embora parecesse divertir-se com as manobras da mãe e, ao mesmo tempo, compreender os sentimentos da prima. Chubby não ajudava nada a desanuviar a situação e apresentava-a a todos, com uma vaidade ingénua:

- Esta é Miss Grey. Ouviu falar no caso do Comboio Azul?

Esteve envolvida nele até às orelhas! Travou uma longa conversa com Ruth Kettering, poucas horas antes do assassínio. Que sorte, hem?

Algumas observações do género tinham obrigado Katherine a replicar de maneira invulgarmente ríspida, e quando se encontraram sós Lenox comentou, na sua voz arrastada:

- Não está habituada a que a explorem, hem, Katherine? Tem muito que aprender!

- Estou arrependida de ter perdido a calma; não costuma acontecer-me.

- Já é tempo de aprender a desabafar. Chubby é apenas um idiota inofensivo, mas com a minha mãe o caso muda de figura. É irritante, mas você pode perder a paciência à vontade que não lhe causará moosa.

Abrirá uns grandes e tristes olhos azuis e ficará na mesma.

Katherine não comentou a observação filial e Lenox prosseguiu, após uma pausa:

- Eu sou um bocado como o Chubby; delicio-me com um bom crime. Além disso... bem, como conheço Derek, ainda mais me interessa.

Miss Grey limitou-se a acenar com a cabeça e a rapariga acrescentou, pensativa:

- Ontem almoçou com ele... Gosta dele, Katherine?

- Não sei... - respondeu a interpelada, muito devagar depois de reflectir um momento.

- E muito atraente.

- Sim, é atraente.

- Que lhe desagrada nele?

Katherine não respondeu, pelo menos directamente.

- Falou da morte da mulher, afirmou que não fingiria que a tragédia fora, para si, mais do que um bambúrrio de sorte...

- E isso escandalizou-a, creio... - Fez uma pausa, antes de acrescentar, num estranho tom de voz:

- Ele gosta de si, Katherine.

- Ofereceu-me um excelente almoço – redarguiu Miss Grey, a sorrir, mas Lenox recusou-se a mudar de assunto.

- Compreendi-o na noite em que jantou cá, pela maneira como a olhou - murmurou, pensativa. - E você não é o seu tipo, pelo contrário. Enfim, suponho que é como a religião; ataca as pessoas em certa idade.

- Chamam Mademoiselle Grey ao telefone - informou Marie, da janela do salão. - Monsieur Hercule Poirot diz que precisa de lhe falar.

- Mais novidades! - exclamou Lenox. - Vá, Katherine, vá aturar o seu detective.

A voz de Mr. Hercule Poirot soou nítida e precisa ao ouvido de Katherine:

- É Mademoiselle Grey quem fala? Bon, mademoiselle, tenho um pedido a fazer-lhe, da parte de Mister Van Aldin, o pai de Madame Kettering, Ele deseja muito falar-lhe, quer na Villa Marguerite, quer no hotel, como o preferir.

Katherine achou que a ida de Mister Van Aldin à Villa Marguerite seria penosa e desnecessária; Lady Tamplin ficaria encantada com o acontecimento, pois nunca perdia a oportunidade de estreitar relações com milionários. Disse, por isso, a Poirot que preferia ir a Nice.

- Excelente, mademoiselle. Irei eu próprio buscá-la, de automóvel. Daqui a três quartos de hora está bem?

Poirot chegou pontualmente e partiram sem perda de tempo.

- Então, mademoiselle, como vão as coisas?

Katherine fitou-lhe os olhos maliciosos e sentiu confirmar-se a sua primeira impressão de que havia em Mr. Hercule Poirot algo muito atraente.

- Este é o nosso romance policial, lembra-se? - continuou o detective. - Prometi-lhe que o investigaríamos juntos, e nunca falto a uma promessa.

- E muito amável.

- Ah, mademoiselle, está a trocar de mim! Mas quer, ou não, ouvir as novidades relacionadas com o caso?

Katherine admitiu que queria e Poirot começou por esboçar-lhe um retrato do conde de la Roche.

- Supõe que foi ele quem a matou? - murmurou Miss Grey, pensativa.

- É essa a teoria aceite - redarguiu Poirot, cauteloso.

- Mas o senhor acredita nela?

- Não disse tal coisa! E a mademoiselle, que pensa?

- Que hei-de pensar? Não percebo nada dessas coisas, mas diria que...

- Diria que?... - encorajou-a o detective.

- Bem, pelo que me contou, o conde não me parece do tipo de homem capaz de matar alguém.

- Ah, muito bem! Estamos de acordo, pois isso foi precisamente o que eu próprio disse. - Olhou-a com atenção e inquiriu: - Conhece Mister Derek Kettering?

- Foi-me apresentado em casa de Lady Tamplin e almocei com ele.

- Um mauvais sujet - comentou Poirot, abanando a cabeça -, mas les femmes gostam disso, hem?

Katherine não pôde conter o riso.

É daquelas pessoas que se tornam notadas seja onde for - prosseguiu o detective. - Sem dúvida reparou nele no Comboio Azul?

- Reparei.

- Na carruagem-restaurant?

- Não, à hora das refeições não o encontrei. Vi-o apenas uma vez, a entrar no compartimento da esposa.

- Estranho... Se a memória não me traiçoa, creio tê-la ouvido dizer que estava acordada e que olhou pela janela em Lyon? Não viu nenhum homem alto e moreno como o conde de la Roche abandonar o comboio?

- Não me parece que tenha visto alguém abandonar o comboio.

Vi de facto sair um rapaz de boné e sobretudo, mas não creio que abandonasse o comboio; pareceu-me que foi apenas passear no cais. Vi também um francês gordo, com um sobretudo por cima do pijama, que queria uma chávena de café. Além deles, só reparei nos empregados da companhia.

Poirot acenou várias vezes e, por fim, confidenciou:

- Sabe, o conde de la Roche tem um álibi... e um álibi é uma coisa pestilencial, sempre susceptível de levantar graves suspeitas. Mas... cá estamos!

Seguiram directamente para a suite de Van Aldin, onde encontraram Knighton, que Poirot apresentou a Katherine. Após breve troca de banalidades, o secretário disse:

- Vou avisar Mister Van Aldin de que Miss Grey já chegou.

Entrou por uma porta de comunicação num aposento contíguo, ouviu-se um murmúrio de vozes e Van Aldin apareceu, estendeu a mão a Katherine e observou-a, ao mesmo tempo, com um olhar penetrante.

- Tenho muito prazer em conhecê-la, Miss Grey - disse simplesmente. - Estou ansioso por ouvir o que tem a dizer-me acerca de Ruth.

A calma simplicidade do milionário agradou muito a Katherine, que se sentiu na presença de uma dor autêntica, tanto mais genuína quanto despida de exteriorizações.

- Sente-se, por favor, e conte-me tudo - pediu-lhe o milionário, puxando uma cadeira.

Poirot e Knighton retiraram-se discretamente para a outra sala e Katherine e Van Aldin ficaram sós. Simples e naturalmente, sem qualquer dificuldade, Miss Grey contou a conversa que tivera com Ruth Kettering, quase palavra por palavra. O americano ouviu-a em silêncio, recostado na cadeira, com uma das mãos a ocultar os olhos. Quando ela acabou, agradeceu, serenamente:

- Obrigado, minha querida.

Ficaram silenciosos alguns momentos, pois Katherine adivinhava que seriam deslocadas quaisquer palavras de comisseração. Quando o milionário voltou a falar, fê-lo num tom muito diferente:

- Estou-lhe muito grato, Miss Grey, pois creio que ajudou a serenar o espírito da minha pobre Ruth nas últimas horas da sua vida. Agora desejava fazer-lhe umas perguntas, se mo permite... Está informada, pois Mister Poirot deve ter-lho dito, acerca do patife por quem a minha pobre pequena se enamorara. Era ele o homem de quem ela lhe falou, aquele a quem ia juntar-se. Na sua opinião, acha que Ruth teria mudado de ideias, depois de conversar consigo? Acha que resolvera faltar ao prometido?

- Francamente, não sei. Fiquei convencida, no entanto, de que tomara uma decisão e que, por isso, se sentia mais feliz.

- Não lhe deu a entender onde tencionava encontrar-se com o celerado, se em Paris, se em Hyères?

- Nada me disse a esse respeito.

- E, infelizmente, esse é um ponto importante! exclamou, pesaroso, Van Aldin. - Enfim, o tempo o dirá.

Levantou-se, abriu a porta de comunicação e Poirot e Knighton reuniram-se-lhes. Katherine declinou o convite para almoçar com o milionário e o secretário acompanhou-a ao automóvel, que esperava.

Quando voltou, encontrou Van Aldin e Poirot em animada conversa.

- Se soubéssemos, ao menos, qual foi a decisão de Ruth! - dizia o milionário, pensativo. - Mas podem ter sido tantas! Pode ter decidido abandonar o comboio em Paris e telegrafar-me; seguir para o Sul de França e ter uma explicação com o conde... Estamos às escuras, absolutamente às escuras. No entanto, a criada disse que ela ficou assustada e inquieta, quando o conde apareceu, na estação de Paris. Portanto, isso não fazia parte do plano preconcebido. Não concorda comigo, Knighton?

- Peço desculpa, Mister Van Aldin; não estava a ouvir.

- A sonhar acordado, hem? - brincou o americano. - Não é costume... Está-me a parecer que aquela rapariga lhe deu volta à cabeça...

Knighton corou e Van Aldin acrescentou:

- Pessoalmente, achei-a muito simpática. Reparou, por acaso, nos seus olhos?

- Qualquer homem teria reparado nos seus olhos - afirmou o major.

XXI

NO TÊNIS

Decorreram vários dias. Certa manhã, ao regressar de um passeio solitário, Katherine encontrou Lenox a esperá-la, com um sorriso ansioso.

- O seu rapaz telefonou, Katherine!

- Quem é o meu rapaz?

- Desta vez é um novo: o secretário de Rufus Van Aldin. Parece ter-lhe causado uma grande impressão.

Está a tornar-se uma demolidora de corações, Katherine: primeiro, Derek Kettering; agora, esse jovem Knighton! O engraçado é que me lembro muito bem dele, pois estava no hospital de guerra que minha mãe instalou aqui. Nessa altura andava eu pelos meus oito anos, era uma miúda...

- Foi um ferido grave?

- Tinha levado um tiro numa perna, se não me engano, mas o caso esteve feio. Creio que os médicos complicaram um bocado as coisas, pois disseram que não ficaria a coxear, mas quando o rapaz saiu ia coxo.

Lady Tamplin juntou-se-lhes, nesse momento, e perguntou:

- Estiveste a falar a Katherine acerca do major Knighton? Um rapaz tão simpático! Ao princípio não me recordei, eram tantos!, mas depois lembrei-me de tudo.

- Antes, o major Knighton não merecia ser lembrado, pois tinha muito pouca importância - comentou Lenox, com a acidez habitual. - Mas agora as coisas mudaram muito de figura, pois é secretário de um milionário americano!

- Querida! - exclamou Lady Tamplin, no seu vago tom de censura.

- Mas, afinal, porque telefonou o major Knighton? - perguntou Katherine.

- Perguntou se queria ir ao ténis, esta tarde, pois viria buscá-la de automóvel. A mãe e eu aceitámos em seu nome, com empressement. Enquanto você se entretiver com o secretário de Van Aldin, talvez me dê uma oportunidade de cair nas graças do milionário, Katherine.

Suponho que Mister Van Aldin tem cerca de sessenta anos; portanto, deve interessar-se por uma rapariga simpática e terna como eu.

- Gostaria de conhecer Mister Van Aldin - confessou Rosalie Tamplin, com fervor. - Dizem-se tantas coisas a seu respeito!

São tão fascinantes esses rudes homens do Oeste!

- O major Knighton teve o cuidado de sublinhar que o convite era de Mister Van Aldin - esclareceu Lenox. - Mas disse-o tantas vezes que desconfiei.

Você e Knighton fariam um belo par, Katherine...

Deus os abençoe, meus filhos.

Katherine riu-se e foi para o seu quarto mudar de roupa.

Knighton chegou pouco depois do almoço e resistiu virilmente aos transportes de reconhecimento de Lady Tamplin. Já a caminho de Canes, observou a Katherine:

- Parece impossível como Lady Tamplin mudou tão pouco!

- Em atitude ou aparência?

- Em ambas as coisas. Deve ter muito mais de quarenta anos, suponho, mas é ainda uma mulher notavelmente bonita.

- É, de facto - concordou Katherine.

- Agrada-me muito que tenha aceite o convite - continuou o major. - Mister Poirot também estará presente. É um homenzinho extraordinário! Conhece-o bem, Miss Grey?

- Conheci-o apenas no comboio, quando vinha para cá. Começou a conversar comigo, ao ver-me ler um romance policial e eu observei-lhe que na vida real não aconteciam as coisas narradas nos livros... Claro que não fazia ideia nenhuma de quem ele era.

- E uma pessoa extraordinária e tem feito coisas notáveis. Possui uma espécie de génio para desvendar as coisas até ao âmago, sem que façamos a mínima ideia do que está a pensar. Uma vez estava numa casa no Yorkshire quando roubaram as jóias de Lady Clan Ravon. Ao princípio o roubo pareceu simples, mas a Polícia local viu-se em palpos de aranha. Lembro-me de que aconselhei a que chamassem Hercule Poirot, pois era o único homem capaz de os ajudar, mas preferiram confiar na Scotland Yard...

- E que aconteceu? - perguntou Katherine, curiosa.

- As jóias nunca foram recuperadas - replicou Knighton, secamente.

- Acredita, realmente, nele?

- Acredito. O conde de la Roche é um indivíduo muito manhoso, que tem conseguido escapar de muitas complicações, mas creio que encontrou em Hercule Poirot um adversário da sua envergadura.

- O conde de la Roche... - murmurou Katherine, pensativa. - Pensa, realmente, que foi ele?

- Claro! - exclamou, surpreendido. - Não concorda?

- Oh, sim! - apressou-se a afirmar. - Quero dizer, se não foi apenas um vulgar roubo de comboio...

- Podia ser, claro... Mas parece-me que o conde de la Roche se ajusta perfeitamente neste caso.

- No entanto, tem um álibi.

- Ora, álibis! - O rosto de Knighton transformou-se, iluminado por um sorriso quase infantil.

- Confessou que lê romances policiais, Miss Grey; portanto, deve saber que quem possui um perfeito álibi levanta sempre graves suspeitas.

- Acha que, na vida real, é assim também? - inquiriu Katherine, correspondendo ao sorriso.

- Porque não? Afinal a ficção baseia-se nos factos.

- Mas é-lhes superior - insinuou Katherine.

- Talvez. Enfim, a verdade é que, se fosse um criminoso, não gostaria de ter Hercule Poirot na minha pista!

- Nem eu! - afirmou Katherine, risonha.

À chegada encontraram o detective que, em virtude de o dia estar quente, vestia fato branco, de linho, com uma camélia também branca na botoeira.

- Bonjour, mademoiselle - cumprimentou-a. - Pareço muito inglês, não acha?

- Parece formidável! - respondeu Katherine, bem-disposta.

- Está a troçar de mim, mas não faz mal. O “papá Poirot” é sempre o último a rir!

- Onde está Mister Van Aldin? - perguntou-lhe Knighton.

- Irá ter connosco aos nossos lugares. Para lhe dizer a verdade, meu amigo, não está muito satisfeito comigo... Oh, estes americanos! Não sabem o que é o repouso, a calma. Mister Van Aldin queria que corresse todos os becos de Nice à procura de criminosos!

- Não me parece má a ideia - observou Knighton.

- Engana-se - afirmou o detective. - Nestes assuntos não é a energia que conta, mas a astúcia. No ténis, por exemplo, encontra-se toda a gente, e isso é tão importante! Olhem, chegou Mister Kettering!

Derek aproximou-se, com ar irritado e atrevido, como se qualquer coisa o tivesse perturbado. Knighton e ele saudaram-se com certa frieza e só Poirot pareceu inconsciente da tensão reinante e tagarelou cordialmente, num esforço louvável para pôr todos à vontade.

- É surpreendente a facilidade e a correcção com que fala francês, Mister Kettering - elogiou. - Fala tão bem que poderia ser tomado por francês, se quisesse. É uma qualidade muito rara entre ingleses.

- Tem razão - concordou Katherine. - O meu francês, por exemplo, é tristemente britânico!

Instalaram-se nos seus lugares e, quase no mesmo instante, o major viu o patrão a fazer-lhe sinais, do outro lado do court, e foi ao seu encontro.

- Simpatizo com aquele rapaz - disse Poirot, seguindo o secretário com um sorriso desvanecedor. - E a mademoiselle?

- Gosto muito dele.

- E o senhor, Mister Kettering?

Derek ia a responder bruscamente, mas viu qualquer coisa nos olhos brilhantes de Poirot que o fez dominar-se e ficar atento. Respondeu portanto cautelosamente, escolhendo as palavras:

- Knighton é muito bom tipo.

Por instantes, Katherine teve a impressão de que o detective pareceu decepcionado.

- É um grande admirador seu, Mister Poirot...

Relatou a conversa que tivera com o major, divertida por ver o homenzinho empertigar-se todo, como um pavão, dilatar o peito e arvorar uma expressão de irônica modéstia, que não iludiria ninguém.

- Agora me lembro, mademoiselle - disse, de súbito -, de que gostaria de discutir consigo determinado assunto. Suponho que, quando conversou com a pobre senhora no comboio, deixou cair uma cigarreira?

- Não dei por isso - respondeu Katherine, surpreendida, e Poirot tirou da algibeira uma cigarreira de macio cabedal azul, com a inicial "K" de ouro.

- Não, não é minha.

- Ah, mil desculpas! Nesse caso deve ser da vítima, pois "K" é também a inicial de Kettering. Estávamos na dúvida, pois madame tinha outra cigarreira na mala e pareceu-nos estranho que trouxesse duas. - Voltou-se para Derek e perguntou-lhe: - Sabe se esta cigarreira era de sua esposa?

Derek pareceu momentaneamente perplexo e gaguejou um pouco, ao responder:

- Não sei... suponho que sim.

- Não é, por acaso, sua?

- Certamente que não! Se fosse minha, não estaria no compartimento de minha mulher.

Poirot arvorou um ar ainda mais ingênuo e infantil e insinuou, em tom de grande sinceridade:

- Pensei que talvez a tivesse deixado cair quando estive no compartimento de sua esposa...

- Não estive no compartimento de minha mulher!

Já o repeti à Polícia uma dúzia de vezes!

- Mil perdões! - murmurou Poirot, com o seu ar mais repeso. - Foi mademoiselle quem mencionou que o vira entrar...

Calou-se, com um semblante revelador de grande embaraço, e Katherine fitou Derek. Pareceu-lhe pálido, mas talvez fosse imaginação sua, e soltou uma gargalhada bastante natural.

- Enganou-se, Miss Grey - afirmou, despreocupado. - Pelo que a Polícia me disse, deduzi que o meu compartimento ficava apenas a uma porta ou duas afastado do de minha mulher, facto de que nunca suspeitei. Deve ter-me visto entrar, sim, no meu compartimento.

Levantou-se bruscamente, ao ver aproximar-se Van Aldin e Knighton, e anunciou:

- Agora deixo-os. Não posso tolerar o meu sogro por preço nenhum.

Van Aldin cumprimentou Katherine cortesmente, mas via-se que estava mal-humorado.

- Parece muito amigo de ver jogar ténis, Mister Poirot - observou, carrancudo.

- É um prazer para os meus olhos! - confessou o detective muito calmo.

- Ainda bem que está em França, pois nos Estados Unidos somos feitos de material mais rijo - comentou Van Aldin. - Lá, vêm primeiro os negócios e depois o prazer.

Poirot não se ofendeu. Pelo contrário, sorriu suave e confiantemente.

- Não se irrite, peço-lhe; cada um tem os seus métodos próprios. Pelo meu lado, achei sempre encantador e agradável combinar trabalho com prazer.

Olhou para os outros dois, que conversavam animadamente, absortos um no outro. Acenou com a cabeça, satisfeito, e inclinou-se para o milionário, a quem disse, em voz baixa:

- Não estou aqui apenas por uma questão de prazer, Mister Van Aldin. Repare naquele velho alto, aqui

Defronte de nós... aquele de rosto macilento e barba venerável.

- Já reparei. E então?

- Então, é Mister Papopolous.

- Grego?

- Exactamente, grego. É também um antiquário de fama mundial, tem uma pequena loja em Paris e a Polícia suspeita de que é qualquer coisa mais...

- O quê?

- Receptador de mercadorias roubadas, sobretudo de jóias. Não há nada relacionado com a relapidação e o reengaste de pedras preciosas que ele não conheça.

Tem negócios com as pessoas mais importantes da Europa e com o rebotalho do baixo mundo.

Van Aldin escutava-o e fitava-o com redobrada atenção.

- E então? - repetiu, mas em tom diferente.

- Pergunto a mim mesmo... - Bateu dramaticamente no peito e prosseguiu: - Eu, Hercule Poirot, pergunto a mim mesmo por que motivo veio Mister Papopolous subitamente a Nice?

Van Aldin estava impressionado. Chegara a duvidar de Poirot, a suspeitar que dera o que tinha a dar, profissionalmente, e não passava já de um poseur. Agora, porém, recuperara a confiança e a opinião primitiva acerca do pequeno detective.

- Apresento-lhe as minhas desculpas, Mister Poirot.

Poirot esboçou um gesto extravagante e exclamou:

- Ora, isso não tem importância nenhuma! Agora escute, Mister Van Aldin; tenho notícias para si.

O milionário olhou-o vivamente, cheio de interesse, e Poirot comentou:

- Já sabia que se interessaria. Não ignora, Mister Van Aldin, que o conde de la Roche está sob vigilância desde a sua entrevista com o juiz de instrução. No dia seguinte, na sua ausência, a Villa Marina foi revistada pela Polícia.

- Encontraram alguma coisa? Aposto que não!

- A sua perspicácia merece parabéns, Mister Van Aldin - comentou o detective, com uma pequena vénia. - Não encontraram nada de natureza incriminadora, nem aliás era de esperar que encontrassem.

O conde de la Roche, como expressivamente costuma dizer-se, não nasceu ontem; é um cavalheiro astuto, com grande experiência.

- Continue - pediu o americano, impaciente.

- É possível, sem dúvida, que o conde não precisasse de esconder nada de natureza comprometedora; mas não devemos ignorar a possibilidade. Portanto, se tinha alguma coisa que esconder, onde a escondeu?

Não em casa, pois a Polícia revistou-a minuciosamente; não na sua pessoa, pois sabe que corre o risco de ser preso de um momento para o outro. Falta... o seu automóvel. Como disse, tem estado vigiado. Nesse dia, foi seguido até Monte Carlo, de onde seguiu, por estrada, para Menton, conduzindo ele próprio. O seu automóvel tem um motor potentíssimo, que lhe permitiu distanciar-se dos seus perseguidores, os quais o perderam por completo de vista durante cerca de um quarto de hora...

- E o senhor pensa que, nesse quarto de hora, o conde escondeu qualquer coisa, na berma da estrada? - perguntou o milionário, incapaz de disfarçar o seu interesse.

- Na berma da estrada, não; ça n'est pas pratique.

Mas escute. Eu, Poirot, apresentei uma solução a Monsieur Carrège, que simpaticamente a aprovou, e assim procurou-se em todos os postos de correio das cercanias se alguém conhecia de vista o conde de la Roche... O senhor compreende, a melhor maneira de esconder uma coisa é expedi-la pelo correio.

- E então? - insistiu Van Aldin, impaciente.

- Então... voilà! - com um floreado dramático, tirou da algibeira um embrulhinho castanho, ao qual fora retirado o cordel. - Nesse quarto de hora de intervalo, o nosso cavalheiro expediu isto.

- Para que morada?

- Podia dizer-nos alguma coisa, de facto, mas infelizmente não diz. O embrulho foi enviado a um daqueles pequenos quiosques de venda de jornais, de Paris, que guardam cartas e volumes até serem reclamados, mediante uma pequena comissão.

- Mas que contém o pacote? - quis saber o americano, cada vez mais impaciente.

Poirot retirou o papel castanho, que ocultava uma caixinha quadrada, de cartão, e olhou à sua volta.

- É boa altura, agora - disse, calmamente. - Todos os olhos estão postos no jogo. Veja, monsieur...

Levantou a tampa da caixa uma fracção de segundo apenas e Van Aldin soltou uma exclamação de indizível espanto:

- Meu Deus, os rubis!

Sentou-se, lívido e estonteado, enquanto Poirot guardava a caixinha e sorria placidamente. De súbito, como se despertasse de um transe, Van Aldin inclinou-se para a frente e apertou tão calorosamente a mão do detective que este se torceu de dor.

- Formidável! - exclamou. - Formidável! O senhor é o melhor que há!

- Oh, são favores! - afirmou, modestamente. Ordem, método, estar preparado para eventualidades... E apenas isso que é preciso.

- Suponho que o conde de la Roche foi preso? - inquiriu Van Aldin, ansioso.

- Não.

- Não? - repetiu o milionário, cheio de espanto.

- Mas porquê? Que mais querem?

- O álibi do conde continua válido.

- Mas isso é uma tolice!

- Também o creio, mas infelizmente crer não basta; é preciso provar.

- E, entretanto, ele escapar-lhes-á por entre os dedos!

- Não escapará! - afirmou, enérgico. - O conde não pode dar-se ao luxo de sacrificar a sua posição social. Custe o que custar, ficará e arrostará as consequências.

- Mas não compreendo...

- Conceda-me um momento, monsieur - interrompeu-o Poirot, levantando a mão. - Tenho uma ideiazinha, sabe? Muitos se têm rido das ideiazinhas de Hercule Poirot... e arrependido.

- Bem, de que ideia se trata?

Poirot deixou passar um momento antes de responder:

- Procurá-lo-ei no seu hotel, amanhã, às onze horas da manhã. Até lá, não diga nada a ninguém.

XXII

M. PAPOPOLOUS ALMOÇA

M. Papopolous tomava o pequeno-almoço, sentado à mesa com sua filha, Zia, quando bateram à porta da sala e um mandarete entrou e lhe entregou um cartão.

M. Papopolous leu-o, ergueu as sobranceiras e estendeu-o à filha.

- Hercule Poirot... - murmurou, coçando pensativamente a orelha esquerda. - Que quererá? - Pai e filha entreolharam-se e o antiquário acrescentou:

- Vi-o ontem, no ténis... Zia, isto não me agrada nada.

- Foi-lhe muito útil, em tempos - recordou-lhe a filha.

- É verdade - concordou M. Papopolous. - Além disso, diz-se que se retirou do trabalho activo...

Pai e filha tinham falado na sua língua pátria, mas a seguir M. Papopolous disse ao mandarete, em francês:

- Faites monter ce monsieur.

Poucos minutos depois, elegantemente vestido e a balançar uma bengala, com ar garboso, M. Poirot entrou na sala.

- Meu caro, M. Papopolous!

- Meu caro, M. Poirot!

- Mademoiselle Zia... - saudou-a com uma vénia cortês.

- Queira desculpar continuarmos a almoçar - disse o grego, deitando uma chávena de café. - A sua visita é... um pouco matinal.

- Escandalosamente matinal, mas, compreende, estou cheio de pressa.

- Ah! - exclamou o grego. - Anda a investigar algum caso?
- Um caso muito sério: a morte de Madame Kettering.
- Ora deixe ver... - M. Papopolous olhou inocentemente para o tecto. - Não foi a senhora que morreu no Comboio Azul? Vi a notícia nos jornais, mas não havia qualquer indicação de crime...
- Pareceu melhor ocultar o facto, no interesse da justiça - esclareceu Poirot.
- E em que posso ser-lhe útil, M. Poirot? - indagou o antiquário, delicadamente, após uma pausa.
- Serei breve e explícito - prometeu o detective.

Tirou da algibeira a caixa que mostrara ao americano, em Canes, abriu-a, retirou os rubis e estendeu-os a Papopolous.

Embora Poirot olhasse atentamente o grego, não viu mover-se um único músculo do seu rosto. Papopolous pegou nas pedras, examinou-as com um certo ar indiferente e depois olhou, interrogador, para o detective.

- Soberbas, não acha? - perguntou este.
- Excelentes.

- Quanto lhe parece que valem?

O rosto do grego tremeu um pouco.

- É necessário dizer-lho, Monsieur Poirot?
- É inteligente, M. Papopolous. Não, não é preciso dizer-mo.

Não valem, por exemplo, quinhentos mil dólares?

O grego desatou a rir e Poirot fez-lhe companhia.

- Como imitação, são excelentes, como já disse - observou

Papopolous, devolvendo-lhe as pedras. - Seria indiscrição perguntar-lhe, Monsieur Poirot, onde as arranjou?

- De modo nenhum. Não me importo nada de o dizer a um velho amigo como o senhor. Estavam em poder do conde de la Roche.

M. Papopolous ergueu eloquentemente as sobrancelhas e murmurou:

- Deveras?

Poirot inclinou-se para a frente, com o seu ar mais inocente e enganador.

- Porei as cartas na mesa, Monsieur Papopolous.
- As pedras que serviram de modelo a estas, as originais, foram roubadas a Madame Kettering, no Comboio Azul. Antes de mais nada, quero afirmar-lhe o seguinte: não estou empenhado na recuperação delas; isso é com a Polícia. Também não trabalho para a Polícia, mas para Monsieur Van Aldin, e pretendo apenas deitar a mão ao indivíduo que matou Madame Kettering. As jóias interessam-me simplesmente pela possibilidade de me conduzirem ao assassino. Compreende?

A última palavra foi pronunciada de maneira significativa e M. Papopolous, imperturbável, disse apenas:

- Continue.
- Parece-me provável, monsieur, que as jóias mudem de mãos em Nice... se já não mudaram.
- Ah! - exclamou M. Papopolous, sorvendo o seu café e parecendo um pouco mais nobre e patriarcal do que de costume.
- Disse para comigo: "Que sorte!" - continuou Poirot, entusiasmado. - "O meu velho amigo, Monsieur Papopolous, está em Nice e ajudar-me-á!"
- E como lhe parece que poderei ajudá-lo? - inquiriu o grego, friamente.
- Calculei que, sem dúvida, Monsieur Papopolous estava em Nice para tratar de negócios...
- De modo nenhum! - exclamou o antiquário.
- Estou aqui por causa da minha saúde, por ordem dos médicos - e tossiu cavernosamente.
- Desola-me a notícia - confessou Poirot, com falsa sinceridade. - Mas, continuando: quando um grão-duque russo, uma arquiduquesa austríaca ou um príncipe italiano desejam dispor das jóias da

família, quem procuram? Monsieur Papopolous, não é verdade? O negociante famoso em todo o mundo pela discrição com que trata destas coisas.

O outro esboçou uma leve inclinação da cabeça e murmurou:

- Lisonjeia-me.

- A discrição é uma grande coisa - afirmou Poirot, o que lhe valeu um sorriso fugidio do grego.

- Eu também sei ser discreto.

Os olhos dos dois homens encontraram-se e Poirot continuou a falar, devagar e escolhendo bem as palavras.

- Disse para comigo: "Se estas jóias mudaram de mãos em Nice, Monsieur Papopolous deve ter ouvido falar no assunto. Tem conhecimento de tudo quanto se passa no mundo das jóias."

- Ah! - exclamou o antiquário, servindo-se de um croissant.

- Mas a Polícia nada tem a ver com o caso, compreende? - afirmou Poirot. - É um assunto meramente pessoal.

- Correm boatos, sem dúvida - admitiu M. Papopolous, cauteloso.

- Como, por exemplo?

- Existe alguma razão para que lhos confie?

- Penso que sim. Lembre-se, Monsieur Papopolous, de que há dezassete anos teve nas suas mãos determinado artigo, que lhe fora confiado, por uma questão de segurança, por... enfim, uma pessoa proeminente...

Lembre-se de que, de súbito, esse mesmo artigo desapareceu e o senhor ficou, se me permite a expressão, em muito maus lençóis.

Fitou docemente a rapariga, que afastara o prato e a chávena, apoiara os cotovelos na mesa e o queixo na palma das mãos, e escutava avidamente.

- Nessa altura encontrava-me em Paris e o senhor mandou-me chamar - prosseguiu o detective, sem desfitar Zia. - Colocou-se nas minhas mãos e disse-me que, se conseguisse restituir-lhe esse artigo, poderia contar com a sua eterna gratidão. Eh bien, consegui restituir-lho !

- Foi o momento mais desagradável da minha carreira - confessou o grego, com um profundo suspiro.

- Dezassete anos é muito tempo - continuou Poirot, pensativo -, mas creio não me enganar ao dizer que um homem da sua raça não esquece.

- Um grego? - perguntou Papopolous, com um sorriso irónico.

- Não era à nacionalidade grega que me referia - redarguiu o detective.

Seguiu-se um momento de silêncio, findo o qual o velho negociante se endireitou e volveu, orgulhosamente:

- Tem razão, Monsieur Poirot, sou judeu. E, como disse, os da minha raça não esquecem.

- Ajudar-me-á, então?

- No que se refere às jóias, monsieur, nada posso fazer. - Era agora o grego quem, como Poirot fizera antes, escolhia cuidadosamente as palavras. - Não sei nada, não ouvi nada. Mas talvez possa prestar-lhe outro favor, se, por acaso, se interessar por corridas de cavalos.

- Em certas circunstâncias, talvez me interesse - respondeu o detective, olhando-o com atenção.

- Corre em Longchamps um cavalo em que, parece-me, valeria a pena tentar. Não tenho a certeza, porém, pois, como compreende, estas notícias passam por muitas mãos...

Fez uma pausa e fitou o detective, como se quisesse certificar-se de que o outro o compreendia.

- Perfeitamente, perfeitamente - redarguiu Poirot.

- O nome do cavalo - continuou o grego, recostando-se na cadeira e unindo as pontas dos dedos - é "O Marquês". Penso, mas não tenho a certeza, que é um cavalo inglês. Que dizes tu, Zia?

- Também me parece - respondeu a rapariga.

- Agradeço-lhe, monsieur - disse Poirot, levantando-se. - É uma grande coisa ter, como dizem os ingleses em gíria de hipódromo, uma achega da cavalaria...

Até à vista, monsieur, e muito obrigado.

Voltou-se para a rapariga e despediu-se:

- Au revoir Mademoiselle Zia. - Ainda me parece que foi ontem que a vi em Paris! Dir-se-ia que passaram dois anos, no máximo.

- Há uma diferença maior entre dezasseis e trinta e três - redarguiu Zia, melancólica.

- No seu caso, não há - afirmou Poirot, galanteador. - Espero que a senhora e o seu pai jantem comigo, uma noite destas.

- Teremos muito prazer - voltou a rapariga.

- Havemos de combinar. E agora... je me sauve!

Na rua, Poirot começou a trautear baixinho uma canção, enquanto balouçava garbosamente a bengala.

Uma ou duas vezes sorriu serenamente, para consigo.

Entrou ão primeiro posto dos correios que encontrou e expediu um telegrama. Levou algum tempo a redigi -lo, mas servia-se de um código e teve de recorrer à memória.

Aparentemente, referia-se a um alfinete de peito perdido e era dirigido ao inspector Japp, da Scotland Yard; na realidade, era breve e incisivo: "Telegrafe tudo quanto souber acerca homem cuja alcunha é O Marquês."

XXIII

NOVA HIPÓTESE

Eram exactamente onze horas quando Poirot se apresentou no hotel de Van Aldin. Encontrou o milionário só.

- É pontual, Monsieur Poirot - comentou o americano, levantando-se e cumprimentando-o, com um sorriso.

- Sou sempre pontual, respeito sempre a exactidão. Sem ordem e método... - Calou-se bruscamente e depois acrescentou: - É possível que já lhe tenha dito tudo isto. Comecemos imediatamente pelo assunto da minha visita.

- A tal ideiazinha?

- Sim, a tal ideiazinha - confirmou o detective, a sorrir. - Antes de mais nada, monsieur, gostaria de entrevistar mais uma vez a criada, Ada Mason. Está cá?

- Está.

Van Aldin fitou-o, curioso, tocou uma campainha e mandou um empregado procurar Mason.

Poirot saudou a rapariga com a habitual delicadeza, que nunca deixava de produzir efeitos naquele tipo de pessoas.

- Boas tardes, mademoiselle. Queira sentar-se, se monsieur permitir...

- Sim, sim, pequena, sente-se - aquiesceu o americano.

- Obrigado, senhor - agradeceu Mason, cerimoniosamente, e sentou-se à pontinha da cadeira.

- Vim fazer-lhe mais perguntas - anunciou Poirot; - precisamos de deslindar este assunto. Volto, novamente, à questão do homem do comboio. Viu o conde de la Roche e disse que pode ter sido ele, mas não tem a certeza.

- Como expliquei ao senhor, não vi a cara do cavaleiro. Por isso é difícil...

- Claro, compreendo a dificuldade - tranquilizou-a Poirot, risonho. - Disse-nos também, mademoiselle, que esteve dois meses ao serviço de Madame Kettering, não é verdade? Durante esses meses viu muitas vezes o seu patrão?

Mason pensou, um momento, antes de responder:

- Uma vez ou duas, senhor.

- Perto ou longe dele?

- Uma vez foi na Curzon Street; eu estava no primeiro andar, olhei por cima do corrimão e vi o senhor no vestíbulo, em baixo. Sentia uma certa curiosidade, compreende, pois sabia como as coisas estavam...Mason concluiu com uma tossezinha discreta.

- E a outra vez?

- Encontrava-me no parque com Annie, uma das criadas, e ela apontou-me o senhor, que passeava com uma senhora estrangeira.

- Agora escute, Mason: como sabe que esse homem que viu na carruagem, a falar com a sua ama na Gare de Lyon, não era o seu patrão?

- O patrão? Não creio que fosse.

- Mas não tem a certeza - tentou o detective.

- Bem, nunca pensei na possibilidade... - Era evidente que a sugestão perturbara profundamente a rapariga.

- Deve ter ouvido dizer que o seu patrão viajava no mesmo comboio. Nada mais natural, portanto, que fosse ele que se juntasse à sua senhora.

- Mas o cavalheiro que falou com a senhora deve ter vindo do exterior; vestia trajo de rua, sobretudo e chapéu mole.

- Pois sim, mademoiselle, mas pense bem. O comboio tinha acabado de chegar à Gare de Lyon e muitos passageiros foram passear no cais. A sua patroa ia também fazê-lo e, para tal, vestira, sem dúvida, o casaco de peles...

- É verdade, senhor - concordou Mason.

- O seu patrão teria procedido de igual modo, pois embora no interior do comboio estivesse calor, na estação estava frio. Vestiu, pois, o sobretudo, pôs o chapéu, apeou-se e começou a passear pelo cais. Ao olhar para as janelas iluminadas, viu de súbito Madame Kettering, que ignorava encontrar-se no comboio.

Naturalmente, ela solta uma exclamação de surpresa, ao vê-lo, e fecha a porta de comunicação entre os dois compartimentos, pois é possível que a conversa a travar entre ambos seja de natureza íntima.

Recostou-se na cadeira, à espera que a sua sugestão produzisse, lentamente, efeito. Ninguém sabia melhor que Hercule Poirot que a classe a que Mason pertencia não podia ser apressada. Tinha de dar-lhe tempo para se libertar das suas próprias ideias preconcebidas. Ao fim de três minutos a rapariga falou, finalmente:

- Bem, podia, de facto, ter sido; nunca pensei nessa possibilidade. O senhor é alto e moreno, mais ou menos da estatura do cavalheiro que vi. Confesso que foi o sobretudo e o chapéu que me fizeram pensar que vinha do exterior... Sim, podia ter sido o senhor.

- Muito obrigado, mademoiselle. Não precisarei mais de si. Um momento, só mais uma coisa! - Tirou da algibeira a cigarreira que mostrara já a Katherine e perguntou: - E a da sua ama?

- Não, senhor, não é a da minha ama. Pelo menos...

Pareceu subitamente perturbada, como se uma ideia tentasse impor-se aos seus pensamentos confusos.

- Então? - encorajou-a Poirot.

- Creio... não tenho a certeza, mas creio que é uma cigarreira que a senhora comprou para dar ao senhor.

- Ah! - exclamou Poirot, sem se dar por achado.

- Mas se lha deu ou não, ignoro, evidentemente.

- Com certeza, com certeza - murmurou o detective. - É tudo, mademoiselle, boas tardes.

Ada Mason retirou-se discretamente, fechando a porta sem fazer barulho, e Poirot olhou para Van Aldin, com um leve sorriso. O milionário estava estupefacto.

- Pensa... pensa que foi Derek? Mas... tudo indica que foi o outro. Se o conde foi até apanhado em flagrante com as jóias!

- Não.

- Mas o senhor disse-me...
- Que lhe disse eu, afinal?
- Aquela história das jóias... mostrou-mas.
- Não.
- Pretende dizer que não mas mostrou? - espantou-se o americano.
- Não mostrei.
- Ontem, no ténis...
- Não.
- É o senhor que está doido, Monsieur Poirot, ou serei eu?
- Nem o senhor, nem eu. Fez-me uma pergunta, respondi-lhe; perguntou-me se não lhe mostrei as jóias, ontem; respondi-lhe que não. O que lhe mostrei, Monsieur Van Aldin, foi uma imitação de primeira categoria, difícil de distinguir das verdadeiras, a não ser por um perito.

XXIV

POIROT ACONSELHA

O milionário levou alguns minutos a compreender.

Olhava para Poirot com uma expressão aparvalhada e este acenava-lhe, suavemente, com a cabeça.

- Isto modifica tudo, não acha?

- Imitação! - Van Aldin inclinou-se para a frente e perguntou: - Teve sempre essa ideia, Monsieur Poirot? Tem sido aí que quer chegar, desde o princípio? Nunca acreditou que o conde de la Roche fosse o assassino?

- Tive as minhas dúvidas, e disse-lho. Roubo com violência e assassínio... - abanou a cabeça, energeticamente, e afirmou: - Não, é difícil de conceber; não se coaduna com a personalidade do conde de la Roche.

- Mas acredita que ele tencionava roubar os rubis?

- Acredito; a esse respeito não restam dúvidas.

Recapitularei o caso, como me parece que aconteceu.

O conde soube da existência dos rubis e traçou os seus planos para se apoderar deles: inventou a história romântica do livro que estava a escrever, a fim de induzir a sua filha a trazê-los; arranjou um duplicado exacto das famosas pedras. É claro, portanto, que a sua intenção era substituir as verdadeiras pelas falsas. Sua filha não era perita em pedras preciosas e provavelmente só daqui a muito tempo descobriria o logro... e quando o descobrisse... enfim, não creio que denunciasses o conde. Ficaria a saber-se muitas coisas, pois ele teria, com certeza, várias cartas de madame em seu poder. Oh, tratava-se de um plano muito inteligente e seguro, do ponto de vista do conde, que provavelmente já o experimentou algumas vezes.

- Parece-me evidente, sim... - concordou Van Aldin, como se falasse consigo mesmo.

- Coaduna-se, de resto, com a personalidade do conde de la Roche - afirmou Poirot.

- Sim, mas agora... - Olhou interrogativamente o detective e pediu-lhe: - Diga-me, Monsieur Poirot.

- É simples - respondeu o detective, com um encolher de ombros. - Alguém se antecipou ao conde.

Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual Van Aldin pareceu examinar mentalmente todos os pormenores.

- Há quanto tempo suspeitava do meu genro, Monsieur Poirot? - perguntou por fim, sem rodeios.

- Desde o princípio. Ele tinha motivo e oportunidade. Toda a gente se convenceu de que o indivíduo que estivera no compartimento de madame, em Paris, fora o conde de la Roche. Eu próprio pensava o mesmo, até que o ouvi dizer que, uma vez, tomara o conde pelo seu genro. Isso

levou-me a crer que eram da mesma altura e estatura e meteu-me na cabeça algumas ideias curiosas. Como a criada estava havia pouco tempo ao serviço da sua filha, era natural que não conhecesse Monsieur Kettering bem de vista, pois ele não vivia na Curzon Street. Além disso, o indivíduo em questão tivera o cuidado de conservar o rosto voltado.

- Acredita que ele... a matou - murmurou o americano, em voz rouca.

Poirot ergueu apressadamente uma das mãos e protestou:

- Um momento, eu não afirmei semelhante coisa!

Mas é possível, muito possível. Monsieur Kettering encontrava-se em grandes apuros, ameaçado de ruína, e o crime podia salvá-lo.

- Mas porque se apoderaria das jóias?

- Para que se pensasse que fora um roubo vulgar, efectuado por ladrões de comboios. De contrário, as suspeitas recairiam imediatamente nele.

- Se assim foi, que fez dos rubis?

- Resta saber, mas há várias possibilidades. Está em Nice um homem que talvez possa ajudar-nos, o indivíduo que lhe aponte no ténis.

Levantou-se, Van Aldin imitou-o e pôs-lhe a mão num ombro:

- Encontre o assassino de Ruth - murmurou, em voz rouca de emoção. - É só o que peço.

- Confie em Hercule Poirot e nada tema - sentenciou Poirot, empertigando-se. - Descobrirei a verdade.

Sacudiu um grãozinho de poeira do chapéu, sorriu tranquilizadamente ao milionário e deixou-o. No entanto, enquanto descia a escada, parte da confiança que alardeara desapareceu.

“Parece tudo muito fácil”, comentou para consigo, “mas há grandes dificuldades a vencer”.

Ao sair do hotel, estacou, de súbito. Defronte da porta parara um automóvel que conduzia Katherine Grey, e Derek Kettering, de pé do lado de fora, conversava animadamente com ela. Passado cerca de um minuto o automóvel partiu e Derek continuou parado, a segui-lo com uma estranha expressão. Depois encolheu os ombros, impaciente, soltou um suspiro fundo e, ao voltar-se, encontrou Hercule Poirot ao seu lado.

Estremeceu, mau grado seu, enquanto os seus olhares se cruzavam - o de Poirot firme e imperturbável, o do inglês com uma espécie de despreocupado desafio.

Kettering ergueu as sobrancelhas e perguntou, sarcástico:

- É uma querida, não é?

- Sim, essa frase descreve muito bem Mademoiselle Katherine - concordou Poirot, pensativo. - É uma frase muito inglesa e Miss Grey é, também, muito inglesa. - Derek continuou imóvel, sem responder. - Mesmo assim, é simpática, não acha?

- Sim, não há muitas como ela - concordou Derek, docemente, quase como se pensasse em voz alta.

Poirot acenou significativamente e depois falou em tom diferente, numa voz serena e grave que Derek Kettering não lhe conhecia:

- Perdoe a um velho, monsieur, se considerar impertinente o que ele vai dizer-lhe, mas há um provérbio inglês que diz ser bom terminar o amor antigo antes de iniciar um novo.

Kettering fitou-o, furioso, e perguntou-lhe:

- Que diabo quer dizer?

- Zangou-se comigo, como aliás já esperava - redarguiu o detective, sem se perturbar. - Quanto ao que quero dizer... enfim, quero dizer apenas que, se voltar a cabeça, verá um segundo automóvel, também com uma senhora.

Derek girou nos calcanhares e o seu rosto ficou rubro de cólera.

- Mirelle, diabos a levem! - resmungou. - Preferia...

Poirot segurou-lhe num braço e perguntou-lhe:

- Acha sensato o que ia fazer?

Havia um brilho de advertência no seu olhar, mas Derek estava tão furioso que não via nada. A cólera desarmava-o por completo.

- Acabei definitivamente com ela, e ela sabe-o! - afirmou, fora de si.

- O senhor acabou com ela, de acordo; mas acabou ela consigo?

- Só obrigada é que Mirelle renunciará a dois milhões de libras, disso pode ter a certeza! – exclamou brutalmente, com uma gargalhada áspera.

- É um cínico, Monsieur Kettering – comentou Poirot, erguendo as sobrancelhas.

- Acha? - Não havia alegria no súbito sorriso que lhe entreabriu os lábios. - Vivo há tempo suficiente para saber, Monsieur Poirot, que todas as mulheres são iguais. – O rosto suavizou-se-lhe, de súbito, e acrescentou: - Todas menos uma. – Olhou Poirot de maneira provocante e, inclinando a cabeça na direcção do cabo Martin, concluiu: - Aquela.

- Ah! - exclamou Poirot, num tom que pretendia apenas provocar o temperamento impetuoso do seu interlocutor.

- Sei o que vai dizer! - afirmou Derek, nervosamente. – Vai referir-se à vida que tenho levado, ao facto de não ser digno dela. Dirá que não tenho sequer o direito de pensar em tal coisa, que não é decente falar assim com a minha mulher morta há tão poucos dias, e para mais assassinada...

Fez uma pausa para tomar fôlego e Poirot aproveitou-a para observar, lamentoso:

- Mas eu não disse nada!

- Mas dirá!

- Direi?

- Dirá que não tenho a mínima probabilidade de casar com Katherine!

- Não diria tal coisa, acredite - afirmou Poirot.

- A sua reputação é má, sem dúvida, mas nunca me constou que isso detivesse as mulheres. Se o senhor fosse um homem de excelente carácter, de absoluta moralidade, que não tivesse feito nada que não devesse fazer e, possivelmente, tudo quanto devesse fazer, nesse caso, sim, teria graves dúvidas quanto ao seu êxito.

Uma moral irrepreensível não é romântica, como sabe, embora às vezes seja apreciada... pelas viúvas.

Derek Kettering fitou-o, perplexo, girou nos calcanhares e seguiu na direcção do automóvel parado.

Poirot ficou a olhá-lo com certo interesse, viu a encantadora mulher debruçar-se do carro e falar, mas o inglês não parou. Levantou o chapéu e seguiu o seu caminho.

“a y est”, murmurou Hercule Poirot, para consigo. “São horas de voltar para casa.”

Encontrou o imperturbável George a passar calças a ferro.

- Um dia agradável, George, um pouco fatigante, mas não sem interesse.

George ouviu o comentário com a habitual cara de pau.

- Ainda bem, senhor.

- A personalidade de um criminoso é interessante, George. Há muitos criminosos que possuem grande encanto pessoal.

- Sempre ouvi dizer que o doutor Crippen era um cavalheiro de falas agradáveis, e no entanto cortou a mulher aos bocadinhos.

- Os teus exemplos são sempre edificantes, George.

O telefone tocou, nesse momento, e Poirot atendeu:

- Sim, sim, é Hercule Poirot que fala.

- Aqui, Knighton. Um momento, Monsieur Poirot, pois Mister Van Aldin deseja falar-lhe.

Pouco depois, a voz do milionário soava ao ouvido do detective:

- Monsieur Poirot? Queria apenas dizer-lhe que Mason me procurou, por sua própria iniciativa. Diz que esteve a pensar e que tem quase a certeza de que o homem que viu em Paris era Derek Kettering. Na ocasião notou nele um não sei quê familiar, que não conseguia, no entanto, identificar. Mas agora tem a certeza.

- Muito obrigado, Monsieur Van Aldin. Isso ajuda-nos.
Desligou e ficou um momento parado, com um curioso sorriso. George teve de falar-lhe duas vezes antes de obter resposta.
- O quê? Que disseste?
- Perguntei se almoçava em casa ou fora.
- Nem uma coisa, nem outra. Irei para a cama e tomarei uma tisana. O esperado aconteceu, e quando o esperado acontece emociona-me sempre.

XXV

DESAFIO

Quando Derek Kettering passou pelo automóvel, Mirelle debruçou-se e disse-lhe:
- Dereek, preciso de falar contigo um momento...
Mas Derek limitou-se a tirar-lhe o chapéu e a seguir o seu caminho, sem parar.
Ao chegar ao hotel, o porteiro saiu do cubículo de madeira e informou:
- Está um cavalheiro à sua espera, monsieur.
- Quem é?
- Não indicou o nome, monsieur, mas disse ter um assunto importante a tratar com o senhor e que esperaria.
- Onde está?
- Na saleta, monsieur. Preferiu-a à antecâmara, pois disse que era mais íntima.
Derek agradeceu e dirigiu-se para a saleta, onde apenas se encontrava o visitante. Este levantou-se, ao vê-lo entrar, e saudou-o com cortês inclinação de cabeça.
Derek vira o conde de la Roche apenas uma vez, mas não teve dificuldade em reconhecer o aristocrático personagem, o que lhe provocou um irritado franzir de sobrancelhas. Era o cúmulo da impertinência!
- O conde de la Roche, suponho? Creio que perdeu o seu tempo vindo aqui.
- Espero que não - discordou o conde, mostrando os dentes brancos num sorriso.
Regra geral, o encanto do senhor de la Roche não surtia efeito quando aplicado a representantes do seu próprio sexo, pois todos os homens, sem exceção, nutriam por ele profunda antipatia. Derek Kettering sentia um grande desejo de correr com ele a pontapé e só o deteve a consciência de que um escândalo, nas presentes circunstâncias, seria prejudicial. Mais uma vez o surpreendeu que Ruth pudesse ter gostado daquele indivíduo, como sem dúvida gostara. Era um salafrário da pior espécie.
- Estou aqui para discutir um pequeno assunto de interesse e creio que seria aconselhável ouvir-me.
Derek olhou-lhe para as mãos delicadamente tratadas e sentiu-se novamente tentado a correr com ele a pontapé, mas mais uma vez se conteve. Notara a insinuação ameaçadora das palavras do outro, mas interpretou-a à sua maneira, pois julgava haver vários motivos para ser aconselhável ouvir o que o conde tinha a dizer.
Sentou-se a tamborilar impacientemente na mesa e perguntou, irritado:
- De que se trata?
Não era, no entanto, hábito do conde explicar-se com clareza, sem rodeios.
- Permita-me, monsieur, que lhe apresente as minhas condolências pela sua recente perda.
- Advirto-o de que, se armar em impertinente, sai por essa janela - ameaçou Derek, serenamente, indicando com a cabeça a janela existente ao lado do conde, que se mexeu na cadeira, inquieto.
- Enviar-lhe-ei os meus amigos, monsieur, se é isso que deseja - redarguiu, no entanto, altivamente.

- Um duelo, hem?! - exclamou Derek, a rir. - Meu caro conde, para isso era preciso que eu o tomasse a sério.

Contudo, com prazer o correria a pontapé pelo Promenade des Anglais abaixo!

O conde achou melhor não se ofender. Limitou-se a erguer as sobrancelhas e a murmurar:

- Os ingleses são bárbaros.

- Mas, afinal, que quer dizer-me?

- Serei franco e breve - começou o senhor de la Roche. - Convém-nos a ambos, não é verdade?

Sorriu novamente, com o seu sorriso blandicioso, mas Derek redarguiu, em tom seco:

- Continue.

O conde olhou para o tecto, juntou as pontas dos dedos e murmurou, docemente:

- Herdou uma quantidade de dinheiro, monsieur...

- Que diabo tem você com isso?

O conde endireitou-se, indignado, e exclamou:

- Mancharam o meu nome, monsieur! Sou suspeito... acusado... de um crime sujo...

- A acusação não partiu de mim - volveu Derek, friamente. - Como parte interessada, não exprimi qualquer opinião.

- Estou inocente! - afirmou de la Roche. - Juro perante o céu - levantou a mão para o céu - que estou inocente!

- Creio que o juiz de instrução encarregado de resolver o caso é Monsieur Carrège - insinuou Derek, mas o conde fez ouvidos de mercador.

- Não só sou injustamente suspeito de um crime que não cometi como tenho também grande necessidade de dinheiro.

Tossiu suave e sugestivamente e Derek levantou-se.

- Já esperava por isso, seu chantagista reles! - vociferou.

- Mas daqui não leva um centavo! Minha mulher está morta, nenhum escândalo que porventura provoque a atingirá. Calculo que lhe tenha escrito cartas idiotas, mas se eu lhas comprasse agora por uma conta redonda, tenho a certeza de que guardaria uma ou duas, para mais tarde. A minha resposta, Monsieur de la Roche, é que chantagem é uma palavra muito feia, tanto em Inglaterra como aqui. Boas tardes.

- Um momento - pediu o conde, estendendo a mão, quando Derek fez menção de lhe voltar as costas. - Engana-se, monsieur, engana-se redondamente; sou, espero, um gentleman! - Derek não conteve uma gargalhada. - As cartas que recebo de senhoras são para mim sagradas. - Atirou a cabeça para trás, num belo gesto de nobreza, e continuou: - A proposta que tencionava fazer-lhe era de natureza inteiramente diferente.

Estou, como já disse, muito precisado de dinheiro e a minha consciência pode impelir-me a fornecer à Polícia certas informações...

- Que quer dizer? - perguntou Derek, voltando-se devagar.

- Certamente não é preciso entrar em pormenores? - perguntou de la Roche, exibindo de novo o seu sorriso cativante. - “Procurem quem beneficia com o crime”, não é o que costumam dizer? Ora, como eu disse, o senhor herdou uma quantidade de dinheiro...

Derek soltou uma gargalhada e comentou, desdenhoso:

- Se é só isso...

- Não é só isto, meu caro senhor! Não viria procurá-lo se não possuísse informações muito mais precisas e pormenorizadas. Não é agradável, monsieur, ser preso e julgado por homicídio.

Derek aproximou-se com tal expressão de cólera que, involuntariamente, o conde recuou um ou dois passos.

- Está a ameaçar-me? - perguntou o jovem inglês, furioso.

- Não direi mais nada - garantiu o conde.

- Não me lembro de intrujice maior!

- Engana-se, não se trata de intrujice. Para o convencer da minha boa-fé, acrescento que obtive as informações por intermédio de certa dama. É ela que possui a prova irrefutável de que o senhor cometeu o assassinio.

- Ela? Quem?

- Mademoiselle Mirelle.

Derek recuou, como se lhe tivessem batido, e murmurou:

- Mirelle...

O conde apressou-se a aproveitar o que julgou ser uma vantagem:

- Uma bagatela de cem mil francos... Não peço mais.

- O quê? - perguntou Derek, distraído.

- Dizia, monsieur, que uma bagatela de cem mil francos satisfaria a minha... consciência.

Derek pareceu recompor-se, fitou o conde e inquiriu:

- Quer a minha resposta agora?

- Se fizesse o favor...

- Então aqui a tem: vá para o inferno! Entendeu?

Girou nos calcanhares e saiu da saleta, deixando o conde mudo de espanto.

Uma vez na rua, meteu-se num táxi e mandou seguir para o hotel de Mirelle. Entregou o cartão à porteira, que o informou de que a bailarina acabava de chegar.

- Leve isto a mademoiselle e pergunte-lhe se pode receber-me.

Pouco depois, convidaram-no a acompanhar um mandarete.

Uma onda de perfume exótico entrou-lhe pelas narinas ao chegar aos aposentos da bailarina, que estavam cheios de cravos, orquídeas e mimosas. Mirelle encontrava-se junto da janela, envolta num peignoir de renda.

- Voltaste, Dereek! - exclamou, indo ao seu encontro de mãos estendidas. - Eu sabia que voltarias!

Derek afastou-lhe as mãos e olhou-a com severidade.

- Porque mandaste o conde de la Roche procurar-me?

Fitou-o com um espanto que o jovem inglês julgou sincero.

- Eu? Mandei-te o conde de la Roche? Mas para quê?

- Aparentemente, para fazer chantagem - redarguiu, irritado.

Mirelle continuou com o mesmo ar de espanto, mas de súbito sorriu e abanou a cabeça.

- Claro, era de esperar! Ce type là não podia fazer outra coisa; devia ter adivinhado. Não, Dereek, não o mandei.

Olhou-a de maneira penetrante, como pretendesse ler-lhe os pensamentos, e Mirelle continuou:

- Explicar-te-ei tudo. Estou envergonhada, mas explicar-te-ei. Outro dia, compreendes, estava cega de raiva, completamente cega! O meu temperamento não é nada paciente... Queria vingar-me de ti e, por isso, procurei o conde de la Roche e disse-lhe que fosse à Polícia e dissesse isto e aquilo... Mas nada receies, Dereek; perdi a cabeça, mas não por completo, e a prova continua comigo. A Polícia nada poderá fazer sem a minha palavra, compreendes?

Encostou-se a ele, fitando-o com olhos ternos, mas Derek afastou-a brutalmente. Ficou imóvel, com o seio a arfar e os olhos semicerrados, semelhantes aos de uma gata.

- Tem cuidado, Dereek, tem muito cuidado! Voltaste para mim, não voltaste?

- Jamais voltarei para ti! - afirmou, com firmeza.

- Há, então, outra mulher? - perguntou, parecendo-se mais do que nunca com uma gata. - Aquela com quem almoçaste, outro dia... É verdade ou não é?

- Tenciono pedir a essa senhora que case comigo.

Por isso, tanto me faz que saibas como não.

- Aquela inglesa empertigada! Imaginas que eu o tolerarei por um momento que seja? Ah, não! - exclamou, com o belo corpo a vibrar. - Lembras-te da conversa que tivemos em Londres, Dereek? Disseste que a única coisa que te salvaria seria a morte da tua mulher e lamentaste que ela fosse tão saudável. Depois ocorreu-te a ideia de um acidente... de mais, até, que um acidente.

- Suponho que foi essa conversa que repetiste ao conde de la Roche? - perguntou Derek, desdenhoso.

- Achas-me idiota? - perguntou Mirelle, a rir.

- A Polícia faria alguma coisa baseada numa história vaga como essa? Dar-te-ei outra oportunidade: desistirás da inglesa, voltarás para mim e então, chéri, jamais, jamais direi...

- Dirás o quê?

- Julgaste que ninguém te viu... - insinuou, a rir docemente.

- Que queres dizer?

- Julgaste que ninguém te viu, mas eu vi-te, Dereek, mon ami. Vi-te sair do compartimento de madame tua esposa, naquela noite, antes de o comboio chegar a Lyon. Mas sei mais do que isso: sei que, quando saíste do seu compartimento, ela estava morta.

Derek fitou-a e, como um homem a sonhar, voltou-se devagar e saiu do aposento, cambaleante.

XXVI

UM AVISO

- E assim somos bons amigos e não temos segredos um para o outro - disse Poirot.

Katherine voltou-se para o olhar, pois notara-lhe na voz um tom de seriedade que nunca lhe ouvira.

Estavam sentados nos jardins de Monte Carlo, onde Katherine fora com os amigos. Logo à chegada tinham encontrado Knighton e Poirot. Lady Tamplin apoderara-se do primeiro e avassalara-o com interminável desfiar de reminiscências a maioria das quais, suspeitava Katherine, eram inventadas. Por fim dera-lhe o braço e afastara-se com ele e o pobre major olhara uma ou duas vezes para trás, por cima do ombro, com tal expressão que Poirot sorria.

- Claro que somos amigos - confirmou Katherine.

- Simpatizámos um com o outro desde o princípio - recordou o detective.

- Quando me disse que na vida real também ocorrem romances policiais...

- E não me enganei, pois não? - perguntou, apontando enfaticamente o indicador. - Cá estamos, plantados no meio de um! Para mim é natural, é o meu métier, mas para si é diferente. Sim - repetiu pensativo -, para si é diferente.

Katherine olhou-o vivamente; era como se estivesse a avisá-la, a sublinhar alguma ameaça em que não reparara.

- Porque diz que estou no meio de um? É verdade que tive aquela conversa com Mistress Kettering, pouco antes de a matarem, mas agora... agora acabou -se. Já não tenho nada a ver com o caso.

- Ah, mademoiselle, mademoiselle, poderemos dizer, alguma vez, “acabei com isto ou com aquilo”?

- De que se trata? - perguntou-lhe Katherine, francamente. - Compreendo que está a tentar dizer - me qualquer coisa, ou melhor, a insinuar, mas não sou forte em charadas nem em perceber insinuações.

Preferia que dissesse claramente o que tem a dizer, seja o que for.

Poirot fitou-a tristemente e comentou:

- Ah, mais c'est anglais, ça! Sempre o preto no branco, sempre tudo bem claro e definido. A vida não é assim, mademoiselle, certas coisas não são ainda, embora projectem já a sua sombra... - Enxugou a testa com um grande lenço de seda e murmurou:

- Céus, estou a tornar-me poético. Sejamos concretos, como diz. Para começar, que pensa do major Knighton?

- Simpatizo bastante com ele - confessou Katherine. - É encantador.

Poirot suspirou e Miss Grey inquiriu:

- Que se passa?

- Respondeu com tanto entusiasmo! Se tivesse dito, em tom indiferente, “Oh, é simpático...”, confesso que ficaria mais satisfeito.

Katherine sentiu-se um pouco constrangida e não fez comentários.

- No entanto, quem sabe? - prosseguiu o detective, sonhador.

- Les femmes têm tantas maneiras de ocultar os seus verdadeiros sentimentos que o entusiasmo pode ser apenas aparente. - Novo suspiro.

- Não percebo... - começou Katherine, mas Poirot interrompeu-a:

- Não percebe porque estou a ser tão impertinente, mademoiselle? Sou velho e, de vez em quando, mas pouco frequentemente, encontro alguém cujo bem-estar me é querido. Somos amigos, mademoiselle, disse-o pelas suas próprias palavras. Por isso gostaria que fosse feliz.

Confusa, Katherine começou a fazer desenhos no saibro, com a ponta da sombrinha de cretone.

- Fiz-lhe uma pergunta acerca do major Knighton; permita agora que lhe faça outra: Gosta de Mister Derek Kettering?

- Mal o conheço...

- Isso não é resposta.

- Parece-me que é.

Poirot fitou-a, surpreendido com o tom da sua voz, e depois meneou lenta e gravemente a cabeça.

- Talvez tenha razão, mademoiselle. Aqui onde me vê, conheço muito do mundo e sei que há duas grandes verdades: um bom homem pode perder-se pelo amor a uma má mulher, mas o contrário também é susceptível de acontecer: um mau homem pode igualmente perder-se pelo seu amor a uma boa mulher.

Katherine levantou bruscamente a cabeça.

- Quando diz perder-se...

- Refiro-me a perder-se do ponto de vista dele.

Pode ser-se sincero no crime como em qualquer outra coisa.

- Compreendo que está a tentar advertir-me disse Katherine, numa voz baixa. - Mas contra quem?

- Não posso ler no seu coração, mademoiselle, e mesmo que pudesse, creio que não mo permitiria.

Direi apenas que há homens que inspiram uma grande fascinação às mulheres.

- O conde de la Roche - comentou Katherine, a sorrir.

- Há outros mais perigosos que o conde de la Roche, outros possuidores de qualidades fascinantes: atrevimento, ousadia, temeridade... Vejo que está fascinada, mademoiselle, mas creio que é apenas isso. Espero que seja. Os sentimentos deste homem de quem falo são sinceros, mas mesmo assim...

- Mesmo assim?

Levantou-se, fitou-a e declarou, em voz baixa e clara:

- Talvez pudesse amar um ladrão, mademoiselle, mas não um assassino.

Afastou-se bruscamente, deixando-a só, e nem se quer se voltou ao ouvir a exclamação abafada de Katherine. Dissera o que quisera dizer, agora devia deixá-la digerir a última e inequívoca frase.

Derek Kettering, que saía do Casino, viu-a só e juntou-se-lhe.

- Estive a jogar e não tive sorte - anunciou, com uma gargalhada de despreocupação. - Perdi tudo...

Isto é, perdi tudo quanto trazia.

Katherine olhou-o, perturbada, consciente de que havia na sua atitude algo novo, uma excitação oculta que se traía em inúmeras e diferentes manifestações imperceptíveis.

- Já devia ter compreendido que é um jogador.

Atrai-o o espírito do jogo.

- Talvez tenha razão, mademoiselle. Não encontra um não sei quê de estimulante no jogo? Não há nada como arriscar tudo numa parada!

Apesar de se considerar uma pessoa calma e estólida, Katherine experimentou uma vaga excitação.

- Preciso de lhe falar... e quem sabe quando terei outra oportunidade de o fazer? - prosseguiu Derek.

- Começa a tomar vulto a ideia de que assassinei a minha mulher... Não, por favor não me interrompa.

É absurdo, claro. - Fez uma pausa, antes de prosseguir com mais firmeza. - Ao tratar com a Polícia e com as autoridades locais tive de fingir uma certa decência que prefiro não adoptar consigo. Sempre pretendi fazer um casamento por dinheiro e procurava consegui-lo quando conheci Ruth Van Aldin. Tinha um ar de frágil madonna e... bem, quando casei fi-lo cheio de boas intenções, de promessas de regeneração dirigidas a mim próprio. Mas esperava-me amarga decepção: minha mulher amava outro homem, nunca quis saber de mim para nada. Oh, não me queixo!

A transacção foi absolutamente respeitável: ela, queria Leconbury; eu, queria dinheiro. O que estragou tudo foi o sangue americano de Ruth, pois embora não me ligasse a mínima importância, queria que lhe prestasse constante vassalagem. Pouco faltou para me dizer claramente, vezes sem conta, que me comprara e que, portanto, lhe pertencia. O resultado foi portar-me abominavelmente para com ela. Se meu sogro lho disse, não mentiu. Na altura da morte de Ruth encontrava-me eu à beira da derrocada total, da ruína absoluta; para se estar à beira da ruína absoluta basta enfrentar um homem como Rufus Van Aldin.

- E depois? - perguntou Katherine, em voz baixa.

- Depois assassinaram Ruth... muito providencialmente - respondeu, com um encolher de ombros. Riu-se, e o som do seu riso arrepiou Miss Grey.

- Desculpe, foi um comentário de muito mau gosto, embora verdadeiro. Quero dizer-lhe ainda que, mal a vi, compreendi que era a única mulher do mundo para mim.

Tive... medo de si. Pensei que me traria azar.

- Azar? - repetiu, surpreendida.

- Porque repetiu a palavra dessa maneira? - perguntou, de olhos fixos nela. - Que está a pensar?

- Pensava em muitas coisas que me disseram.

- Dir-lhe-ão muitas coisas a meu respeito, minha querida, e a maioria serão verdades - afirmou, sorridente. - Coisas ainda mais terríveis do que as que lhe disseram já, coisas que nunca lhe direi. Toda a minha vida fui um jogador e gostei de correr riscos... Não me confessarei a si, nem agora nem nunca; o passado morreu. Só quero que saiba uma coisa: juro-lhe solenemente que não matei a minha mulher.

Pronunciou o juramento com sinceridade, embora com certo ar teatral, e prosseguiu, de olhos fitos no olhar perturbado de Katherine:

- Eu sei, outro dia menti-lhe... Estive no compartimento de minha mulher, foi nele que me viu entrar.

- Ah!

- É difícil explicar porque lá fui, mas tentarei.

Obedeci a um impulso. Esforçava-me por que ela não me visse, pois Mirelle dissera-me que Ruth ia encontrar-se com o conde de la Roche em Paris e eu espiava-a. Convencera-me de que era mentira, pelo que me fora dado ver, e sentia-me envergonhado do meu procedimento.

Por isso pareceu-me, de súbito, que seria bom pôr os pontos nos iis, de uma vez por todas, e empurrei a porta e entrei.

- E depois? - insistiu docemente Katherine, quando Derek se calou.

- Ruth estava deitada, a dormir... Tinha o rosto voltado para a parede e só lhe vi a parte de trás da cabeça.

Podia tê-la acordado, bem sei, mas perguntei a mim mesmo que haveria para dizer que não tivéssemos já dito um ao outro, centenas de vezes... Ela parecia tão repousada, tão inofensiva... Saí o mais silenciosamente que pude.

- Porque mentiu à Polícia?

- Porque não sou um idiota chapado. Compreendi desde o princípio que, no capítulo de móbil, sou o assassino ideal. Se confessasse que estivera no compartimento antes de a assassinar, estaria irremediavelmente perdido.

- Compreendo...

Mas compreendia, de facto? Não sabia. Sentia a atracção magnética da personalidade de Derek, mas havia qualquer coisa em si que resistia, que a continha...

- Katherine...

- Eu...

- Sabe que gosto de si. Gosta de mim também?

- N-não sei.

Franqueza. Ou gostava, ou não gostava. Se ao menos...

Olhou à sua volta, desesperadamente, como se procurasse alguma coisa que a ajudasse. Um leve rubor tingiu-lhe as faces ao ver um homem alto e louro, levemente coxo, dirigir-se apressadamente para eles: o major Knighton.

Foi com alívio e com inesperada ternura que o cumprimentou. Derek levantou-se, carrancudo como um céu de trovoada.

- Lady Tamplin ficou só? - perguntou, desdenhoso. - Vou ter com ela e dar-lhe o benefício da minha presença.

Girou nos calcanhares e deixou-os sós.

Katherine sentia o coração a bater descompassada e violentamente, mas a pouco e pouco, enquanto conversava de banalidades com aquele homem calmo e quase tímido, sentiu que recuperava o autodomínio.

Até que percebeu, perturbada, que Knighton lhe revelava também o seu coração, como Derek, embora de maneira muito diferente. Era acanhado, gaguejava e proferia as palavras espasmodicamente, sem qualquer eloquência a apoiá-las.

- Desde que a vi... eu... eu... não devia falar tão cedo... mas Mister Van Aldin pode partir de um momento para o outro e não terei talvez outra oportunidade... Sei que não pode gostar de mim tão depressa... seria impossível e, de qualquer modo, é presunção da minha parte... Tenho alguns meios, mas não muitos...

Não, por favor não responda agora; sei qual seria a sua resposta. Só quero que, se tiver de partir inesperadamente, saiba que... que gosto de si.

Katherine sentia-se comovida e perturbada.

Knighton falava de uma maneira enternecedora.

- Queria ainda dizer que... enfim, se alguma vez precisar de alguma coisa... tudo quanto eu puder...

Pegou-lhe na mão, apertou-lha com força, largou-a e afastou-se rapidamente, na direcção do Casino, sem olhar para trás.

Katherine ficou imóvel, a vê-lo afastar-se. Dois homens - Derek Kettering, Richard Knighton... Dois homens tão diferentes! Havia em Knighton bondade e um não sei quê que inspirava confiança. Quanto a Derek...

De súbito, Katherine experimentou uma sensação curiosa. Dir-se-ia que não estava só naquele banco do jardim do Casino, que ao seu lado se encontrava alguém... e que esse alguém era a morta, Ruth Kettering.

Era como se Ruth quisesse desesperadamente dizer-lhe qualquer coisa, transmitir-lhe algo... A impressão era tão estranha e forte que não podia ignorá-la. Tinha a certeza de que o espírito de Ruth Kettering tentava transmitir-lhe uma mensagem de importância vital...

Por fim a impressão desvaneceu-se e Katherine levantou-se, a tremer.

Que desejava Ruth Kettering dizer-lhe tão desesperadamente?

ENTREVISTA COM MIRELLE

Ao deixar Katherine, Knighton foi procurar Hercule Poirot, que encontrou na sala de jogo, a apostar o mínimo permitido em números pares. Quando o major chegou, saiu o número trinta e três e a parada do detective foi recolhida.

- Pouca sorte! - exclamou Knighton. - Volta a apostar?

- Por agora, não.

- Sente a atracção do jogo? - indagou o major, curioso.

- Da roleta, não.

Knighton lançou-lhe um olhar rápido, perturbou-se e perguntou, constrangido, com certa deferência:

- Pode dispensar-me uns minutos, Mister Poirot.

Gostava de falar-lhe acerca de um assunto...

- Às suas ordens. Saímos? Está agradável, ao sol.

Saíram juntos e Knighton respirou fundo.

- Gosto da Riviera - confessou. - Estive cá pela primeira vez há doze anos, durante a guerra, quando me mandaram para o hospital de Lady Tamplin. Vir da Flandres para aqui foi como entrar no Paraíso!

- Deve ter sido, de facto.

- Como a guerra parece longe, agora!

Caminharam em silêncio, durante algum tempo, e por fim Poirot observou-lhe:

- Tem qualquer coisa que o preocupa...

- Tenho, na verdade. Como adivinhou?

- Percebe-se perfeitamente.

- Não sabia que era tão transparente.

- Faz parte da minha profissão observar fisionomias - explicou o detective, com dignidade.

- Eu conto-lhe, Mister Poirot. Ouviu falar na bailarina Mirelle?

- A chère amie de Mister Derek Kettering?

- Sim, essa. Como está ao corrente dessas relações mais facilmente compreenderá a natural animosidade de Mister Van Aldin para com ela. Mirelle escreveu ao meu patrão a pedir-lhe uma entrevista e ele ordenou-me que redigisse uma recusa seca, o que fiz.

Esta manhã, essa senhora apareceu no hotel e mandou entregar um cartão, afirmando ser urgente e importantíssimo falar imediatamente com Mister Van Aldin.

- Está a interessar-me.

- Mister Van Aldin ficou furioso e ordenou-me que lhe transmitisse nova recusa, mas atrevi-me a desobedecer.

Parecia-me lógico e provável que a bailarina possuísse informações valiosas, pois sabemos que viajou no Comboio Azul e podia muito bem ter visto ou ouvido alguma coisa de importância vital para nós.

Não concorda comigo, Mister Poirot?

- Concordo - declarou o detective, secamente.

- Mister Van Aldin procedeu, se me é permitido dizê-lo, de maneira muito idiota.

- Ainda bem que é essa a sua opinião! Como ia dizendo, achei tão insensata a atitude de Mister Van Aldin que desci e tive eu uma entrevista com a senhora.

- Eh bien?

- A dificuldade consistiu em que Mademoiselle Mirelle teimou em falar com Mister Van Aldin, pessoalmente.

Adoeci o melhor que me foi possível a mensagem que o meu patrão me mandara transmitir; para ser franco, dei-lhe um significado inteiramente diferente... Afirmei-lhe que Mister Van Aldin tinha, naquele momento, muito que fazer, mas que podia comunicar-me o que pretendia. Não consegui convencê-la, porém, e partiu sem dizer nada. Estou crente, no entanto, de que ela sabe qualquer coisa.

- O assunto é sério - observou Poirot, muito calmo. – Sabe onde ela está instalada?

- Sei, sim - respondeu Knighton, que mencionou o nome do hotel.

- Ótimo. Iremos lá imediatamente.

O secretário pareceu hesitante e perguntou, a medo:

- E Mister Van Aldin?

- Mister Van Aldin é um teimoso e eu não discuto com teimosos - respondeu o detective, secamente. - Actuo, apesar da sua teimosia. Vamos falar já com essa senhora. Dir-lhe-ei que Mister Van Aldin me encarregou de o representar, e livre-se de me contradizer!

Knighton continuava a hesitar, mas Poirot não ligou importância à sua hesitação.

No hotel informaram-nos de que mademoiselle se encontrava nos seus aposentos, e Poirot mandou entregar-lhe o seu cartão e o do major, depois de escrever nas costas de ambos: “Da parte de Mister Van Aldin.”

Mirelle mandou dizer que os recebia e, quando entraram na sala onde ela se encontrava, Poirot tomou imediatamente as rédeas da conversa:

- Mademoiselle - anunciou, com uma vénia profunda -, vimos em nome de Mister Van Aldin.

- E porque não veio ele próprio?

- Está indisposto, uma aborrecida laringite... Mas encarregou-nos de o representarmos, a mim e ao major Knighton, seu secretário. A não ser, evidentemente, que mademoiselle prefira aguardar uma quinzena...

Se havia alguma coisa de que Poirot tinha a certeza, era de que, para um temperamento como o de Mirelle, a simples palavra “esperar” constituía uma maldição.

- Eh bien, messieurs, falarei! - decidiu-se. - Tenho sido paciente, tenho-me contido, e para quê?

Para ser insultada! Sim, insultada! Quem se julga ele para tratar Mirelle assim? Abandoná-la como a uma luva velha! Garanto-lhes que nunca um homem se cansou de mim; sou eu sempre que me canso deles!

Andava de um lado para o outro, com o corpo esguio a tremer de raiva. Como uma mesinha lhe impedisse a passagem, atirou-a violentamente contra a parede, estilhaçando-a.

- Eis o que lhe farei a ele! - gritou. - E mais isto! - Pegou numa jarra de vidro cheia de lírios e atirou-a para a lareira, onde se fez em mil bocados.

Knighton fitava-a com um ar de fria desaprovação britânica. Sentia-se embaraçado e constrangido, mas Poirot, pelo contrário, divertia-se com a cena, saboreava-a, deliciado.

- Magnífico! - exclamou. - Vê-se que mademoiselle tem... temperamento!

- Sou uma artista, e todos os artistas têm temperamento! - gritou a bailarina. - Avisei Dereek, disse-lhe que visse o que fazia, mas não me deu ouvidos! - Virou-se, furiosa, para Poirot e perguntou: - É verdade que pretende casar com aquela miss inglesa, não é?

Poirot tossiu, discreto.

- On m'a dit - murmurou, melífluo - que a adora apaixonadamente.

- Foi ele que assassinou a mulher! - gritou Mirelle. - Pronto, aí têm! Tinha-me dito que tencionava fazê-lo, encontrava-se num beco sem saída e... zut!, escolheu a saída mais fácil!

- Diz que Mister Kettering assassinou a esposa?

- Sim, sim, sim! Não me expliquei bem?

- A Polícia querará provas dessa... hum... dessa declaração - lembrou Poirot.

- Vi-o sair do compartimento da mulher, naquela noite, no comboio!

- Quando? - perguntou o detective, vivamente.

- Antes de o comboio chegar a Lyon.

- Afirmá-lo-á sob juramento, mademoiselle? -- Era um Poirot diferente que falava agora, vibrante e decidido.

- Afirmarei.

Seguiu-se um momento de silêncio. Mirelle arfava e os seus olhos, entre provocadores e assustados, iam de um homem para o outro.

- O assunto é grave, mademoiselle - observou, por fim, Poirot. - Avalia a gravidade da acusação?

- Evidentemente que avalio.

- Muito bem. Nesse caso, compreenderá igualmente que não devemos perder tempo e que deve acompanhar-nos sem demora ao gabinete do juiz de instrução.

Mirelle ficou petrificada. Hesitou, mas, como Poirot previra, não tinha saída possível.

- Está bem - decidiu-se. - Vou buscar um casaco.

Sozinhos, Poirot e Knighton entreolharam-se.

- É preciso malhar o ferro enquanto está quente, como costuma dizer-se - murmurou o detective. -- É uma mulher temperamental e, daqui a uma hora, seria capaz de arrepender-se e de querer voltar com a palavra atrás. Temos de impedir a todo o custo que o faça.

Mirelle reapareceu envolta numa capa de veludo cor de areia, debruada a pele de leopardo - ela própria parecia um leopardo, fulvo e perigoso, com os olhos ainda coruscantes de cólera e determinação.

Encontraram M. Caux e M. Carrège juntos e, após breves palavras preliminares de Poirot, Mademoiselle Mirelle foi cortesmente convidada a contar a sua história. Empregou mais ou menos as mesmas palavras que usara antes, ao contá-la a Poirot e ao major, embora adoptasse uma atitude mais sóbria.

- O que acaba de contar-nos é extraordinário, mademoiselle! - exclamou M. Carrège, devagar, e recostou-se na cadeira, ajustou o pince-nez e observou atenta e perscrutadoramente a bailarina. - Pretende que acreditemos que Monsieur Kettering se vangloriou antecipadamente do crime, na sua presença?

- É a verdade! Disse que ela era demasiado saudável e que não morreria tão cedo, a não ser por acidente. Acrescentou que se encarregaria disso.

- Já pensou, mademoiselle, que está a colocar-se na posição de cúmplice e encobridora? - perguntou o magistrado, severamente.

- Eu?! De modo nenhum, monsieur! Nem por um momento acreditei que ele falasse a sério! Nem por um momento! Conheço os homens, monsieur; dizem tantas tolices que seria uma sensaboria se tivéssemos de considerar tudo au pied de la lettre!

O juiz de instrução ergueu as sobrancelhas, estupefacto:

- Devemos pensar, então, que considerou as ameaças de Monsieur Kettering simples palavras ociosas?

E poderei perguntar-lhe, mademoiselle, que motivos a levaram a rescindir os seus compromissos em Londres e a vir para a Riviera?

- Queria estar com o homem que amava - respondeu Mirelle, fitando-o com olhos lânguidos. - Será assim tão estranho?

Poirot perguntou-lhe, por sua vez, delicadamente:

- Foi, então, por desejo de Monsieur Kettering que o acompanhou a Nice?

Mirelle pareceu ter certa dificuldade em responder, pois hesitou perceptivelmente antes de o fazer.

- Nesses assuntos faço o que me apetece, monsieur - respondeu por fim, com arrogante indiferença.

Todos compreenderam que a resposta não era resposta, mas não se manifestaram.

- Quando se convenceu, pela primeira vez, de que Monsieur Kettering assassinara a esposa?

- Como já disse, vi Monsieur Kettering sair do compartimento da mulher precisamente antes de o

comboio chegar a Lyon. Tinha uma expressão... ah, naquele momento não podia compreender!, uma expressão terrível, apossada... Jamais esquecerei! - A voz esganiçou-se-lhe e abriu os braços, num gesto extravagante.

- É natural - murmurou M. Carrège.

- Depois, quando soube que Madame Kettering estava morta à partida do comboio da estação de Lyon... então compreendi!

- Mas nem mesmo assim informou a Polícia, mademoiselle - observou o comissário, suavemente. Mirelle olhou-o, com ar altivo. Era evidente que lhe agradava o papel que representava.

- Devia traiçoar o meu amado? - perguntou. - Ah, não peçam a nenhuma mulher que o faça!

- No entanto, agora... - insinuou M. Caux.

- Agora é diferente; ele traiu-me! Deverei sofrer em silêncio a sua traição?

- Claro, claro - murmurou o juiz de instrução, para lhe travar a língua. - Agora, mademoiselle, agradecia que lesse o seu depoimento e o assinasse, se o achar conforme.

Mirelle não perdeu tempo com leituras:

- Está conforme, evidentemente - afirmou, levantando-se. - Não precisam mais de mim, messieurs?

- Agora, não, mademoiselle.

- E Dereek será preso?

- Imediatamente, mademoiselle.

A bailarina riu, cruel, e aconchegou a capa ao corpo.

- Devia ter pensado nas consequências antes de me insultar!

- Um momento - pediu Poirot, com uma tossezinha discreta. - Só mais um pormenor...

- O quê?

- Porque pensa que Madame Kettering estava morta quando o comboio partiu de Lyon?

Mirelle fitou-o, surpreendida.

- Mas estava morta!

- Estava?

- Claro que estava! Eu... - Calou-se bruscamente e Poirot, que não perdia um único gesto seu, notou a expressão cautelosa dos seus olhos. - Disseram-me que estava morta. Toda a gente o diz.

- Ah! - exclamou Poirot. - Ignorava que o facto tivesse sido mencionado fora do gabinete do juiz de instrução.

- São notícias que se espalham... - murmurou Mirelle, vagamente perturbada. - Alguém me disse, mas não me lembro quem.

Dirigiu-se para a porta e M. Caux apressou-se a levantar-se, para lha abrir. Poirot deteve-a ainda uma vez:

- E as jóias? Perdão, mademoiselle, mas não poderá dizer-nos nada acerca das jóias?

- As jóias? Que jóias?

- Os rubis de Catarina, a Grande. Já que está tão bem informada, também deve saber alguma coisa a esse respeito.

- Não sei nada acerca de jóias! - ripostou Mirelle, irritada, e saiu pela porta fora.

M. Caux sentou-se e o juiz de instrução suspirou.

- Que fúria! - exclamou. - Mas diablement chic! Terá dito a verdade? Suponho que sim.

- Há, sem dúvida, alguma verdade na sua história - comentou Poirot. - Miss Grey confirmou parte das afirmações da bailarina, pois encontrava-se no corredor, pouco antes de o comboio chegar a Lyon, e viu Monsieur Kettering entrar no compartimento da esposa.

- O caso contra ele parece, pois, evidente - declarou o comissário, com um suspiro. - E uma pena!

- Que quer dizer? - admirou-se Poirot.

- A ambição da minha vida tem sido deitar a mão ao conde de la Roche e desta vez, ma foi, cheguei a julgar que ia realizá-la. O outro... enfim, não é tão agradável.

- Se alguma coisa correr mal, será muito aborrecido - observou M. Carrège, cauteloso, esfregando o nariz. - Monsieur Kettering é um aristocrata, os jornais farão alarido e se nos enganarmos... - e encolheu os ombros, inquieto.

- E as jóias? - perguntou o comissário. - Que terá feito delas?

- Tirou-as para despistar, está bem de ver, e de vem constituir uma grande desvantagem - respondeu o juiz. - Acho que lhe será difícil dispor delas.

- Tenho uma ideia muito especial acerca das jóias... - murmurou Poirot, sorridente. - Digam -me, messieurs, que sabem a respeito de um indivíduo conhecido pelo "Marquês"?

O comissário inclinou-se para a frente, excitadíssimo, e perguntou:

- O Marquês? Pensa que está metido neste caso, Monsieur Poirot?

- Perguntei-lhes se sabiam alguma coisa a seu respeito.

- Não tanto como desejaríamos - lamentou o comissário, com uma careta significativa. - Trabalha nos bastidores, compreende? Tem subalternos que se encarregam do trabalho sujo. Temos a certeza de que vem das altas esferas, e não do meio criminal.

- Francês?

- S-sim... Pelo menos, supomos que sim, embora não tenhamos a certeza. Trabalhou em França, na Inglaterra, na América... E no último Outono houve uma série de roubos na Suíça, que lhe foram atribuídos.

Segundo tudo indica, é um grand seigneur que fala francês e inglês com igual perfeição e cuja origem é um mistério.

Poirot levantou-se, para sair, e o comissário perguntou-lhe interessado:

- Não pode dizer-nos mais nada, Monsieur Poirot?

- Por enquanto, não, mas talvez tenha notícias à minha espera no hotel.

- Se o Marquês está envolvido neste caso... - começou o juiz de instrução, inquieto, e não acabou a frase.

- Transtorna as nossas ideias todas - queixou-se M. Caux.

- Não transtorna as minhas - afirmou Poirot.

- Pelo contrário, acho que se coaduna muito bem com elas. Au revoir, messieurs; se receber notícias importantes, comunicarei imediatamente com os senhores.

Regressou ao hotel com semblante severo. Na sua ausência chegara um telegrama, que abriu. Era longo, mas Poirot leu-o duas vezes, devagar, antes de o guardar na algibeira. George aguardava-o, nos seus aposentos.

- Estou fatigado, George, muito fatigado... Importas-te de pedir que me tragam um bule de chocolate?

George pediu o chocolate e, depois, serviu-o ao patrão.

Preparava-se para sair, mas Poirot reteve-o:

- Creio, George, que tens bons conhecimentos da aristocracia inglesa? - perguntou-lhe.

- Creio que posso responder que sim, monsieur - murmurou George, como se pedisse desculpa desses conhecimentos.

- Suponho também que, na tua opinião, os criminosos provêm, geralmente, das classes inferiores?

- Nem sempre, senhor. Lembro-me, por exemplo, de ter havido grandes complicações com um dos filhos mais novos do duque de Devize. Fugiu de Eton e, depois, em várias ocasiões, causou grandes preocupações à família. A Polícia não aceitava a teoria de que se tratava de cleptomania... Um jovem muito inteligente, senhor, mas corrupto até à medula, se me faço entender. Sua Graça embarcou-o para a Austrália e constou-me que esteve lá preso e condenado, sob outro nome.

Muito estranho, senhor, mas verdadeiro.

Escusado é dizer que o jovem a que me refiro não tinha necessidades financeiras.

Poirot abanou a cabeça, devagar, e murmurou:

- Amor da aventura e um parafuso mal apertado, nos miolos... Pergunto a mim mesmo... - tirou o telegrama da algibeira e releu-o.

- Houve também a filha de Lady Mary Fox - continuou o criado, com ar reminescente. - Essa vigiarizava comerciantes de uma maneira revoltante. Estes casos eram muito desagradáveis para as famílias, evidentemente, mas não foram únicos. Podia relatar muitos mais.

- Tens uma grande experiência, George - comentou Poirot. - Às vezes admiro-me de que, depois de viveres tão exclusivamente com famílias titulares, tenhas descido a ser meu criado... Atribuo-o a amor da aventura da tua parte...

- Não se trata exactamente disso, senhor – esclareceu George. - Por acaso lera nas Crónicas Sociais que monsieur fora recebido no Palácio de Buckingham, e como andava a procurar novo emprego... As notícias diziam que Sua Majestade fora muito bondosa e cordial consigo e tinha em grande conta a sua competência...

- É sempre agradável saber o porquê das coisas - comentou o detective, que perguntou a seguir: - Telefonaste a Mademoiselle Papopolous?

- Telefonei, sim. mademoiselle e o pai terão muito prazer em jantar com o senhor, esta noite.

Poirot bebeu o chocolate, pensativamente, colocou a chávena e o pires no meio do tabuleiro, com muito cuidado, e recomeçou a falar docemente, mais para si próprio do que para o criado:

- O esquilo, meu bom George, armazena nozes.

Se quisermos que a humanidade valha alguma coisa, meu amigo, devemos aproveitar as lições que nos dão as criaturas que nos são inferiores no reino animal. Eu sempre o fiz. Fui gato a espreitar a toca do rato; fui um bom cão a seguir a pista, sem levantar o nariz do caminho; e fui também, meu bom George, esquilo.

Armazenei factozinho aqui, factozinho ali... e agora vou ao “armazém” e retiro determinada noz, uma noz que guardei... ora deixa ver... há dezassete anos! Estás a compreender-me, George?

- Nunca pensei, senhor, que as nozes se conservassem durante tanto tempo, embora saiba que se conseguem maravilhas no campo das conservas...

Poirot olhou-o e sorriu.

XXVIII

POIROT FAZ DE ESQUILO

Poirot saiu para jantar com três quartos de hora de antecedência, mas tinha as suas razões para tal. Em vez de ir direito a Monte Carlo, seguiu para casa de Lady Tamplin, no cabo Martin, e perguntou por Miss Grey. Informaram-no de que as senhoras estavam a vestir-se e pediram-lhe que esperasse numa saleta, onde passados cerca de três minutos Lenox se lhe juntou.

- Katherine ainda não está pronta. Deseja que lhe dê algum recado ou prefere esperar que ela desça?

Poirot fitou-a pensativo, e demorou muito tempo a decidir-se, como se da sua decisão dependessem coisas muito importantes.

- Não, não creio que seja necessário esperar por Mademoiselle Katherine. Talvez seja, até, melhor não esperar. Estas coisas às vezes são difíceis...

Lenox aguardava delicadamente, com as sobancelhas um pouco erguidas.

- Trago notícias que lhe agradecia transmitisse à sua amiga: Mister Kettering foi preso esta noite, por assassinar a esposa.

- Deseja que diga isso a Katherine? – Lenox ofegava, como se tivesse corrido, e Poirot notou que empalidecera muito.

- Se fizer o favor, mademoiselle...

- Porquê? Acha que Katherine se inquietará? Julga que ela se importa?

- Não sei, mademoiselle. Como vê, admito francamente a minha ignorância. Regra geral, sei tudo, mas neste caso... bem, não sei! Talvez a mademoiselle saiba mais do que eu...

- Sei... mas não lhe digo. - Calou-se, com as sobrancelhas negras unidas numa careta, e de súbito inquiriu: - Acredita que ele a matou?

- A Polícia diz que sim - voltou o detective, com um encolher de ombros.

- Esquiva-se a responder, hem?

Remeteu-se de novo a um silêncio inquieto, de sobrolho franzido.

- Conhece Derek Kettering há muito tempo, não conhece? - perguntou-lhe Poirot, docemente.

- Desde pequena - respondeu, carrancuda, e Poirot acenou várias vezes com a cabeça, sem falar.

Num dos seus impulsos súbitos, Lenox puxou uma cadeira e sentou-se, com os cotovelos na mesa e o queixo assente nas mãos, mesmo defronte do detective.

- Em que se basearam para o prender? Motivo, suponho... Provavelmente Derek herdou com a morte da mulher...

- Herdou dois milhões.

- E, se ela não morresse, estaria arruinado?

- Estaria.

- Mas deve ter havido mais qualquer coisa...insistiu a jovem. - É certo que viajava no mesmo comboio, mas... isso não chegaria para o comprometer.

- Encontraram no compartimento uma cigareira com a inicial "K", que não pertencia a Mistress Kettering, e duas pessoas viram Derek Kettering entrar e sair do compartimento da esposa, precisamente antes do comboio chegar a Lyon.

- Quem foram essas pessoas?

- A sua amiga Miss Grey foi uma delas. A outra foi Mademoiselle Mirelle, a bailarina.

- E que diz Derek a isso?

- Nega ter entrado no compartimento da esposa.

- Idiota! - exclamou a rapariga, irritada. - Precisamente antes de Lyon, não foi o que disse?... Alguém sabe quando... quando ela morreu?

- O parecer dos médicos não pode ser muito exacto, mas crêem que a morte não deve ter ocorrido depois de o comboio partir de Lyon. Sabemos, também, que, poucos momentos depois da saída de Lyon, Mistress Kettering estava morta.

- Sabem como?

- Entrou outra pessoa no compartimento e encontrou-a morta - respondeu, com um sorriso curioso.

- E não deram o alarme no comboio?

- Não.

- Porquê?

- Tiveram, sem dúvida, as suas razões.

- Sabe quais foram?

- Creio que sim.

Lenox reflectiu e Poirot observou-a em silêncio.

Por fim a jovem levantou a cabeça, com um leve rubor nas faces e os olhos brilhantes.

- Pensa que foi alguém que viajava no comboio que a matou, mas pode não ter sido assim. Nada impedia o assassino de saltar para o comboio, quando este esteve parado em Lyon, pois não? Nem de ir direito ao compartimento, estrangulá-la, apoderar-se dos rubis e sair da composição, sem se tornar notado? Portanto, ela pode muito bem ter sido assassinada enquanto o comboio estava parado na estação de Lyon, o que significa que estava viva quando Derek entrou, e morta quando a tal pessoa a encontrou.

Poirot recostou-se na cadeira, respirou fundo, olhou para a rapariga e acenou três vezes com a cabeça.

- O que acaba de dizer é muito justo, muito verdadeiro, mademoiselle. Debatia-me nas trevas e a mademoiselle mostrou-me a luz. Havia um pormenor que me intrigava, mas elucidou-me.

Levantou-se, para sair e Lenox perguntou:

- E Derek?

- Quem sabe? - volveu, com um encolher de ombros. - Digo-lhe, mademoiselle, que não estou convencido; não, eu, Hercule Poirot, não estou convencido. Talvez esta noite ainda saiba alguma coisa mais...

Pelo menos, tentarei.

- Vai encontrar-se com alguém?

- Vou.

- Alguém que sabe alguma coisa?

- Alguém que talvez saiba alguma coisa. Nestes casos, é preciso não deixar pedra por levantar...

Au revoir, Mademoiselle.

Lenox acompanhou-o à porta e perguntou-lhe:

- Acha que... ajudei?

O rosto de Poirot suavizou-se.

- Ajudou, sim, mademoiselle - afirmou. - Se as coisas lhe parecerem muito negras, lembre-se sempre disso: ajudou.

No automóvel, o detective mergulhou nos seus pensamentos, de testa franzida, mas nos seus olhos havia aquela ténue luz verde precursora de triunfo.

Chegou alguns minutos atrasado ao encontro e, como Mr. Papopolous e a filha tinham chegado antes dele, excedeu-se em desculpas e em delicadezas e pequenas atenções. O grego exibia um ar particularmente benigno e nobre, um ar de patriarca triste, de vida imaculada. Zia estava bonita e bem disposta e Poirot mostrou-se efusivo de espírito, contou anedotas, disse graças, dirigiu graciosos galanteios a Mademoiselle Papopolous e relatou muitos incidentes interessantes da sua carreira. O jantar decorreu, assim, agradavelmente, com uma ementa escolhida e excelentes vinhos.

No fim da refeição, Mr. Papopolous indagou, delicadamente:

- E o palpite que lhe dei? Fez a sua apostazinha no cavalo?

- Estou em comunicação com... hum... com o meu agenciador.

Os olhos dos dois homens encontraram-se e o grego comentou:

- Um cavalo muito conhecido, hem?

- Não. É aquilo a que os nossos amigos, os ingleses, chamam um cavalo obscuro.

- Ah! - exclamou Mr. Papopolous, pensativo.

- Agora vamos ao Casino e tentemos a nossa sorte na roleta! - propôs Poirot, alegremente.

No Casino o grego separou-se; Poirot devotou-se inteiramente a Zia, enquanto o grego se afastava.

Poirot não teve sorte, mas a jovem depressa ganhou alguns milhares de francos.

- Acho melhor ficar por aqui - disse ao detective, sensatamente.

- Soberbo! - exclamou o homenzinho. - É bem a filha do seu pai, Mademoiselle Zia. A arte consiste, precisamente, em saber quando se deve parar!

Olhou à sua volta e observou, despreocupado:

- Não vejo o seu pai em parte nenhuma. Vou buscar-lhe a sua capa e daremos uma volta pelo jardim.

Não foi, no entanto, direito ao vestiário. Estava ansioso por saber que fora feito do astuto grego, mas encontrou-o inesperadamente no grande salão de entrada. Estava encostado a uma das colunas e conversava com uma senhora que acabava de chegar: Mirelle.

Poirot contornou, sorrateiro, o salão, até ao outro lado da coluna junto da qual o par conversava animadamente - ou melhor, quem falava animadamente era a bailarina; o grego contribuía apenas com monossílabos ocasionais e abundantes gestos expressivos.

- Preciso de tempo - dizia a bailarina. - Se me der tempo, arranjurei o dinheiro.

- Não é aconselhável esperar - replicou o grego, com um encolher de ombros.

- Será pouco tempo - volveu a mulher, em tom suplicante. - Oh, tem de esperar! Uma semana, dez dias, é tudo quanto peço. Pode ter a certeza de que fará o negócio; arranjurei o dinheiro.

Papopolous desviou-se um pouco, olhou, inquieto, em seu redor e encontrou Poirot quase a seu lado, com uma expressão inocente e risonha.

- Ah, vous voilà, Monsieur Papopolous! Andava à sua procura. Permite que dê uma volta pelo jardim com Mademoiselle Zia? - Fez uma vénia profunda a Mirelle e cumprimentou-a: - Boas noites, mademoiselle. Mil perdões por não a ter visto imediatamente.

A bailarina aceitou o cumprimento com certa impaciência, irritada com a interrupção do tête-à-tête.

- Com certeza - respondeu Papopolous, e Poirot deixou-os imediatamente.

Foi buscar a capa de Zia e dirigiram-se para o jardim.

- É aqui que se suicidam - observou a rapariga.

- Dizem que sim - comentou o detective, com um encolher de ombros. - Os homens são estúpidos, não são, mademoiselle? Comer, beber, respirar o bom ar, são coisas muito agradáveis e é uma idiotice abandonar tudo isso só porque não se tem dinheiro... ou porque o coração sofre. L'amour causa muitas fatalidades, não acha?

Zia riu-se.

- Não devia rir-se do amor, mademoiselle - censurou-a o detective, agitando energicamente o indicador. - Não devia rir-se, pois é jovem e bonita.

- Esquece-se de que tenho trinta e três anos, Monsieur Poirot. Confesso-lho a si, pois seria inútil esconder-lho: ouvi-o dizer a meu pai que foi há dezassete anos que nos ajudou em Paris...

- Quando olho para si, parece-me que foi há muito menos tempo - afirmou Poirot, galante. - Era então muito semelhante ao que é hoje, mademoiselle, um pouco mais magra, um pouco mais pálida, um pouco mais séria... Dezasseis anos e acabada de chegar do internato!

Nem uma petite pensionnaire, nem uma mulher. Era deliciosa e encantadora, Mademoiselle Zia... e por certo não fui eu o único a pensá-lo.

- Aos dezasseis anos somos ingénuas e um bocadinho idiotas.

- Talvez... sim, talvez. Aos dezasseis anos somos, também, crédulos, acreditamos no que nos dizem...

Se viu o olhar precipitado que a jovem lhe lançou, disfarçou e continuou, sonhador:

- Foi um caso curioso aquele, mademoiselle. Seu pai nunca compreendeu o seu verdadeiro significado.

- Não?

- Quando me pediu pormenores, explicações, redargui-lhe: "Devolvi-lhe, sem escândalo, o que tinha desaparecido. Não deve fazer perguntas." Sabe porque lhe respondi assim, mademoiselle?

- Não faço ideia -olveu, friamente.

- Respondi-lhe assim porque tinha no meu coração um fraco por uma rapariguinha chegada do colégio, uma rapariguinha muito pálida, muito magra, muito séria...

- Não percebo do que está a falar! - exclamou Zia, irritada.

- Não, mademoiselle? Esqueceu António Pirezzio? - Ouviu-a suster a respiração, mas prosseguiu, implacável: - Empregou-se como auxiliar no estabelecimento do seu pai, mas assim não poderia obter o que desejava. Um empregado pode levantar os olhos para a filha do patrão, não é verdade? Sobretudo se é jovem, belo e tem uma língua de prata... Como não podem amar o tempo todo, de vez em quando conversam de coisas que interessam a ambos como, por exemplo, aquele interessante objecto que estava temporariamente confiado a Mister Papopolous. E como os jovens são idiotas e crédulos, foi fácil acreditá-lo e mostrar-lhe o referido objecto, deixar-lhe ver onde se encontrava. Mas depois, quando o objecto desapareceu, quando a inacreditável catástrofe aconteceu... Ai da pobre rapariguinha! Em que terrível situação se achou! Cheia de medo, pobrezinha! Devia falar ou não falar? Foi então que entrou em cena esse excelente indivíduo, Hercule Poirot... Deve ter sido quase um milagre, a maneira como as coisas se resolveram. O preciosíssimo objecto foi devolvido e não houve perguntas desagradáveis.

Zia voltou-se impetuosamente para ele e perguntou, incrédula:

- O senhor sabia? Soube-o sempre? Quem lhe disse? Foi... foi António?

- Ninguém me disse; conjecturei. E foi uma boa conjectura, não acha? Compreende, se não temos habilidade para conjecturar não vale a pena ser detective.

Zia caminhou ao seu lado, durante alguns minutos, em silêncio. Por fim perguntou, em tom áspero:

- Que tenciona fazer? Contar ao meu pai?

- Não - afirmou Poirot, sem hesitar. – Com certeza que não!

A rapariga olhou-o, com curiosidade, e inquiriu:

- Deseja alguma coisa de mim, então?

- Desejo a sua ajuda, mademoiselle.

- Porque supõe que posso ajudá-lo?

- Não suponho; espero apenas.

- E, se não o ajudar, irá contar ao meu pai?

- Oh, não, não. Liberte-se de semelhante ideia, mademoiselle; não sou nenhum chantagista! Não estou a ameaçá-la com o seu segredo, como se fosse uma espada suspensa sobre a sua cabeça.

- Se eu recusar ajudá-lo...

- Se recusar, recusa, e pronto!

- Então porque...

- Ouça, explicar-lhe-ei porquê. As mulheres, mademoiselle, são generosas e, se podem fazer um favor a quem já lhes fez também, não hesitam. Em tempos fui generoso consigo, mademoiselle, calei-me quando podia ter falado.

Seguiu-se novo silêncio, que a jovem interrompeu:

- Outro dia meu pai deu-lhe um palpite.

- Foi muito amável da sua parte.

- Não creio poder acrescentar alguma coisa a esse palpite - declarou Zia, devagar.

Se ficou decepcionado, Poirot não o demonstrou; nem um músculo do seu rosto vibrou.

- Eh bien, falemos então de outras coisas! - exclamou, despreocupado.

E começou a conversar alegremente. Zia parecia, porém, distraída, respondia-lhe maquinalmente e, muitas vezes, sem propriedade. Aproximavam-se de novo do Casino quando pareceu tomar uma decisão:

- Monsieur Poirot...

- Mademoiselle?

- Gostaria... gostaria de o ajudar, se pudesse.

- É muito amável, mademoiselle, muito amável.

Nova pausa. Poirot não insistia, achava preferível esperar e dar tempo ao tempo.

- Ora, no fim de contas, porque não hei-de dizer-lhe? - perguntou, de súbito, a impulsiva jovem. - Meu pai é sempre cauteloso, mede sempre tudo quanto diz, mas eu sei que, com o senhor, não são necessárias tais cautelas. Disse-nos que procura apenas o assassino e que não está interessado nas jóias. Acredito.

Não se enganou ao supor que estávamos em Nice por causa dos rubis; foram-nos aqui entregues, de acordo com o que estava planeado. É meu pai quem os tem e, outro dia, insinuou-lhe quem foi o nosso misterioso cliente.

- O Marquês? - murmurou o detective, baixinho.

- Sim, o Marquês.

- Viu-o alguma vez, Mademoiselle Zia?

- Uma, mas mal. Espreitei pelo buraco de uma fechadura!

- É um procedimento que apresenta sempre certas dificuldades - murmurou Poirot, compreensivo.

- Mas viu-o, e isso é importante. Seria capaz de o reconhecer, se voltasse a vê-lo?

Zia abanou a cabeça:

- Usava máscara.

- Novo ou velho?

- Tinha o cabelo branco. Podia ser ou não uma cabeleira postiça, mas se o era assentava muito bem.

No entanto, não creio que fosse velho, pois tinha o andar e a voz de um homem novo.

- A voz? - perguntou o detective, pensativo. - Ah, a sua voz! Reconhecê-la-ia se voltasse a ouvi-la, mademoiselle?

- Talvez.

- Estava interessada nele, hem? Foi isso que a levou ao buraco da fechadura.

- É verdade, sou curiosa. Tinha ouvido dizer tantas coisas a seu respeito... Não é um vulgar ladrão, mas mais uma figura de lenda ou de romance.

- Sim, talvez - concordou Poirot, muito sério.

- Mas não era isto que queria dizer-lhe e sim outro facto que me pareceu... enfim, que julgo poderá ser-lhe útil.

- De que se trata?

- Como lhe disse, os rubis foram entregues ao meu pai, aqui em Nice. Não vi a pessoa que lhos entregou, mas...

- Mas?

- Uma coisa sei: foi uma mulher.

XXIX

UMA CARTA DA PÁTRIA

Querida Katherine:

Vivendo como vive agora entre grandes amigos, não creio que lhe interesse receber notícias nossas; mas como sempre a considerei uma rapariga sensata, talvez a sorte não lhe tenha subido tanto à cabeça como suponho. Aqui continua tudo mais ou menos na mesma. Houve grande celeuma com o novo cura, que é escandalosamente alto, e, na minha opinião, não é nem mais nem menos do que um católico. Todos falaram no caso ao vigário, mas a menina sabe como ele é: todo bondade cristã e mais nada.

Ultimamente tenho-me visto af Zita com as criadas.

A Annie não era boa peça - saias acima do joelho e ninguém a convencia a usar decentes meias de lã. Não há nenhuma que dê ouvidos ao que se lhe diz.

Tenho sofrido muito com o meu reumatismo e o Dr. Harris persuadiu-me a consultar um especialista de Londres - uma perda de três guinéus, além da passagem do comboio, como lhe disse, embora tenha arranjado bilhete de volta mais barato, pois esperei para quarta feira.

O médico de Londres fez uma cara muito séria e fartou-se de estar com rodeios, sem falar claro, até que não estive com mais aquelas e lhe disse: "Sou uma mulher simples, doutor, e gosto que me digam claramente as coisas. É cancro, não é verdade?" Não teve outro remédio senão dizer que sim. Disseram-me que poderei durar um ano, com cuidado e sem grandes dores, embora eu tenha a certeza de que posso suportar tão bem as dores como qualquer cristã.

A vida às vezes parece-me muito solitária, pois a maioria das minhas amigas ou já morreu, ou partiu para longe. Confesso que gostaria de a ter em St. Mary Mead, minha querida. Se não tivesse herdado esse dinheiro e entrado na alta sociedade, oferecer-lhe-ia o dobro do ordenado que a pobre Jane lhe pagava para vir olhar por mim, mas não vale a pena desejar o que não podemos obter. No entanto, se as coisas lhe correrem mal... E olhe que é sempre possível que corram. Não imagina a quantidade de histórias que se têm contado de falsos nobres que desposam raparigas ricas, lhes apanham o dinheiro e as deixam à porta da igreja. Considero-a demasiado sensata para que lhe aconteça alguma coisa semelhante, mas nunca se sabe.

Além disso, como nunca lhe prestaram grande atenção, agora pode subir-lhe à cabeça se lhe dispensarem alguma.

Por isso, lembre-se de que tem sempre um lar à sua espera e de que, embora seja uma mulher de falas francas, também tenho bom coração.

Sua velha amiga muito afectuosa,
Amélia Viner.

P. S. - Vi uma noticia a seu respeito no jornal, com a sua prima, viscondessa Tamplin, e cortei-a para o meu álbum. No domingo rezei para que não se deixasse tentar pelo orgulho nem pela vanglória.

Katherine leu duas vezes a carta, depois largou-a e olhou, pela janela do quarto, para as águas azuis do Mediterrâneo. Sentia um nó na garganta e uma saudade súbita de St. Mary Mead, a terreola tão cheia de coisas banais e estúpidas, mas que era para si como um lar. Apeteceu-lhe esconder a cara nos braços e chorar, chorar à vontade.

Salvou-a Lenox, que entrou nesse momento.

- Olá, Katherine! Mas... que se passa?

- Nada - respondeu a interpelada, guardando a carta de Miss Viner na mala de mão.

- Está com uma cara estranha... Espero que não leve a mal, mas telefonei ao seu amigo detective, Monsieur Poirot, e convidei-o para almoçar connosco em Nice. Disse-lhe que a Katherine queria vê-lo, com medo de que recusasse se soubesse que o convite partia de mim.

- Nesse caso, quem quer vê-lo é você?

- Pois sou. Perdi a cabeça por ele! Nunca tinha visto um homem cujos olhos fossem realmente verdes, como os de um gato.

- Está bem - condescendeu Katherine, indiferente.

Os últimos dias tinham sido terríveis. A prisão de Derek Kettering constituía o fulcro de todas as conversas e o mistério do Comboio Azul fora debatido e dissecado de todos os pontos de vista.

- Pedi o automóvel e disse uma mentira qualquer à minha mãe - continuou Lenox. - Já nem me lembro qual foi, mas não tem importância; ela nunca se lembra, também. Se soubesse aonde íamos, queria acompanhar-nos para espremer Monsieur Poirot.

Quando as duas raparigas chegaram ao Negresco encontraram Poirot à sua espera. Mostrou-se tão cortês e prodigalizou-lhes tantos cumprimentos, que não tardaram a rir à gargalhada. No entanto, a refeição não decorreu com muita alegria. Katherine estava distraída, com um ar distante, e Lenox ora conversava, ora se remetia a um silêncio pesado. Quando bebiam o café, no terraço, desencadeou, de súbito, o ataque a Poirot:

- Como vão as coisas? Sabe a que me refiro?

- Seguem o seu curso - respondeu o detective, com um encolher de ombros; e, olhando tristemente para Lenox, acrescentou: - É jovem, mademoiselle, mas há três coisas que não podemos apressar: le bon Dieu, a Natureza e os velhos.

- Tolice! O senhor não é velho.

- É muito amável.

- Olhem, o major Knighton! - exclamou a rapariga.

Katherine olhou na direcção indicada e depois voltou novamente a cabeça.

- Está com Mister Van Aldin - continuou Lenox. - Desculpem-me por um momento, quero perguntar uma coisa ao major.

Ao ficarem sós, Poirot inclinou-se para Katherine e murmurou:

- Está com um ar ausente, mademoiselle; os seus pensamentos estão muito longe, não estão?

- Não estão mais longe do que a Inglaterra. - Obedecendo a um impulso súbito, tirou da mala a carta que recebera naquela manhã e estendeu-lha: - São as primeiras notícias que recebi da minha vida antiga.

Não sei porquê, doeram-me.

Poirot leu a carta de ponta a ponta e perguntou, ao devolver-lha:

- Vai, então, regressar a Saint Mary Mead?
- Não, não vou. Porque havia de ir?
- Perdão, enganei-me. Dê-me também licença por um minuto...

Levantou-se e dirigiu-se à mesa onde Lenox conversava com Van Aldin e Knighton. O americano parecia velho e atormentado e limitou-se a inclinar secamente a cabeça, sem entusiasmo. Voltou-se para responder a qualquer observação de Lenox e Poirot aproveitou o ensejo para chamar o major de parte.

- Mister Van Aldin parece doente - observou.
- Admira-se? O escândalo da prisão de Derek Kettering arrasou-o. Está até arrependido de lhe ter pedido que descobrisse a verdade.
- Devia regressar a Inglaterra.
- Partimos depois de amanhã.
- Eis uma boa notícia. - Poirot hesitou, olhou para o terraço, onde Katherine continuava sentada, e murmurou: - Gostava que o dissesse a Miss Grey.
- Que lhe dissesse o quê?
- Que o senhor... isto é, que Mister Van Aldin vai regressar a Inglaterra.

Knighton pareceu intrigado, mas apressou-se a atravessar o terraço ao encontro de Katherine. Poirot viu-o afastar-se, satisfeito, e reuniu-se a Lenox e a Van Aldin. Passados momentos, foram todos para junto de Katherine, conversaram um bocado e o milionário e o secretário despediram-se. Poirot preparou-se também para deixar as raparigas.

- Mil agradecimentos pela vossa hospitalidade, Mesdemoiselles. Foi um almoço encantador. Ma foi, estava a precisar! - Dilatou o peito, bateu-lhe e acrescentou: - Agora sinto-me um leão, um gigante! Ah, Mademoiselle Katherine, nunca vi de que sou capaz!

Conheceu o suave e calmo Hercule Poirot, mas há outro diferente! Agora irei arreliar, ameaçar, instilar terror no coração daqueles que me ouvirem!

Olhou-as com um ar de auto-satisfação e as raparigas pareceram devidamente impressionadas, embora Lenox mordesse o lábio inferior e houvesse nos cantos da boca de Katherine uma tremura suspeita.

Deixou-as, mas mal dera uns passos Katherine chamou-o:

- Monsieur Poirot, quero dizer-lhe que... enfim; o senhor tinha razão. Partirei para Inglaterra quase imediatamente.

Poirot olhou-a fixamente e ela corou.

- Compreendo - murmurou o detective, em tom grave.
- Não creio que compreenda.
- Sei mais do que imagina, mademoiselle.

Deixou-a, com um sorriso estranho nos lábios, entrou no automóvel e seguiu para Antibes.

Hipolyte, o criado carrancudo do conde de la Roche, estava atarefado a limpar os belos cristais do patrão. O conde não estava em casa; fora passar o dia a Monte Carlo. De súbito, ao olhar por acaso para a janela, Hipolyte viu um visitante dirigir-se apressadamente para a porta do vestíbulo. Era um personagem de um tipo tão estranho que Hipolyte, apesar da sua larga experiência, teve dificuldade em classificá-lo.

Gritou pela mulher, Marie, que trabalhava na cozinha, e chamou-lhe a atenção para ce type là.

- É outra vez a Polícia? - perguntou Marie, inquieta.
- Olha...
- Não, não é a Polícia. Ainda bem!
- Não nos incomodaram muito - comentou Hipolyte. - Na realidade, se o senhor conde não me tivesse avisado, nunca imaginaria que aquele desconhecido da taberna era o que era...

A campainha tocou e Hipolyte foi atender, cheio de gravidade e decoro.

- Lamento informar que o senhor conde não está em casa.

O homenzinho de grande bigode sorriu, placidamente, e retorquiu:

- Bem sei. É Hipolyte Flavelle, não é verdade?

- Sim, monsieur, é esse o meu nome.

- E a sua mulher chama-se Marie Flavelle?

- Sim, monsieur, mas...

- É com ambos que desejo falar - declarou o desconhecido e, ágil, passou por Hipolyte e entrou no vestíbulo. - Como a sua mulher deve estar na cozinha, irei para lá.

Antes que Hipolyte pudesse, sequer, tomar fôlego, o estranho indivíduo abriu a porta certa, ao fundo do vestíbulo, atravessara o corredor e entrara na cozinha, onde Marie o fitou, de boca aberta.

- Voilà! - exclamou o recém-chegado, sentando-se numa cadeira de braços. - Sou Hercule Poirot.

- Sim, monsieur...

- Não conhecem o nome?

- Nunca o ouvi - declarou Hipolyte.

- Permita que lhe observe que foi muito mal ensinado. O meu nome é um do maiores deste mundo!

Suspirou e cruzou as mãos no peito, enquanto Hipolyte e Marie o observavam, inquietos. Não sabiam que pensar daquele inesperado e singular visitante.

- Monsieur deseja... - murmurou o criado, maquinalmente.

- Desejo saber porque mentiu à Polícia.

- Monsieur! - ofendeu-se Hipolyte. - Menti à Polícia? Nunca fiz uma coisa dessas!

- Engana-se, fê-la várias vezes, já - afirmou o detective. - Ora deixe ver... - Tirou da algibeira um livrinho de apontamentos, que consultou. - Cá está, mentiu pelo menos sete vezes. Eu enumero...E, em voz monocórdica e indiferente, enumerou as sete vezes.

Hipolyte estava estupefacto.

- Mas não é destes lapsos passados que desejo falar - continuou Poirot. - No entanto, meu caro amigo, não se deixe iludir pelo hábito de pensar que é muito esperto. O que me trouxe aqui foi uma mentira que me interessa, a sua afirmação de que o conde de la Roche chegou a esta casa na manhã de catorze de Janeiro.

- Mas isso não é mentira, monsieur; é a verdade pura! O senhor conde chegou na manhã de terça-feira, dia catorze. Não é verdade, Marie?

- É sim - apressou-se a confirmar a criada. - Lembro-me perfeitamente.

- Sim? E que deu ao seu bom amo para almoçar, nesse dia?

- Eu... - Marie calou-se, esforçando-se por se acalmar.

- É estranho como nos lembramos de umas coisas e esquecemos outras! - comentou Poirot, irónico.

Inclinou-se para a frente e deu um soco violento na mesa, com os olhos a despedirem chispas.

- É como eu digo, mentem e julgam que ninguém dá por isso! Mas há duas pessoas que sabem! Sim, duas pessoas! Uma delas é le bon Dieu... - Ergueu uma das mãos para o céu, recostou-se na cadeira, fechou os olhos e murmurou, descaradamente: - e a outra é Hercule Poirot!

- Garanto-lhe, monsieur, que está enganado. O senhor conde saiu de Paris na segunda-feira à noite...

- Sem dúvida, no rápido - atalhou Poirot. - Não sei onde interrompeu a viagem, talvez você não o saiba também, mas sei que chegou aqui na quarta-feira de manhã, e não na terça!

- Monsieur está enganado - afirmou Marie, cheia de coragem.

- Muito bem, a lei seguirá o seu curso! - declarou o detective, levantando-se. - É pena...

- Que quer dizer, monsieur? - inquiriu Marie, levemente inquieta.

- Serão presos e considerados cúmplices no assassinio de Mistress Kettering, a senhora inglesa que mataram no comboio.

- Assassínio!

O rosto do homem ficou branco como a cal e os seus joelhos pareceram entrecocar-se. Marie deixou cair o rolo da massa e começou a chorar.

- Mas é impossível, impossível! Eu pensava...

- Já que teimam na vossa história, nada mais tenho a dizer.

São os dois uns grandes idiotas.

Encaminhou-se para a porta, mas uma voz agitada chamou-o:

- Monsieur, monsieur, espere só um minutinho!

Não... não fazia ideia de que fosse tal coisa... Supunha... supunha que o caso se relacionasse com uma senhora... já têm havido certos... desentendimentos com a Polícia, por causa de senhoras... Mas assassínio...

Oh, isso é muito diferente!

- Começo a perder a paciência! - vociferou o detective, voltando-se para o casal e sacudindo o punho fechado diante da cara de Hipolyte. - Terei de perder aqui o dia inteiro, a discutir com um par de imbecis?

Quero a verdade! Se não ma disserem, o mal será de ambos. Pela última vez: quando chegou o senhor conde à Villa Marina: terça feira de manhã ou quarta feira de manhã?

- Quarta-feira - murmurou o homem e, atrás dele, Marie acenou afirmativamente.

Poirot fitou-os, por momentos, e depois acenou com a cabeça muito grave.

- São ajuizados, meus filhos! Por um triz tinham-se metido em sérios trabalhos!

Partiu da Villa Marina a sorrir para consigo.

“Uma suposição confirmada”, pensou. “Será aconselhável tentar confirmar a outra?”

Eram seis horas da tarde quando entregaram a Mademoiselle Mirelle o cartão de M. Poirot. A bailarina olhou-o com atenção e fez um aceno afirmativo ao mandarete. Poirot encontrou-a a andar de um lado para o outro, furiosa.

- Então? - perguntou-lhe, irritada. - Que mais temos? Ainda não me torturaram o suficiente, todos vocês? Não me obrigou a trair o meu pobre Dereek?

Que mais quer?

- Fazer-lhe apenas uma pequena pergunta, mademoiselle: quando entrou no compartimento de Mistress Kettering, depois de o comboio partir de Lyon...

- Que vem a ser isso?

Poirot lançou-lhe um olhar de suave censura e recomeçou:

- Quando entrou no compartimento de Mistress Kettering...

- Nunca lá entrei!

- E a encontrou...

- Nunca!

- Ah, sacré! - gritou com tal fúria, que a bailarina recuou, assustada. - Porque me mente? Afirme-me que sei o que aconteceu tão bem como se tivesse estado presente! A senhora entrou no compartimento e encontrou Mistress Kettering morta. Repito-lhe que sei e que é perigoso mentir-me. Tenha cuidado, Mademoiselle Mirelle!

- Eu não... não... - tartamudeou, baixando os olhos.

- Só há uma coisa que ainda me intriga - continuou o detective. - Pergunto a mim mesmo se encontrou o que queria ou se...

- Ou se o quê?

- Ou se alguém lá estivera antes.

- Não responderei a mais perguntas! - Soltou-se da mão com que Poirot a segurava, atirou-se para o chão e desatou a gritar e a soluçar.

Acorreu uma criada, assustada, e Poirot encolheu os ombros, ergueu as sobrancelhas e saiu tranquilamente.

Mas parecia satisfeito.

XXX

MISS VINER DÁ UMA OPINIÃO

Katherine olhou pela janela do quarto de Miss Viner. Chovia. Não era uma chuva forte, em bátegas violentas, mas uma chuva calma, teimosa, sem ímpetos de fúria. A janela dava para um retalho do jardim, com um carreiro até à cancela e canteirinhos bem tratados de ambos os lados, onde desabrochavam rosas, cravos e jacintos azuis.

Miss Viner estava recostada numa grande cama vitoriana, com um tabuleiro de pequeno-almoço afastado para o lado, abria a correspondência e fazia alguns comentários cáusticos acerca da mesma.

Katherine tinha também uma carta aberta na mão e lia-a pela segunda vez. Estava datada do Hotel Ritz, de Paris, e dizia:

Querida Mademoiselle Katherine: Espero que esteja de boa saúde e que o regresso ao Inverno inglês não tenha sido muito deprimente. Quanto a mim, continuo com as minhas investigações, com a máxima diligência. Não julgue que estou aqui a gozar férias...

Em breve estarei em Inglaterra e espero então ter o prazer de a voltar a ver. Permitir-mo-á, não é verdade?

Assim que chegar a Londres escrever-lhe-ei. Não se esqueceu ainda de que somos colegas na investigação deste caso?

Estou certo de que se lembra muito bem!

Creia, mademoiselle, nos meus sentimentos mais respeitosos e devotados.

Hercule Poirot

Katherine franziu a testa, como se na carta houvesse alguma coisa que a intrigasse.

- Um piquenique para meninos de coro - observou Miss Viner.

- Se o Tommy Saunders e o Albert

Dykes forem, não contribuirei! Não sei o que estes rapazes imaginam que estão a fazer na igreja, aos domingos! Tommy cantou "Ó Deus, apressa-te a salvar-nos!" e não voltou a abrir a boca, e se o Albert Dykes não estava a chupar uma pastilha de hortelã-pimenta, o meu nariz não é o que é e sempre foi!

- Tem razão, são terríveis - concordou Katherine.

Abriu a sua segunda carta e um súbito rubor tingiu-lhe as faces. A voz de Miss Viner pareceu perder-se na distância.

Quando acabou a leitura e voltou a ter relativa consciência do que a rodeava, Miss Viner terminava, em triunfo, um longo discurso:

... E eu disse-lhe: "De maneira nenhuma! Por sinal, Miss Grey é prima de Lady Tamplin!" Que lhe parece, hem?

- Parece-me que anda a defender-me, o que é muito simpático da sua parte.

- Os títulos para mim não valem nada! Seja ou não a mulher do vigário, aquela senhora é uma autêntica gata!

A insinuar que a menina comprara a sua entrada na sociedade!

- Talvez não se tenha enganado tanto como julga...

- O que as rala é que não voltou uma senhoreca emproada, como seria natural. Não, continua tão sensata como sempre foi, com um par de boas meias Balbriggan e sapatos práticos. Ainda ontem falei nisso a Ellen. Disse-lhe assim: ccEllen, repara em Miss Grey.

Lidou com alguns dos grandes da Terra, mas não anda por aí como tu, com as saias por cima dos joelhos, meias de seda a que as malhas caem constantemente e os sapatos mais ridículos que imaginar se possa!

Katherine sorriu para consigo. Valera a pena, parecia, conformar-se com os preconceitos de Miss Viner...

- Foi um grande alívio para mim verificar que o dinheiro não lhe deu a volta à cabeça - continuou a velha senhora, cheia de entusiasmo. - Ainda outro dia andei a procurar os meus recortes de jornais, pois tenho vários que falam de Lady Tamplin e do seu hospital de guerra. Mas não consigo encontrá-los. Gostaria que os procurasse, minha querida, pois a sua vista é melhor do que a minha. Estão numa caixa, na gaveta da escrivaninha.

Katherine olhou para a carta que tinha na mão e ia a dizer qualquer coisa, mas conteve-se e foi à escrivaninha buscar a caixa dos recortes, que começou a ver.

Desde que regressara a St. Mary Mead que o seu coração vibrava de admiração pelo estoicismo e pela coragem de Miss Viner.

Sabia que pouco podia fazer pela velha amiga, mas a experiência ensinara-lhe também quanto valiam para as pessoas idosas pequenas bagatelas aparentemente sem valor.

- Aqui está um dos recortes que lhe interessam - disse pouco depois. - "A viscondessa Tamplin, que transformou a sua vila em Nice num hospital de guerra, foi vítima de um roubo sensacional. Entre as jóias roubadas contavam-se algumas famosas esmeraldas, herança da família Tamplin.

- Provavelmente imitações - comentou Miss Viner. - As jóias de um grande número dessas senhoras da alta sociedade são, muitas vezes, falsas.

- Cá está outro - continuou Katherine. - É uma fotografia sob a qual se lê: "Encantador retrato da viscondessa Tamplin com Lenox, a sua filhinha.

- Deixe ver - pediu a doente. - A cara da garota não está muito visível, pois não? Diria que foi de propósito. Neste mundo abundam os contrastes e não faltam as mães bonitas que têm filhos horrendos. Quase apostaria que o fotógrafo percebeu que o melhor que podia fazer era apanhar só a nuca da pequena.

Katherine riu-se.

- "Uma das mais elegantes anfitriãs da Riviera, nesta estação, é a viscondessa Tamplin, que tem uma vila no cabo Martin. Encontra-se com ela sua prima, Miss Grey, que recentemente herdou uma enorme fortuna, de maneira muito romântica. "

- Era esse mesmo que eu queria - disse Miss Viner. - Suponho que deve ter vindo uma fotografia sua em qualquer dos jornais, mas não a encontrei.

A menina sabe a que espécie de retrato me refiro: "Mistress Fulana ou Sicrana, em tal parte assim-assim", geralmente com uma espingarda na mão e um pé levantado no ar... Deve ser uma tristeza para algumas verem a figura que fazem...

Katherine não respondeu. Endireitava o recorte com o dedo e tinha estampada no rosto uma expressão intrigada e inquieta. Por fim tirou a segunda carta do sobrescrito e releu-a ainda uma vez.

- Miss Viner - murmurou, terminada a leitura.

- Um amigo meu, que conheci na Riviera, tem muito empenho em vir ver-me aqui...

- Quem é?

- O secretário de Mister Van Aldin, o milionário americano.

- Como se chama?

- Knighton, major Knighton.

- Hum... secretário de um milionário. E quer vir vê-la... A Katherine desculpará, mas tenho de dizer-lhe uma coisa, para seu bem. A menina é uma rapariga sensata e simpática e, embora tenha a cabeça no seu lugar no que respeita a muitas coisas, todas as mulheres são idiotas uma vez na vida. Há dez probabilidades contra uma de esse homem estar interessado apenas no seu dinheiro.

Fez calar Katherine, com um gesto, e prosseguiu:

- Tenho estado à espera de qualquer coisa desse género. O que é o secretário de um milionário? Nove vezes em dez, um rapaz que gosta de levar boa vida.

Um jovem com bonitas maneiras, apreciador de luxo, sem miolos nem iniciativa. E, minha cara, se há emprego melhor, que proporcione melhor vida, que o de secretário de um milionário, é sem

dúvida casar com uma mulher rica, por dinheiro! Não quero dizer com isto que a minha amiga não possa interessar um homem. Mas não é nova e, embora tenha uma excelente cutis, também não é nenhuma beldade. Portanto, não seja parva! No entanto, se estiver resolvida a arriscar, proceda ao menos de maneira a que o dinheiro seja governado por si, continue a ser muito seu! Pronto, acabei. Que tem a dizer?

- Nada. Mas importava-se que ele viesse ver-me?

- Lavo daí as minhas mãos - declarou Miss Viner. - Cumpri o meu dever, o que acontecer agora é lá consigo. Prefere que ele venha almoçar ou jantar?

Creio que a Ellen conseguiria haver-se razoavelmente com o jantar... isto é, se não perder a cabeça!

- O almoço estará muito bem - disse Katherine.

- Agradeço-lhe muito, Miss Viner. Pediu-me que lhe telefonasse a dar a resposta; por isso, dir-lhe-ei que teremos prazer em que almoce connosco. Virá de automóvel, da cidade.

- A Ellen faz um bife com tomates assados escapatório - lembrou a velhota. - Não é nenhuma maravilha, mas sai melhor do que qualquer outro prato.

Seria contraproducente confeccionar uma torta, pois ela tem a mão pesada para a pastelaria, mas faz uns pudins escapatórios. Creio que encontrará um bom bocado de Stilton no Abbot; sempre ouvi dizer que os cavalheiros apreciam. Quanto a vinho, ainda há uma boa quantidade, da reserva do meu pai. Uma garrafa de Moselle espumoso, talvez...

- Oh, não, Miss Viner, não é preciso!

- Não seja tola, minha filha! Nenhum cavalheiro se sente feliz se não beber qualquer coisa com a refeição. Se acha que preferirá uísqui, há algum excelente, de antes da guerra. Faça o que lhe digo e não discuta.

A chave da adega está na terceira gaveta da cómoda, dentro do segundo par de meias do lado esquerdo.

Katherine abriu a gaveta indicada, obedientemente.

- É no segundo par - advertiu Miss Viner. - No primeiro estão os meus brincos de diamantes e o meu alfinete.

- Oh! - exclamou Katherine, surpreendida. -- Não seria melhor guardá-los no guarda-jóias?

Miss Viner soltou um resmungo indignado e lento.

- Claro que não! Não seria eu que cometeria uma idiotice dessas. Ainda me lembro do que aconteceu ao meu pobre pai, que mandou construir um cofre-forte, no andar de baixo... Ficou contentíssimo e disse a minha mãe: "Agora, Mary, trazes-me todas as noites a caixa das jóias, para eu a fechar no cofre." Minha mãe era uma mulher muito sensata e, como não ignorava que os homens gostam sempre de levar a sua avante, todas as noites lhe levava a caixa das jóias. Uma noite os ladrões assaltaram-nos a casa e, evidentemente, a primeira coisa que arrombaram foi o cofre! Era de esperar, pois o meu pai gabara-se da sua existência aos quatro ventos, como se guardasse nele todos os diamantes do rei Salomão. Limparam tudo: as canecas de cerveja, as chávenas de prata, uma salva de ouro que tinham oferecido ao meu pai e a caixa das jóias.

Suspirou, saudosa, e acrescentou:

- Meu pai ficou preocupadíssimo por causa das jóias de minha mãe: um conjunto veneziano e alguns bonitos camafeus, objectos de coral rosado e dois anéis de diamantes, com pedras grandes. Ela teve de dizer-lhe, claro, que, por ser uma mulher sensata, guardava as jóias enroladas em dois espartilhos e, portanto, tinham escapado aos gatunos.

- Quer dizer que a caixa estava vazia?

- Não minha filha; assim ficaria muito leve e o meu pai perceberia. Minha mãe era inteligente, não esqueceu esse pormenor: guardava os botões na caixa, o que tinha a vantagem de saber sempre onde estavam! Botões de botas no compartimento de cima, botões de calças no do meio e botões sortidos no de baixo. O engraçado é que meu pai ficou aborrecido com ela, afirmou que não gostava que o enganassem. Mas estou para aqui a tagarelar e a menina quer ir telefonar ao seu

amigo. Não se esqueça de escolher uma bela peça de carne e de dizer à Ellen que veja se não tem malhas caídas nas meias, quando servir à mesa!

- Ela chama-se Ellen ou Helen, Miss Viner? Pensava...

Miss Viner fechou os olhos e respondeu:

- Sei pronunciar os “hh” tão bem como qualquer pessoa, minha querida, mas Helen não é nome decente para uma criada. Não sei que ideias são as das mães das classes baixas, hoje em dia!

A chuva cessara quando Knighton chegou à moradia. Um sol pálido e incerto iluminava a cabeça de Katherine, que o esperava à porta.

- Espero que não esteja zangada, mas tinha de vê-la! – disse Knighton, dirigindo-se-lhe ansiosamente, com um entusiasmo quase infantil. - Espero que a amiga com quem está não se tenha zangado.

- Entre, para a conhecer - convidou-o Miss Grey. - À primeira vista pode assustar, mas depressa verificará que tem o melhor coração do mundo.

Miss Viner estava majestosamente entronizada na sala, ostentando um jogo completo dos camafeus tão providencialmente preservados pela sensatez da mãe.

Cumprimentou Knighton com uma dignidade e uma austera polidez que teriam desanimado muitos homens. Knighton, porém, tinha um encanto especial e, passados cerca de dez minutos, Miss Viner enterneceu-se perceptivelmente. O almoço decorreu com alegria e Ellen, ou Helen, com um par de meias novas, sem malhas caídas, realizou prodígios a servir à mesa.

Depois Katherine e Knighton saíram para um passeio, regressaram e tomaram chá a sós, pois Miss Viner deitara-se.

Quando o major partiu, Katherine subiu lentamente ao primeiro andar e Miss Viner chamou-a.

- O seu amigo já se foi embora?

- Já. Agradeço-lhe muito tê-lo deixado vir.

- Não tem nada que agradecer. Ou julga que sou uma velha rabugenta, incapaz de fazer seja o que for pelos outros?

- Julgo que é uma querida - murmurou Katherine, afectuosamente.

- Hum... - resmungou a velhota, comovida.

Quando Miss Grey ia a sair, chamou-a: - Katherine...

- Miss Viner?

- Estava enganada acerca do seu rapaz. Quando um homem está interessado em cativar alguém, interesseiramente, pode mostrar-se cordial, galante, pródigo de atenções e encantador em todo o sentido; mas quando está realmente apaixonado, por mais que faça parece sempre um cordeiro. O seu amigo, quando a olhava, parecia um cordeirinho. Retiro tudo quanto disse esta manhã; ele é sincero.

XXXI

MR. AARONS ALMOÇA

- Ah! - exclamou Mr. Joseph Aarons, consolado.

Levou a caneca aos lábios, bebeu um longo golo, suspirou, limpou a espuma da cerveja dos lábios e sorriu ao seu anfitrião, Monsieur Hercule Poirot.

- Dêem-me um bom bife de cervejaria e uma caneca de qualquer coisa digna de se beber, e podeis ficar com as vossas iguarias francesas, com os vossos “ordóvres”, as vossas omeletas e os vossos franguinhos!

Dêem-me - repetiu - um bom bife de cervejaria!

Poirot, que acabava de satisfazer-lhe a preferência, sorriu, compreensivo.

- Não quero dizer que haja algum mal num pudim de rins ou num bife simples - continuou Mr. Aarons.

- Torta de maçã? Sim, comerei torta de maçã, Miss, e uma taça de nata.

O almoço prosseguiu até que, finalmente, com um profundo suspiro, Mr. Aarons pousou faca e garfo, para se entreter com um bocadinho de queijo antes de pensar noutras coisas...

- Falou num assunto qualquer que precisava de tratar, Monsieur Poirot... Terei muito prazer em o ajudar no que puder.

- É muito amável. Disse para comigo: “Se queres saber alguma coisa acerca de gente de teatro, existe apenas uma pessoa perfeitamente elucidada a esse respeito, e essa pessoa é o teu velho amigo, Mr. Joseph Aarons. “

- E não se enganou! - redarguiu, complacente, o comilão. - Esteja interessado no passado, no presente ou no futuro, Joseph Aarons é o homem indicado.

- Précisément. Desejava perguntar-lhe, Monsieur Aarons, o que sabe acerca de uma jovem chamada Kidd.

- Kidd? Kitty Kidd?

- Kitty Kidd.

- Foi muito esperta. Disfarçava-se de homem, cantava e dançava... É essa que lhe interessa?

- Sim, é essa.

- Foi muito esperta. Arranjou um bom pecúlio, pois nunca lhe faltavam contratos. Dedicava-se sobretudo a fazer papéis de homem, mas também não havia nada que se lhe dissesse como atriz de caracteres típicos.

- Foi o que ouvi dizer - concordou Poirot. – Mas ultimamente não tem aparecido, pois não?

- Não. Abandonou a carreira, foi para França e juntou-se a um nobre qualquer. Suponho que deixou definitivamente o palco.

- Há quanto tempo foi isso?

- Ora deixe ver... Há três anos. E garanto-lhe que foi uma perda para o teatro.

- Era inteligente?

- Se era inteligente!

- Não sabe o nome do homem a quem se ligou, em Paris?

- Sei que era um figurão importante, um conde... ou seria um marquês? Pensando bem, creio que era um marquês.

- E, depois disso, não soube mais nada dela?

- Nada. Nunca sequer a encontrei, por acaso.

Aposto que leva vida regalada por essas estâncias estrangeiras, marquesa para toda a vida. Com a Kitty ninguém brincava nem levava a melhor.

- Compreendo - murmurou Poirot, pensativo.

- Lamento não poder dizer-lhe mais nada, Mister Poirot; gostaria de ser-lhe útil. Não me esqueço do favor que me prestou, em tempos.

- Ora, estamos quites! O senhor também me fez um favor.

- Amor com amor se paga! - exclamou Mr. Aarons, soltando uma gargalhada.

- A sua profissão deve ser muito interessante.

- Assim-assim - redarguiu Mr. Aarons, sem entusiasmo. – O bom e o mau equilibram-se. Bem vistas todas as coisas, não me dou muito mal. Mas é preciso conservar os olhos bem abertos!

Nunca se sabe o que o público quererá a seguir.

- Nos últimos anos, a dança tem estado muito em voga - observou o detective.

- Pessoalmente, nunca vi nada nesse tal ballet russo, mas o público gosta... É demasiado complicado para mim.

- Conheci uma bailarina na Riviera, uma tal Mademoiselle Mirelle...

- Mirelle? Oh, isso é material caro! Tem sempre dinheiro a apoiá-la, embora, a verdade seja dita, a pequena saiba dançar. Vi-a e sei do que estou a falar.

Nunca tive de lidar muito com ela, mas consta-me que é o diabo em figura de gente. Birras e caprichos, a toda a hora...

- Sim, também me parece.

- Temperamento! - exclamou Mr. Aarons, desdenhoso. - Temperamento! Pelo menos é como lhe chamam. A minha patroa também foi bailarina, antes de casar comigo, mas confesso que, felizmente nunca teve temperamento. No lar não se quer temperamento, Mister Poirot!

- Concordo consigo, meu amigo. Fica deslocado.

- Uma mulher deve ser calma e compreensiva... e boa cozinheira.

- Mirelle não trabalha há muito tempo, pois não?

- Há cerca de dois anos e meio, apenas. Lançou-a um duque francês qualquer. Ouvi dizer que anda agora com o ex-primeiro-ministro da Grécia. São tipos como estes que podem empatar dinheiro nela, sem lhes dar pelo forro da camisa.

- Essa do ex-ministro é novidade para mim!

- Oh, não é mulher para deixar a erva crescer debaixo dos pés! Dizem que o jovem Kettering matou a esposa por causa dela... Não sei. No entanto, ele está preso e Mirelle achou conveniente olhar à sua volta...

E não se pode dizer que não tenha sido esperta! Dizem que usa agora um rubi do tamanho de um ovo de pombo. Claro que nunca na minha vida vi um ovo de pombo, mas é a expressão que empregam sempre em trabalhos de ficção...

- Um rubi do tamanho de um ovo de pombo! - exclamou Poirot, com um brilho verde, felino, nos olhos. - Que interessante!

- Foi um amigo quem mo disse. Mas, claro, talvez seja apenas vidro colorido! Estas mulheres de teatro são todas as mesmas; nunca se cansam de inventar grandes histórias acerca das suas jóias. Mirelle, por exemplo, apregoa que o rubi em questão está amaldiçoado. Creio que lhe chama "Coração de Fogo".

- Mas o rubi chamado "Coração de Fogo" é a pedra central de um colar! - observou Poirot. - Tenho a certeza.

- Aí tem! Não lhe disse que estavam sempre a inventar histórias acerca de jóias? Este rubi é uma pedra única, que ela traz ao pescoço pendente de um fio de platina. Quase jurava que é um calhau colorido!

- Não - murmurou Poirot, lentamente -, não creio que seja vidro colorido.

XXXII

KATHERINE E POIROT COMPARAM NOTAS

- Mudou, mademoiselle - disse Poirot a Katherine, sentada na sua frente a uma mesa do Savoy. - Não há dúvida, mudou...

- Em que sentido?

- Essas nuances são difíceis de explicar, mademoiselle.

- Estou mais velha.

- Sim, está mais velha... Mas não quero dizer com isto que as rugas e os pés de galinha estejam a chegar. Quando a conheci, era uma observadora, uma espectadora da vida; tinha o olhar tranquilo e divertido de quem assiste ao espectáculo confortavelmente instalado num camarote.

- E agora?

- Agora já não observa. Talvez seja absurdo o que vou dizer, mas tem o olhar atento de um lutador a travar um combate difícil.

- Às vezes a minha velhinha é difícil – confessou Katherine -, mas garanto-lhe que não travo combates de luta com ela. Há-de ir visitá-la um dia, Monsieur Poirot; estou convencida de que apreciará a sua coragem e o seu espírito.

Seguiu-se uma pausa, enquanto o criado lhes servia frango en casserole. Quando os deixou, Poirot perguntou:

- Nunca me ouviu falar do meu amigo Hastings?

Aquele que me chama uma ostra humana... Eh bien, mademoiselle, encontrei em si o meu par. A mademoiselle, muito mais do que eu, faz um jogo solitário.

- Que tolice! - protestou Katherine, de ânimo leve.

- Hercule Poirot nunca diz tolices!

Novo silêncio, que o detective interrompeu com outra pergunta:

- Viu algum dos nossos amigos da Riviera, desde que voltou?

- Tenho visto o major Knighton.

- Ah! É, então, isso? - Havia nos olhos brilhantes do detective um não sei quê que obrigou Katherine a baixar os seus. - Quer dizer que Mister Van Aldin continua em Londres?

- Continua.

- Devo tentar vê-lo amanhã ou depois.

- Tem notícias para ele?

- Porque pensa que terei?

- Não sei, pensei apenas.

Poirot fitou-a, atentamente, e disse-lhe:

- Estou a ver, mademoiselle, que deseja perguntar-me muitas coisas. Porque não? O caso do Comboio Azul não é o nosso romance policial?

- É verdade, gostaria de perguntar-lhe certas coisas.

- Eh bien?

Katherine levantou a cabeça, com um súbito ar resoluto, e inquiriu:

- Que esteve a fazer em Paris, Monsieur Poirot?

- Passei pela Embaixada russa - respondeu, com um leve sorriso.

- Oh!

- Vejo que a resposta não lhe diz nada, mas não serei uma ostra humana; porei as cartas na mesa, uma coisa que as ostras não fazem, com certeza. Suspeita, não é verdade, que a acusação contra Derek Kettering não me satisfaz?

- É isso que me tem confundido. Pensei, em Nice, que encerrara o caso.

- Não disse tudo o que pensa, mademoiselle, mas eu não farei reservas. Fui eu, ou seja, as minhas investigações, que pus Derek Kettering onde ele está. Se não fosse a minha insistência, o juiz de instrução ainda agora tentaria, em vão, atirar com o crime para cima do conde de la Roche. Eh bien, mademoiselle, não lamento o que fiz. Tenho apenas o dever de descobrir a verdade e foi esse dever que me levou direito a Derek Kettering. Mas o caminho para a verdade terminaria aí? A Polícia afirma que sim; mas eu, Hercule Poirot, não tenho a certeza. - Fez uma pausa e perguntou, de súbito: - Teve notícias de Mademoiselle Lenox, ultimamente?

- Uma carta muito breve. Creio que está aborrecida comigo por ter regressado a Inglaterra.

- Falei com ela na noite em que Mister Kettering foi preso e posso afirmar-lhe que tivemos uma entrevista interessante, em vários sentidos.

Nova pausa, e Katherine não interrompeu o fio do seu pensamento.

- Mademoiselle, embora vá pisar terreno perigoso, atrevo-me a dizer-lhe o seguinte: Há, creio, alguém que ama Mister Kettering, corrija-me, se me engano, e, por amor desse alguém, espero que a Polícia esteja enganada e eu certo. Sabe quem é esse alguém?

- Suponho que sim.

- Não estou convencido, mademoiselle – repetiu o detective, inclinando-se para ela. - Não estou. Os factos principais apontavam indubitavelmente para Mister Kettering, mas houve um pormenor que não entrou em linha de conta.

- Qual?

- O rosto desfigurado da vítima. Tenho pergunta do a mim mesmo centenas de vezes se Derek Kettering seria homem capaz de praticar semelhante barbáridade depois de cometer um homicídio. Com que motivo? Para quê? Será acção que se coadune com o temperamento de Mister Kettering? Confesso, mademoiselle, que a resposta a todas estas perguntas é profundamente insatisfatória. Volto sempre ao mesmo ponto: Porquê? Os únicos dados de que disponho para me ajudarem a resolver o problema são estes...

Tirou o livro de apontamentos da algibeira e retirou do mesmo qualquer coisa que segurou entre o indicador e o polegar.

- Lembra-se, mademoiselle? Viu-me tirar estes cabelos da manta, no compartimento do comboio.

Katherine inclinou-se para a frente e observou atentamente os cabelos.

- Vejo que não lhe sugerem nada, mademoiselle.

E no entanto... creio que pouco lhe passa despercebido.

- Tive ideias, ideias curiosas - murmurou Katherine, devagar. - Por isso lhe perguntei o que esteve a fazer em Paris, Monsieur Poirot.

- Quando lhe escrevi...

- Do Ritz?

Um sorriso curioso entreabriu os lábios do detective.

- Sim, do Ritz. Sou um homem que aprecia o luxo, às vezes... quando um milionário paga.

- Não compreendo qual possa ser o papel da Embaixada russa.

- A relação com o caso não é directa, mademoiselle.

Fui lá para obter determinada informação, falei com certo personagem e ameacei-o... Sim, mademoiselle, eu, Hercule Poirot, ameacei-o!

- Com a Polícia?

- Não. Com a Imprensa, que é uma arma muito mais temível.

Olhou para Katherine, que lhe sorriu e abanou a cabeça.

- Não está a transformar-se outra vez numa ostra, Monsieur Poirot?

- Não, não é minha intenção ser misterioso. Dir-lhe-éi tudo. Suspeito de que o tal indivíduo com quem falei teve parte activa na venda dos rubis a Mister Van Aldin. Acusei-o disso e acabei por arrancar-lhe a história toda. Soube onde as jóias tinham sido entregues e, também, que um homem passeava para cima e para baixo na rua, um homem com uma venerável cabeça branca, mas que andava com o passo ágil e elástico de um indivíduo novo. Mentalmente, dei a esse homem o nome de “Senhor Marquês”.

- E agora veio a Londres para falar com Mister Van Aldin?

- Não apenas por essa razão; tinha outras coisas que tratar. Desde que cheguei a Londres falei com duas pessoas: um agente teatral e um médico da Harley Street.

De cada um deles obtive determinadas informações... Some um e um, mademoiselle, e veja se obtém o mesmo resultado que eu.

- Eu?

- Sim, mademoiselle. Dir-lhe-ei ainda mais uma coisa: houve sempre no meu espírito uma dúvida: teriam o assassinio e o roubo sido cometidos pela mesma pessoa? Durante muito tempo não tive a certeza...

- E agora?

- Agora sei.

Após um momento de silêncio, Katherine levantou a cabeça. Os seus olhos brilhavam.

- Não sou tão inteligente como o senhor, Monsieur Poirot. Metade das coisas que me disse parece-me sem significado. As minhas ideias provêm de um ângulo tão diferente...

- Ah, mas é sempre assim! - afirmou Poirot, calmamente. - Um espelho mostra a verdade, mas as pessoas olham para o espelho de ângulos diferentes.

- As minhas ideias podem ser absurdas, podem ser inteiramente diferentes das suas, mas...

- Mas?

- Acha que isto ajuda alguma coisa?

Poirot aceitou o recorte de jornal que ela lhe estendia, leu-o e acenou gravemente com a cabeça.

- Como lhe disse, mademoiselle, olhamos para o espelho da verdade de ângulos diferentes, mas o espelho é o mesmo e as imagens reflectidas as mesmas também.

Katherine levantou-se.

- Tenho de partir depressa - disse. - Se me demoro mais, perco o comboio. Monsieur Poirot...

- Mademoiselle?

- Oxalá não demore muito mais tempo, compreende? Não posso... não posso suportar durante muito mais tempo.

A voz tremeu-lhe e o detective bateu-lhe na mão, num gesto tranquilizador.

- Coragem, mademoiselle; não deve fraquejar agora. O fim está muito próximo.

XXXIII

NOVA TEORIA

- Monsieur Poirot deseja falar-lhe, senhor.

- Diabos o levem! - praguejou Van Aldin.

Knighon manteve-se num silêncio compreensivo e o americano levantou-se da cadeira e começou a andar de um lado para o outro.

- Suponho que viu os malditos jornais desta manhã?

- Passei uma vista de olhos, senhor.

- Continuam a martelar na mesma tecla?

- Receio que sim, senhor.

O milionário sentou-se e apertou a testa nas mãos.

- Se eu tivesse previsto isto... Oh, quem me dera nunca ter encarregado aquele belga de má morte de descobrir a verdade! Só pensava em encontrar o assassino de Ruth, mais nada.

- Não queria, certamente, que o seu genro ficasse sem castigo?

- Preferia ter feito justiça pelas minhas próprias mãos! - afirmou o americano, com um suspiro.

- Não me parece que tivesse sido um procedimento sensato, senhor.

- Enfm, tem a certeza de que o indivíduo quer ver-me a mim?

- Tenho, sim, Mister Van Aldin. Mostrou grande empenho.

- Nesse caso, não tenho outro remédio. Diga-lhe que pode aparecer esta manhã, se quiser.

Foi um Poirot cheio de vitalidade e boa disposição que apareceu no hotel, para ser recebido pelo milionário. Não pareceu notar qualquer falta de cordialidade no acolhimento que este lhe dispensou e tagarelou despreocupadamente acerca de várias ninharias. Viera a Londres, explicou, a fim de visitar o seu médico, e indicou o nome de um eminente cirurgião.

- Não, não, pas la guerre. Uma recordação dos tempos em que prestei serviço na Polícia: uma bala de um bandido. - Tocou no ombro esquerdo e estremeceu, com uma careta de dor muito convincente.

- Sempre o considere um homem afortunado, Monsieur Van Aldin.

Não se coaduna com a ideia popular que fazemos dos milionários americanos: mártires da dispepsia!

- Sou rijo - concordou Van Aldin. - Levo uma vida simples, como sabe, e alimento-me frugalmente e em pouca quantidade.

- Tem visto Miss Grey, não é verdade? – perguntou inocentemente Poirot, voltando-se para o secretário.

- S-sim... uma ou duas vezes... – gaguejou Knighton, corando.

É curioso, Knighton, mas nunca me disse que a vira - exclamou Van Aldin, surpreendido.

- Não supus que estivesse interessado, senhor.

- Simpatizo muito com ela.

- É uma pena que se tenha enterrado, de novo, em Saint Mary Mead - comentou Poirot.

- É muito nobre da sua parte! - afirmou o major, com calor. - Poucas pessoas seriam capazes de tal sacrifício por uma velha intratável, que não lhe é nada!

- Longe de mim, dizer o contrário! - afirmou

Poirot, sorridente. - No entanto, não deixa de ser uma pena. E agora, cavalheiros, falemos de coisas sérias.

Ambos os homens o fitaram, surpreendidos.

- Peço-lhe, Monsieur Van Aldin, que não se sinta indignado nem alarmado com o que vou dizer-lhe. Suponha que, no fim de contas, Monsieur Derek Kettering não assassinou a mulher...

- O quê!!

- Suponha, repito, que Monsieur Kettering não assassinou a esposa.

- É doido, Monsieur Poirot? - perguntou o americano.

- Não, não sou doido. Serei excêntrico, talvez, pelo menos é o que dizem certas pessoas, mas, no que respeita à minha profissão, tenho os olhos bem abertos.

Pergunto-lhe, Monsieur Van Aldin, se ficaria contente ou triste se o que lhe disse fosse verdade?

Van Aldin fitou-o, perplexo, e por fim respondeu:

- Ficaria contente, naturalmente. Mas trata-se de um jogo de suposições, Monsieur Poirot, ou baseia-se em factos?

Poirot olhou para o tecto e replicou, imperturbável:

- Existia uma probabilidade de que pudesse ter sido o conde de la Roche. Pelo menos consegui arrasar-lhe o álibi.

- Conseguiu como?

- Tenho os meus métodos próprios - confessou, com um modesto encolher de ombros. - Um bocadinho de tacto, uma certa astúcia... e pronto.

- Mas os rubis, os tais rubis que o conde tinha em seu poder, eram falsos.

- E, logicamente, ele não teria cometido o crime, a não ser pelos rubis. Mas esquece uma probabilidade, Monsieur Van Aldin: pode ter chegado alguém primeiro do que ele, no que respeita aos rubis.

- Isso é uma teoria inteiramente nova! - exclamou o major.

- Acredita, de facto, em toda essa história, Monsieur Poirot? - inquiriu o milionário.

- Ainda não está nada provado; por enquanto trata-se apenas de uma nova teoria. Mas afirmo-lhe, Monsieur Van Aldin, que os factos merecem ser investigados.

Deve acompanhar-me ao Sul da França, para estudar o assunto no local.

- Acha realmente necessário... que eu vá?

- Pensei que seria isso que o senhor desejaria. - Havia no tom da sua voz uma sugestão de censura, que não passou despercebida ao americano.

- Sim, sim, claro... Quando deseja partir, Monsieur Poirot?

- Tem muito que fazer neste momento - lembrou Knighton.

Mas o milionário tomara uma decisão e não ligou importância às objecções do secretário.

- Penso que este caso deve ter a preferência - declarou. - Muito bem, Monsieur Poirot, partiremos amanhã. Em que comboio?

- Suponho que no Comboio Azul - respondeu o detective, a sorrir.

OUTRA VEZ NO COMBOIO AZUL

“O Comboio dos Milionários” como por vezes lhe, chamavam, transpôs uma curva a uma velocidade que parecia perigosa. Van Aldin, Knighton e Poirot viajavam em silêncio. O milionário e o secretário tinham dois compartimentos com comunicação, como Ruth Kettering e a criada, na viagem fatídica, e o compartimento do detective ficava mais ao fundo da carruagem.

A viagem era penosa para o milionário, pois acordava-lhe recordações dolorosas. Poirot e o secretário conversavam de vez em quando, em voz baixa, para não o perturbarem.

Mas quando o comboio completou a lenta viagem em redor da ceinture e chegou à Gare de Lyon, Poirot iniciou de súbito uma actividade febril. Van Aldin compreendeu que parte do seu objectivo ao viajar naquele comboio era tentar reconstituir o crime.

O detective representava todos os papéis: era sucessivamente criada apressadamente fechada no seu compartimento, Mrs. Kettering reconhecendo o marido com surpresa e certa ansiedade, e Derek Kettering ao descobrir que a mulher viajava no mesmo comboio que ele. Experimentou várias possibilidades, como a melhor maneira de uma pessoa se ocultar no segundo compartimento.

De súbito, pareceu ocorrer-lhe uma ideia importante e agarrou com força no braço do americano.

- Mon Dieu, não tinha pensado nisso! Precisamos de interromper a viagem em Paris. Depressa, depressa, apeemo-nos!

Pegou nas malas e correu para fora do comboio, enquanto Van Aldin e Knighton o seguiam, perplexos, mas obedientes. Um funcionário deteve-os na barreira, pois os bilhetes tinham ficado em poder do condutor, facto que os três haviam esquecido.

Poirot apresentou explicações rápidas, fluentes e apaixonadas, mas as mesmas não produziram efeito nenhum no impassível funcionário.

- Acabemos com isto! - decidiu Van Aldin, bruscamente. - Calculo que esteja com pressa, Monsieur Poirot; portanto, pelo amor de Deus, pague os bilhetes desde Calais, para se tratar do que quer que tem em mente.

Mas o manancial de palavras do detective secou de súbito, deixando-o com o aspecto de um homem transformado em pedra. Os braços, que abrira num gesto apaixonado, continuaram assim, paralisados.

- Fui um imbecil! - murmurou. - Ma foi, hoje em dia começo a perder a cabeça! Voltemos ao comboio e continuemos tranquilamente a nossa viagem.

Com alguma sorte, a composição ainda se encontrará no cais.

Foi por um triz, pois o comboio começou a andar quando o major, o último dos três, se içou e à maleta para a carruagem.

O condutor protestou, irritado, e ajudou-os a levar a bagagem para os respectivos compartimentos. Van Aldin não dizia nada, mas era evidente que estava aborrecido com a extraordinária conduta do detective.

Ao ficar um momento a sós com o secretário, observou:

- Fazemos uma viagem inútil; o indivíduo perdeu a tramontana. É certo que tem miolos, mas um homem que perde a cabeça e se ataranta como um coelho assustado não serve para nada.

Poirot juntou-se-lhes pouco depois e mostrou-se tão pródigo em humildes desculpas e tão desanimado que quaisquer palavras ásperas teriam sido supérfluas.

Van Aldin aceitou gravemente as desculpas, mas conseguiu dominar-se e não fazer comentários ácidos.

Jantaram no comboio e depois, com certa surpresa para os outros dois, Poirot sugeriu que se sentassem todos no compartimento de Van Aldin.

- Oculta-nos alguma coisa, Monsieur Poirot? perguntou-lhe o milionário, curioso.

- Eu? - O detective abriu os olhos, cheio de inocente surpresa. - Mas que ideia!

Van Aldin não respondeu, embora não estivesse convencido. Informaram o condutor de que não era preciso armar as camas e se a ordem o surpreendeu, a magnanimidade da gorjeta do americano compensou-o. Os três homens sentaram-se, em silêncio. Poirot mexia-se constantemente, inquieto, e pouco depois perguntou ao secretário:

- Major Knighton, a porta do seu compartimento está fechada à chave? Refiro-me à que dá para o corredor.

- Está, fechei-a eu próprio, há pouco.

- Tem a certeza?

- Irei certificar-me, se quiser - prontificou-se Knighton, com um sorriso ambíguo.

- Não, não se incomode; irei eu mesmo verificar.

Transpôs a porta de comunicação e voltou logo a seguir, a acenar com a cabeça.

- Tinha razão - murmurou. - Deve perdoar as manias de um velho... - Fechou a porta de comunicação e sentou-se no seu lugar, no canto da direita.

As horas passavam. Os três homens dormitavam e acordavam em sobressalto. Provavelmente nunca três pessoas tinham reservado camas no comboio mais luxuoso do mundo para depois se recusarem a beneficiar das acomodações pagas. De vez em quando Poirot olhava o relógio, abanava a cabeça e mergulhava de novo numa desconfortável sonolência. A certa altura, levantou-se, abriu a porta de comunicação, espreitou para o compartimento contíguo e regressou em seguida ao seu lugar, a abanar a cabeça.

- Que se passa? - perguntou-lhe Knighton, baixinho. - Está à espera que aconteça qualquer coisa, não está?

- Estou nervoso - confessou o detective. - Sou como um gato num telhado quente; qualquer ruído me assusta.

- Que viagem desconfortável! - resmungou Knighton, entre bocejos. - Espero que saiba o que está a fazer, Monsieur Poirot.

Ajeitou-se o melhor que pôde e tanto ele como o milionário caíram no sono. De súbito, Poirot olhou pela décima quarta vez para o relógio, estendeu o braço e bateu no ombro do milionário.

- Que é?

- Chegaremos a Lyon daqui a cinco ou dez minutos, Monsieur.

- Meu Deus! - exclamou Van Aldin, cujo rosto parecia lívido à luz fraca do compartimento. - Então deve ter sido mais ou menos a esta hora que a minha pobre Ruth foi assassinada.

Olhava a direito na sua frente, com os lábios a tremer e o cérebro a recordar a terrível tragédia que enlutara a sua vida.

Ouviu-se o habitual ranger de travões, o comboio perdeu velocidade e parou em Lyon. Van Aldin desceu a janela e olhou para fora.

- Se não foi Derek, se a sua nova teoria está certa, deve ter sido aqui que o homem abandonou o comboio? - perguntou, por cima do ombro.

Com surpresa sua, Poirot abanou a cabeça e respondeu, pensativo:

- Não, nenhum homem abandonou o comboio.

Mas penso... sim, uma mulher deve tê-lo abandonado.

Knighton abriu a boca e o americano perguntou, vivamente:

- Uma mulher?

- Sim, uma mulher. Talvez não se lembre, mas Miss Grey, ao prestar declarações, mencionou que um jovem de boné e sobretudo desceu para o cais, ostensivamente para desentorpecer as pernas. Na minha opinião, esse homem era uma mulher.

- Mas quem?

O rosto de Van Aldin traduzia incredulidade, mas o detective respondeu-lhe, séria e categoricamente:

- O seu nome - ou o nome pelo qual foi conhecida durante muitos anos - é Kitty Kidd, mas o senhor conhece-a por outro nome: o de Ada Mason.

Knighton levantou-se e gritou:

- O quê?

Poirot virou-se para ele, tirou qualquer coisa da algibeira e estendeu-lha:

- Antes que me esqueça... Permita que lhe ofereça um cigarro, da sua própria cigarreira. Foi descuido da sua parte deixá-la cair quando entrou no comboio na ceinture de Paris.

Knighton fitou-o, petrificado, depois esboçou um movimento, mas Poirot estendeu a mão, num gesto de advertência:

- Não se mexa - ordenou, em voz macia como seda. - A porta que dá para o próximo compartimento está aberta e neste momento o senhor encontra-se sob a ameaça das armas. Abri a porta do corredor, quando deixámos Paris, e os nossos amigos da Polícia receberam ordem para ocupar os seus lugares... Como deve saber, a Polícia francesa tem um empenho enorme em apanhá-lo, major Knighton... ou deverei dizer senhor Marquês?

XXXV

EXPLICAÇÕES

- Explicações? - perguntou Poirot, a sorrir.

Estava sentado defronte do milionário, à mesa do almoço, nos aposentos daquele no Negresco. O milionário tinha agora o ar de um homem intrigado, mas aliviado. O detective recostou-se na cadeira, acendeu um dos seus cigarros e olhou para o tecto.

- Sim, dar-lhe-ei explicações... Começou com o pormenor que me intrigou... Sabe de que pormenor falo? O rosto desfigurado. É uma característica que não é raro encontrar-se quando se investiga um crime e suscita uma pergunta imediata: a identidade? Foi, naturalmente, a primeira coisa que me ocorreu. A morta seria, de facto, Mistress Kettering? Mas o testemunho de Miss Grey foi positivo, nesse aspecto, e merecedor de toda a confiança, e por isso abandonei a ideia. A vítima era Ruth Kettering.

- Quando começou a suspeitar da criada?

- Demorei algum tempo, confesso, mas determinado pormenor peculiar chamou a minha atenção para ela: a cigarreira encontrada na carruagem e que ela nos disse ter sido dada por Mistress Kettering ao marido.

Ora essa dádiva pareceu-me muito improvável, em virtude dos termos em que o casal vivia, e tanto bastou para que no meu espírito surgisse uma dúvida quanto à veracidade de todas as declarações de Ada Mason.

Havia ainda o facto suspeito e de tomar em consideração de se encontrar apenas há dois meses ao serviço de sua filha. Claro que parecia impossível que estivesse relacionada com o crime, pois ficara em Paris e Mistress Kettering fora vista por diversas pessoas, depois disso...

Poirot inclinou-se para a frente, agitou enfaticamente um indicador na cara do milionário e prosseguiu:

- Mas eu sou um bom detective e, como tal, suspeito. Não há nada nem ninguém de que não suspeite, não acredito em nada do que me dizem e perguntei a mim mesmo: "Como sabemos que Ada Mason ficou em Paris?" Ao princípio a resposta pareceu-me satisfatória: havia as declarações do seu secretário, pessoa absolutamente alheia ao caso, cujo testemunho era de supor que fosse imparcial em absoluto, e havia também as palavras da própria morta ao condutor. Resolvi, no entanto, pôr de lado o último pormenor, pois começava a ganhar forma no meu espírito uma ideia muito curiosa, uma ideia talvez fantástica e impossível. Se, por uma sorte inesperada, fosse verdadeira, o referido depoimento não valia nada.

"Concentrei toda a minha atenção no maior obstáculo à minha teoria: a afirmação do major Knighton de que vira Ada Mason no Ritz, depois de o Comboio Azul ter deixado Paris. A

afirmação parecia conclusiva, mas, ao examinar cuidadosamente os factos, notei duas coisas: primeira, que por curiosa coincidência ele também estava exactamente há dois meses ao serviço; segunda, que a inicial do seu nome era igualmente “K”. E se fosse a cigareira dele que aparecera na carruagem? Se Ada e ele trabalhassem juntos e ela reconhecesse a cigareira do cúmplice quando lha mostrámos, não procederia precisamente como procedeu?

Primeiro mostrou-se surpreendida, mas depressa arranjou uma explicação plausível, com o mérito de se coadunar com a teoria de que Mister Kettering era o assassino. Bien entendu, não era essa a ideia original.

O bode expiatório previsto era o conde de la Roche embora Mason não mostrasse muita certeza no seu reconhecimento, não fosse o indivíduo ter um álibi irrefutável. Agora, se recuar mentalmente a essa altura, recordará uma coisa significativa, que então aconteceu. Sugeriu a Ada Mason que o homem que vira não era o conde de la Roche, mas Derek Kettering. Ela pareceu incerta, no momento, mas depois de eu voltar para o meu hotel o senhor telefonou-me e informou-me de que a Mason o procurara e dissera que, após reflectir, se convencera de que o homem em questão era Mister Kettering. Eu já esperava mais ou menos isso. Só podia haver uma explicação para a súbita certeza da sua parte: tivera tempo de consultar alguém e recebera instruções acerca do procedimento a seguir.

Quem lhe deu essas instruções? O major Knighton.

“Havia ainda outro pequeno pormenor que podia querer dizer muito ou não querer dizer nada. Numa conversa casual, Knighton falara de um roubo de jóias verificado no Yorkshire, numa casa em que se encontrava.

Talvez fosse uma simples coincidência... ou talvez outro elo na cadeia.

- Há uma coisa que não percebo, Monsieur Poirot. Devo ser estúpido, com certeza... Quem foi o homem com o qual minha filha falou em Paris? Derek Kettering ou o conde de la Roche?

- Aí é que reside a beleza e a simplicidade do plano! Não houve homem nenhum! Milde tonnerres! Não vê a astúcia de todo o caso? Quem nos disse ter havido um homem? Ada Mason, apenas. E nós acreditámo-la porque Knighton testemunhou que ela ficara em Paris.

- Mas a própria Ruth disse ao condutor que deixara a criada na capital - teimou Van Aldin.

- Já lá vamos, já lá vamos. Temos o testemunho da própria Mistress Kettering, mas, pensando bem, não temos, pois, Monsieur Van Aldin, uma mulher morta não pode testemunhar. Não é o testemunho dela que temos, mas o do condutor do comboio, o que é muito diferente.

- Pensa, então, que o homem mentiu?

- De maneira nenhuma. Disse o que julgava ser a verdade. Mas a mulher que lhe disse que deixara a criada em Paris não era Mistress Kettering!

Van Aldin fitava-o, boquiaberto, e Poirot prosseguiu:

- Monsieur Van Aldin, Ruth Kettering foi morta antes de o comboio chegar à Gare de Lyon. Foi Ada Mason, vestida com as roupas características da ama, quem comprou um cesto com o jantar e quem fez a tal declaração importante ao condutor.

- Impossível!

- Não, Mister Van Aldin, não é impossível. Les femmes parecem-se tanto umas com as outras, hoje em dia, que as identificamos mais pelas roupas que vestem do que pelo rosto. Ada era da mesma altura da sua filha e, com o sumptuoso casaco de peles, o chapéu de linho encarnado puxado para os olhos e apenas um bandó de cabelos ruivos a aparecer junto de cada orelha, não admira que o condutor se deixasse iludir.

Lembre-se de que nunca falara com Mistress Kettering.

É certo que vira a criada, quando esta lhe entregara os bilhetes, mas a impressão que colheira fora apenas a de uma mulher magra, vestida de preto. Se fosse um homem invulgarmente inteligente, talvez dissesse que a ama e a serva eram parecidas, mas é muito pouco provável que o tivesse pensado, sequer. Não esqueça que Ada Mason, ou Kitty Kidd, é uma actriz, capaz de mudar de aspecto e de tom de voz do pé para a mão.

Não, não havia perigo de ele perceber que falava com a criada vestida com a roupa da patroa, mas havia o perigo de que, ao descobrir o corpo, compreendesse que não se tratava da mesma mulher com a qual falara na noite anterior. Está a ver a razão do rosto desfigurado. O maior risco que Ada Mason correu foi a possibilidade de Katherine Grey visitar o seu compartimento, depois de o comboio deixar Paris, e para o evitar comprou o cesto do jantar e fechou-se.

- Mas quem matou Ruth... e quando?

- Primeiro, fixe que o crime foi planeado e executado pelos dois, Knighton e Ada Mason, a trabalharem de cumplicidade. No dia fatal Knighton foi a Paris, tratar de assuntos do senhor, e entrou no comboio na ceinture. Mistress Kettering deve ter ficado surpreendida, mas não suspeitou de nada. Talvez ele lhe chamasse a atenção para qualquer coisa, fora da janela, e quando ela se voltou para ver lhe tivesse passado a corda pelo pescoço. Um segundo ou dois, e tudo acabou. A porta do compartimento estava fechada e os dois cúmplices deitaram-se ao trabalho. Despiram as roupas exteriores da morta, enrolaram o corpo numa manta e levaram-no para o banco do compartimento contíguo, entre malas e bagagens. Knighton abandonou então o comboio, levando o guarda-jóias, com os rubis. Como tudo indicará que o crime só foi cometido cerca de doze horas mais tarde, sente-se em absoluta segurança. O seu próprio depoimento e as supostas palavras de Mistress Kettering ao condutor proporcionarão à cúmplice um álibi perfeito.

Na Gare de Lyon, Ada Mason comprou um cesto com o jantar, fechou-se no compartimento, vestiu a roupa da ama, ajustou dois falsos bandós ruivos e caracterizou-se de maneira a parecer-se o mais possível com ela. Quando o condutor foi preparar as camas, disse-lhe, como estava combinado, que deixara a criada em Paris e, enquanto o homem trabalhava, sentou-se com o rosto voltado para a janela, de maneira a que quem passasse no corredor a visse de costas. Foi uma precaução inteligente, pois, como sabemos, Miss Grey foi uma das pessoas que passaram e que juraria estar ainda Mistress Kettering viva a essa hora.

- Continue - pediu Van Aldin.

- Antes de chegar a Lyon, Ada Mason deitou o corpo da ama na cama, dobrou-lhe cuidadosamente as roupas, que arrumou aos pés da mesma, disfarçou-se de homem e preparou-se para abandonar o comboio.

Quando Derek Kettering entrou no compartimento da mulher e julgou vê-la a dormir tranquilamente, presenciava apenas um cenário e Ada Mason encontrava-se no compartimento contíguo, à espera de oportunidade para sair do comboio sem ser notada. Assim que o condutor saltou para o cais, em Lyon, imitou-o, como se fosse apenas tomar ar. Num momento em que ninguém a observava, conseguiu atravessar para o outro cais, meter-se no primeiro comboio e ir instalar-se no Ritz, onde uma das cúmplices femininas de Knighton a registara na véspera. Só lhe restava aguardar placidamente a sua chegada. As jóias não estavam, nem nunca estiveram em seu poder, mas no de Knighton, sobre o qual não recaíam quaisquer suspeitas. Levou-as para Nice sem ter medo de ser descoberto, a fim de serem entregues a Monsieur Papopolous, como fora combinado. No último momento foram confiadas a Mason, que as entregou ao grego. Portanto, um plano minucioso e inteligente, como seria de esperar de um perito na matéria, como o Marquês.

- É então verdade que Richard Knighton é um criminoso conhecido, que trilha há anos a senda do crime?

Poirot acenou afirmativamente.

- Um dos principais motivos de agrado do cavalheiro conhecido pelo Marquês eram as suas maneiras simpáticas e insinuantes... o senhor foi vítima do seu encanto, Monsieur Van Aldin, quando o contratou para secretário após um conhecimento tão breve.

- Juraria que ele nunca pensara em candidatar-se ao lugar - replicou o milionário.

- Foi tudo feito com muita astúcia, tanta que iludiu um homem cujo conhecimento dos outros homens é tão grande como o seu.

- Além disso, averigui os seus antecedentes. As referências foram excelentes.

- Sim, isso fazia parte do jogo. Como Richard Knighton, a sua vida era isenta de mácula. Bem-nascido, bem relacionado, serviços honrosos na guerra e aparentemente acima de toda a suspeita. Mas quando comecei a procurar informações acerca do Marquês encontrei muitos pontos semelhantes. Knighton falava francês como um francês e estivera na América, em França e na Inglaterra ao mesmo tempo que o Marquês operara nesses países. As últimas notícias conhecidas do Marquês relacionavam-no com vários roubos de jóias na Suíça, e foi na Suíça que o senhor conheceu o major Knighton - e foi precisamente nessa altura que começaram a correr boatos de que o senhor estava em negociações para a compra dos famosos rubis.

- Mas porque a assassinou? - murmurou o americano. – Um gatuno inteligente podia ter-se apoderado das jóias sem enfiar a cabeça num nó corredo.

- Este não foi o primeiro assassinio do Marquês.

É um assassino por instinto e acredita na conveniência de não deixar provas atrás de si. Homens mortos e mulheres mortas não falam. O Marquês tinha uma paixão intensa por jóias famosas e históricas. Começou por instalar-se como seu secretário e conseguir que a cúmplice se empregasse como criada de sua filha, a quem supunha que as pedras se destinavam. Embora fosse esse o seu plano cuidadosamente amadurecido, não lhe repugnou tentar encurtar caminho e, para isso, contratou dois celerados, que encarregou de o assaltarem na noite em que comprou os rubis. O improvisado falhou, o que, suponho, não o surpreendeu.

O plano primitivo era absolutamente seguro; ninguém suspeitaria de Richard Knighton. Mas, como todos os grandes homens, sim, porque o Marquês era um grande homem, tinha as suas fraquezas. Apaixonou-se sinceramente por Miss Grey e, suspeitando das simpatias desta por Derek Kettering não resistiu à tentação de lhe atirar com o crime para as costas, quando a oportunidade se lhe apresentou. Agora, Monsieur Van Aldin, vou dizer-lhe uma coisa muito importante: Miss Grey não é uma mulher dada a fantasias, mas crê firmemente que sentiu a presença de sua filha ao seu lado, um dia nos jardins do Casino de Monte Carlo, logo a seguir a uma longa conversa que tivera com Knighton.

Ficou convencida, garante, de que a morta tentava ansiosamente dizer-lhe que Knighton fora o seu assassino! Na altura a ideia pareceu-lhe tão fantástica que não a revelou a ninguém, mas, tão grande era a sua convicção da presença de Mistress Kettering que tentou proceder de acordo com ela. Não desencorajou os sentimentos de Knighton e fingiu-se convencida da culpabilidade de Derek Kettering.

- Extraordinário!

- Sim, é muito estranho. Não podemos explicar estas coisas. A propósito, houve ainda um pormenor que muito me intrigou. O seu secretário coxeava bastante, como consequência de um ferimento de guerra, mas o Marquês não coxeava. Parecia-me um obstáculo inamovível, mas Miss Lenox Tamplin disse-me um dia que o coxear de Knighton constituía uma surpresa para o cirurgião que o tratara no hospital da mãe. Tudo indicava, portanto, haver disfarce. Quando estive em Londres procurei o referido cirurgião, o qual me forneceu alguns dados técnicos que confirmaram essa suspeita. Anteontem mencionei o nome do médico, na presença do seu secretário, e embora fosse natural que Knighton dissesse haver sido tratado por ele, durante a guerra, não disse nada. Esse pormenor convenceu-me ainda mais de que a minha teoria estava certa.

Além disso, Miss Grey deu-me um recorte de jornal onde se lia ter havido um roubo no hospital de guerra de Lady Tamplin, precisamente no período em que Knighton lá esteve internado... Compreendeu que seguia a mesma pista que ela quando lhe escrevi do Ritz de Paris. Foi lá que, embora com dificuldade, obtive provas de que Ada Mason chegou na manhã seguinte ao crime, e não na noite da véspera.

Após um longo silêncio, o milionário estendeu a mão ao detective.

- Deve avaliar o que isso significa para mim, Monsieur Poirot - murmurou comovido. – Amanhã mandar-lhe-ei um cheque, mas não há no mundo cheque capaz de exprimir o que sinto pelo que fez por mim. O senhor é formidável, Monsieur Poirot, é formidável!

Poirot levantou-se, com o peito dilatado, e redarguiu, modesto:

- Sou apenas Hercule Poirot... No entanto, como o senhor mesmo disse, à minha maneira sou um grande homem.

Sinto-me satisfeito e feliz por ter podido ser-lhe útil. Agora vou reparar os estragos da viagem... Ai de mim, o meu excelente George não está comigo!

No vestíbulo do hotel encontrou dois amigos - o venerável Monsieur Papopolous e a filha, Zia.

- Julguei que tinha partido de Nice, Monsieur Poirot - murmurou o grego, apertando a mão estendida do detective.

- Os negócios compeliram-me a voltar, meu caro Monsieur Papopolous.

- Os negócios?

- Sim, os negócios. Por falar nisso, espero que a sua saúde esteja melhor, meu caro amigo?

- Muito melhor. Na realidade, regressamos amanhã a Paris.

- Estou encantado por ouvir tão boas notícias.

Espero que não tenha arruinado completamente o ex-ministro grego...

- Eu?

- Ouvi dizer que lhe vendeu um maravilhoso rubi que, aqui entre nós, anda ao pescoço de Mademoiselle Mirelle, a bailarina.

- Sim, é verdade...

- Um rubi parecido com o famoso "Coração de Fogo". . .

- Tem, sem dúvida, pontos de semelhança - concordou o grego em tom casual.

- Felicito-o pela sua extraordinária habilidade para negociar jóias, Monsieur Papopolous. - Voltou-se para a rapariga e acrescentou: - Desola-me que parta tão depressa, Mademoiselle Zia; esperava vê-la mais vezes, agora que concluí o meu negócio.

- Seria indiscrição perguntar de que negócio se tratou? - indagou o antiquário.

- De maneira nenhuma! Conseguí apanhar o Marquês!

O nobre semblante de Monsieur Papopolous franziu-se numa interrogação.

- O Marquês?... Porque me parecerá esse nome familiar? Mas não, não me lembro de quem se trata.

- Oh, é natural! Refiro-me a um famoso criminoso e ladrão de jóias. Acaba de ser preso pelo assassinio da senhora inglesa, Madame Kettering.

- Deveras? Que interessante!

Seguiu-se uma delicada troca de despedidas e quando Poirot se afastou, Mr. Papopolous disse à filha:

- Aquele homem é o demónio!

- Gosto dele.

- Também eu - admitiu o grego. - Mas nem por isso deixa de ser o demónio!

XXXVI

À BEIRA-MAR

As mimosas estavam no fim e o seu perfume tornara-se levemente desagradável. Gerânios vermelhos enfeitavam a balaustrada da vila de Lady Tamplin e enormes quantidades de cravos perfumavam o ar.

O Mediterrâneo nunca parecera tão azul. Poirot encontrava-se no terraço com Lenox, a quem acabava de contar a mesma história que contara a Van Aldin, dois dias antes.

A jovem escutara-o com apaixonada atenção, de sobranceiras franzidas e olhos sombrios, e quando ele acabou perguntou-lhe:

- E Derek?

- Foi solto ontem.
- Para onde foi?
- Partiu de Nice a noite passada.
- Para Saint Mary Mead?
- Sim, para Saint Mary Mead.

Pausa.

- Estava enganada acerca de Katherine – disse por fim Lenox. - Julgava que não gostava dele.
- É muito reservada, não confia em ninguém.
- Podia ter confiado em mim - redarguiu Lenox, com certo azedume.
- Sim, podia ter confiado em si - concordou o detective, gravemente. - Mas Mademoiselle Katherine passou grande parte da sua vida a ouvir os outros, e aqueles que estão habituados a ouvir não acham fácil falar. Guardam para si alegrias e tristezas, não as contam a ninguém.
- Fui uma idiota! Julguei que ela gostava realmente de Knighton... Convenci-me disso porque... porque esperava que fosse verdade.

Poirot pegou-lhe na mão e apertou-lha amigavelmente.

- Coragem, mademoiselle - murmurou, baixinho.

Lenox olhou para o mar e o seu rosto, na sua feia rigidez, adquiriu por momentos uma trágica beleza.

- Bem, de qualquer maneira não daria resultado!

Sou muito nova para o Derek, que é como uma criança que nunca cresceu. Precisa do toque de madonna...

Após um longo silêncio, voltou-se impulsivamente para o detective e afirmou:

- Mas eu ajudei, Monsieur Poirot, pelo menos ajudei!
- Com certeza! Foi a mademoiselle que me permitiu o primeiro vislumbre da verdade, quando disse que a pessoa que cometeu o crime não precisava de ter viajado no comboio. Antes disso, não conseguia perceber como o caso se passara.
- Ainda bem! - exclamou Lenox, respirando fundo. - Pelo menos... já é alguma coisa.

De muito longe chegou um apito prolongado.

- Lá está o maldito Comboio Azul! Os comboios são coisas implacáveis, não são, Monsieur Poirot?

Morrem pessoas dentro deles, mas continuam o seu caminho, como se nada tivesse acontecido...

Estou a dizer tolices, mas o senhor sabe o que quero dizer.

- A vida é como um comboio, mademoiselle. Segue o seu caminho... E ainda bem!
- Porquê?
- Porque o comboio acaba por chegar ao fim da viagem, e a esse respeito há um provérbio interessante na sua língua, mademoiselle.
- “A viagem acaba com o encontro dos amantes” citou Lenox, a rir. - Para mim não será verdade.
- Há-de ser verdade! É jovem, mais jovem do que imagina. Confie no comboio, mademoiselle, pois é le bon Dieu que o conduz.

O apito soou de novo.

- Confie no comboio, mademoiselle - repetiu. - E confie em Hercule Poirot. Ele sabe!